

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DÉBORA COSTA RAMIRES

**A CONTRIBUIÇÃO DE MLE. MARIA RENNOTTE NA CONSTRUÇÃO E
IMPLANTAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL METODISTA NO COLÉGIO
PIRACICABANO**

Piracicaba

2009

DÉBORA COSTA RAMIRES

**A CONTRIBUIÇÃO DE MLE. MARIA RENNOTTE NA CONSTRUÇÃO E
IMPLANTAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL METODISTA NO COLÉGIO
PIRACICABANO**

**Tese apresentada à Banca
Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Educação da
Universidade Metodista de Piracicaba,
como exigência parcial para a
obtenção do grau de Doutora em
Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Elias Boaventura

Piracicaba

2009

Ramires, Débora Costa
R173c A Contribuição de Mlle. Maria Renotte na construção e implantação do projeto educacional metodista no Colégio Piracicabano / Débora Costa Ramires – Piracicaba, 2009.
143 f.
Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade Metodista de Piracicaba.
Orientador: Prof. Dr. Elias Boaventura.
I. Educação e protestantismo. 2. Educação – Mulheres. 3. Metodismo – Brasil – História. I. Boaventura, Elias. II. Título.

CDU: 37:287

DÉBORA COSTA RAMIRES

**A CONTRIBUIÇÃO DE MLE. MARIA RENNOTTE NA CONSTRUÇÃO E
IMPLANTAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL METODISTA NO COLÉGIO
PIRACICABANO**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Data da defesa:

31/8/2009

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Elias Boaventura (orientador)
Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Profa. Dra. Dagmar da Silva Pinto Castro
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Prof. Dr. José Nemésio Machado

Prof. Dr. Sérgio Marcus Pinto Lopes

Prof. Dr. Ismael Forte Valentin
Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Prof. Dr. José Maria de Paiva
Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Prof. Dr. Francisco Romero (suplente)
Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Dedico esta dissertação a todas as meninas e mulheres que, apesar de terem participado de modo especial da história da humanidade, continuam invisíveis aos olhos do mundo.

Às minhas crianças, Gabriella Ramires de Souza e Yago Ramires de Souza, razão de minha existência.

Aos meus pais, Iria Soares Costa Ramires e Reginaldo Ramires.

Ao meu irmão, Reginaldo Ramires Junior, e às minhas irmãs, Keila Costa Ramires e Thais Costa Ramires, pelo amor e apoio constantes.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que, em todos os momentos de minha vida tem sido pai e mãe, sustento nas caminhadas, abrigo e fortaleza nos tempos difíceis e permanente Amor e Graça. A Ele, toda a honra e toda a glória.

Ao meu querido orientador, professor Elias Boaventura, modelo de persistência docente na busca de um verdadeiro aprendizado para um mundo melhor.

Aos professores e às professoras da Pós-Graduação do Doutorado em Educação da Unimep. Todos, sem exceção, contribuíram com meu importante aprendizado.

Ao eterno mestre Ercílio Antonio Denny (*in memoriam*). Um sul, um modelo que sempre estará presente em minha vida.

Aos pesquisadores comprometidos com a história, a educação e o metodismo, Profa. Dra. Zuleica Mesquita, Prof. Dr. José Carlos Barbosa, Profa. Dra. Nancy Cardoso Pereira, Profa. Dra. Sandra Duarte, Profa. Dra. Maria Lucia Mott, e aos historiadores Márcia Oehlmeyer Costa e Fábio Ferreira Coelho Bragança.

À pastora metodista e missionária Rosangela Soares de Oliveira, membro da *Women's Division* e da *United Methodist Women*, precursora de portas que me abriram na pesquisa sobre a atuação feminina na América do Norte.

À Igreja Metodista de Santa Bárbara d'Oeste e de Americana, à Catedral Metodista de Piracicaba, à Igreja Metodista de Sorocaba do Parque Manchester e à Igreja Batista de Moriá de Piracicaba. Às irmãs e aos irmãos da comunidade da fé, que me acompanharam em oração, carinho e palavras de ânimo nesse trilhar da sapiência feminina.

São muitas as pessoas que merecem agradecimento neste momento especial, dentre elas, os amigos e as amigas de todas as horas: Pr. Adilson Balarim, Adilson Roberto Correr, Ana Maria Lion, Cristiane Torres, Fernando Paulino, Ilnah Toledo Augusto, Inalda Pimentel de Araújo, Ione da Silva, Jamira Basílio, Leonardo Luiz Coelho, Luiz Carlos Picinato, Pr. Maurício Bertelli, missionária Jô, Renata Leite, Rosa Teixeira, Sérgio Marcus Tavares, Sonia Bertelli, Tânia Vicente Porto e a todos

que sempre estiveram presentes aconselhando-me e incentivando-me com carinho e dedicação.

À Universidade Metodista de Piracicaba, seu corpo docente, seus funcionários, seus (meus) alunos e a cada um que passou por ela e me encontrou nessa passagem. Essa vivência proporcionou meu ideal feminino e minha maturidade tanto pessoal quanto profissional.

E um eterno agradecimento às inúmeras pessoas que registraram suas marcas em meu universo feminino, enriquecendo, assim, a minha vida.

RESUMO

Esta tese trata do importante papel assumido pela professora belga Maria Rennotte, na organização e consolidação do Colégio Piracicabano. Contratada discretamente para dar aulas de francês, Maria Rennotte chegou a Piracicaba no início da implantação da instituição e, progressivamente, conquistou seu espaço, assumiu e coordenou a introdução de inúmeros cursos pioneiros e foi responsável por diversas iniciativas que propiciaram visibilidade e sucesso ao colégio. Além de sua intensa atuação docente ministrando aulas de francês, música, literatura, química, física, astronomia, biologia, entre outras, foi eficiente na função de assistente e coordenadora pedagógica e assumiu o papel fundamental de ser a porta-voz da instituição na sociedade piracicabana. Identificada plenamente com as preocupações sociais do metodismo, ela assumiu o papel de membro da Igreja Metodista a partir de uma perspectiva mais ampla, sem o viés proselitista que caracterizava as missionárias/educadoras e com maior espaço de interlocução com a elite liberal da época, que estava interessada apenas na educação trazida pelos protestantes.

Palavras-chave: Educação e protestantismo. Educação de mulheres. História do Metodismo no Brasil.

ABSTRACT

This thesis is about the important role of Belgian teacher Marie Rennotte, organization and consolidation of the Colégio Piracicabano. Quietly hired to teach french, Marie Rennotte Piracicaba reached in the early deployment of the institution and gradually claimed their share, took over and led the introduction of several courses and was responsible for pioneering several initiatives that provided visibility and success in college. Besides her intense performance teacher teaching classes in French, music, literature, chemistry, physics, astronomy, biology, among others, was effective in the role of assistant and educational coordinator and took over the role of being the spokesperson of the institution in Piracicaba society. Fully identified with the social concerns of Methodism, she assumed the role as a member of the Methodist Church from a broader perspective, without bias that characterized the proselytizing missionaries / teachers and more space for dialogue with the liberal elite of the time, that was interested only in education brought by Protestants.

Keywords: Education and Protestantism. Education of women. History of Methodism in Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1	
A CRIAÇÃO DA IGREJA METODISTA E SUAS CARACTERÍSTICAS	18
1.1 O Início do Movimento Metodista	18
Capítulo 2	
O PAPEL DAS MULHERES E SUAS ORGANIZAÇÕES.....	21
2.1 O Protestantismo Oferece Espaços para a Participação da Mulher	21
2.2 A Organização das Mulheres Metodistas	26
Capítulo 3	
DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DO METODISMO NO BRASIL	33
3.1 O Brasil do Século XIX.....	33
3.2 A Implantação da Educação Metodista no Brasil	35
Capítulo 4	
MARIA RENNOTTE E A ORGANIZAÇÃO DO COLÉGIO PIRACICABANO	42
4.1 Martha Watts e a Urgência em Apresentar Soluções aos Problemas do Brasil.....	42
4.2 A Urgência na Criação do Colégio	45
4.3 As Ideias Europeias de Maria Rennotte são Desejadas pelos Brasileiros	51
4.4 A Difícil Tarefa de Encontrar Professores	54
4.5 A Chegada de Maria Rennotte, “Com as Melhores Recomendações”	57
4.6 Quem era Maria Rennotte?	59
Capítulo 5	
O PAPEL DECISIVO DE MARIA RENNOTTE NO COLÉGIO PIRACICABANO	61
5.1 Uma Assistente Ativa e Criativa.....	61
5.2 Uma Professora Eficiente	67
5.3 Maria Rennotte – Missionária que “Fez Muito para Construir a Instituição”	73

5.4 Maria Rennotte Proporciona Maior Visibilidade ao Colégio	83
5.5 Maria Rennotte e o Papel das Mulheres	88
5.6 Maria Rennotte Prepara Discípulas	94
5.7 Novos Desafios de Maria Rennotte	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
OUTRAS FONTES DE PESQUISA	111
ANEXOS	113
ANEXO A – Fôlder do Colégio Piracicabano	114
ANEXO B – Texto Sobre a Associação Literária de Piracicaba.....	115
ANEXO C – Mulheres da Associação Literária de Piracicaba	116
ANEXO D – Relato sobre a primeira reunião das missionárias da <i>Woman’s Missionary Advocate</i> no Brasil	117
ANEXO E – Noticiário: “Aula de chimica” (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 14/10/1887).....	121
ANEXO F – Noticiário: “Aula de chimica” (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 14/10/1887).....	122
ANEXO G – Texto de Maria Rennotte sobre a importância da química (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , 11/10/1887)	123
ANEXO H – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 5/8/1882)	124
ANEXO I – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 23/8/1882)	125
ANEXO J – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 25/8/1882)	126
ANEXO K – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 30/8/1882)	127
ANEXO L – Periódico <i>Expositor Cristão</i> , de 26/9/1901 – Comentários sobre a atuação de Maria Rennotte.....	128
ANEXO M – Anúncio da ida de Maria Rennotte aos Estados Unidos para estudar medicina (<i>Gazeta de Piracicaba</i> – 1889)	129

ANEXO N – Informação sobre a viagem de Martha Watts e Maria Rennotte aos Estados Unidos, com o objetivo de descanso e estudos (<i>Jornal Gazeta de Piracicaba</i> – 1886)	130
ANEXO O – Comentário sobre o auxílio de Prudente de Moraes à Maria Rennotte em seus estudos de medicina (<i>Gazeta de Piracicaba</i> , de 19/7/1905)	131
ANEXO P – Anúncio sobre artigo de Anna Maria de Moraes Barros, publicado no jornal <i>Gazeta de Piracicaba</i> (1883 – ano provável)	132
ANEXO Q – Procuração de Martha Watts (Livro 32, páginas 027/027v, 1881) – 2º. Tabelionato de Piracicaba	133
ANEXO R – Apresentação do rol de membros da Igreja Metodista Central de Piracicaba (Folha 1) e Maria Rennotte recebida como membro da Igreja Metodista no ano de 1883 (Folha 2)..	134
ANEXO S – Cópias do Estatuto da <i>Woman's Missionary Society</i> , aprovado em 1878. Fonte: <i>Journal of The General Conference of The Methodist Episcopal Church, south</i> . Arquivo Cepeme/Unimep (Folhas 1 e 2)	136
ANEXO T – Imagem de Anna Maria de Moraes Barros	138
ANEXO U – Dedicatória constante da tese de Maria Rennotte	139
ANEXO V – Fôlder da Exposição Universal em Paris	140
ANEXO W – Imagem de Maria Rennotte.....	141
ANEXO X – Imagens de Maria Rennotte – fases	142

INTRODUÇÃO

*“Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado -
emancipação da mulher, nossa débil voz se levanta na capital
do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!”*

Nísia Floresta

Durante o largo período em que o Brasil foi colônia de Portugal (1500 a 1822), a educação da mulher ficou inteiramente restrita ao lar, ao cuidado do marido, dos filhos e da casa. “As raras possibilidades de instrução eram reservadas aos filhos homens, sendo que poucos eram os que prosseguiram seus estudos, indo para a Universidade de Coimbra ou se tornando padres jesuítas” (RIBEIRO, 2000, p. 79).

Nessa época, o fato de a mulher ser considerada um ser inferior era uma herança da grande influência árabe na península ibérica. Gonçalo Trancoso, conhecido poeta do século XVI, afirmava que a mulher não precisava aprender a ler e escrever e, se possível, não deveria falar: “Afirmo que é bom aquele refrão que diz: a mulher honrada deve ser sempre calada” (RIBEIRO, 2000, p. 79).

Mesmo após a expulsão dos jesuítas (1759) e a implantação da Reforma Pombalina, poucas mudanças efetivas ocorreram a respeito da educação da mulher.

As transformações sociais decorrentes da Revolução Francesa repercutiram fortemente em diferentes países, influenciando e servindo de modelo na busca pelo ideal de desenvolvimento e evolução de cada nação. No caso específico da educação, os inúmeros debates sobre as propostas de reformulação das bases de uma nova educação ocuparam boa parte dos projetos políticos apresentados pelos revolucionários. A sociedade que se pretendia criar a partir dos escombros do *Ancien Régime*¹ jamais poderia deixar de lado a escola, instituição fundamental para sua construção.

Como a Companhia de Jesus, uma das mais importantes ordens religiosas entre os séculos XVI e XVIII, dedicou um espaço fundamental à educação, a revolução francesa vai investir na demolição desse modelo de educação

¹ *Ancien Régime* ou Antigo Regime é o termo utilizado como referência ao sistema político e social que antecedeu as mudanças advindas da Revolução Francesa.

secularmente consolidado por toda a Europa. A educação fornecida pelos jesuítas não se prestava ao ideal de formar cidadãos para as responsabilidades da vida pública.

Com a vinda da família real ao Brasil, em 1808, as poucas mudanças na área da educação em quase nada alteraram o cotidiano das mulheres. Jean Baptiste Debret, que fez parte da missão artística francesa que chegou ao Brasil em março de 1816, dizia que, desde a chegada da Corte ao Brasil, nada de positivo foi feito em prol da educação da mulher brasileira. “Esta se restringia, como antigamente, a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever ou fazer as operações” (RIBEIRO, 2000, p. 90) e “tanto as mulheres brancas, ricas ou empobrecidas, como as negras escravas e as indígenas não tinham acesso à arte de ler e escrever” (p. 79). As oportunidades de convívio social das mulheres eram escassas, sendo limitadas aos filhos, às amas, à parentela, às velhas e aos escravos e, uma vez ou outra, ao contato com o confessor (FREYRE, 1936). “Para aquelas que desejassem estudar, só restava a alternativa de ingressar nos conventos, onde o ensino da leitura e da escrita vinha acompanhado com o ensino da música, dos trabalhos domésticos e preparo de doces e flores artificiais” (RIBEIRO, 1996, p. 86-87). De todos os modos, raros foram os casos de mulheres letradas que conseguiram ultrapassar a esfera doméstica, de acordo com Freyre (1936) e com Ribeiro (2000).

A chegada da educação trazida pelos protestantes norte-americanos contribuiu para a progressiva mudança dessa situação. No caso da Igreja Metodista, a ênfase na educação fez parte da estratégia de implantação da primeira missão no Brasil, realizada pelo missionário Justin Spaulding, que organizou uma escola ao lado do templo metodista na capital do império e, para tanto, trouxe professores especializados para ajudá-lo na tarefa (BARBOSA, 2005b). Já nessa época, 1836, ele entendia que a implantação de escolas liberais seria um dos meios mais eficientes para alcançar a população e “prestar-lhes um serviço maior, o de encaminhá-los ao cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (BARBOSA, 2005b, p. 15).

Segundo Reily (1984), essa primeira investida fracassou, entretanto, com a criação da Sociedade Missionária de Mulheres Metodistas, da Igreja Metodista Episcopal do Sul, em 1878, os metodistas organizaram melhor a estrutura do projeto e tiveram sucesso na tarefa de implantar suas escolas no Brasil.

A preocupação básica desta tese não é exatamente tratar de forma abrangente sobre a educação metodista implantada no Brasil. Inúmeros autores produziram livros, teses e artigos abordando com eficiência a questão. Nosso olhar é mais específico, ou seja, para os primeiros e fundamentais anos de consolidação do Colégio Piracicabano, procurando verificar a atuação e o nível de influência exercida por Maria Rennotte, uma professora belga, na formação da instituição.

No início das pesquisas, o foco era outro, voltado para o resgate da majoritária presença da mulher na construção do projeto metodista de educação. Com o andamento dos trabalhos e a percepção de que tal trajeto já tinha suficiente esclarecimento, surgiu incontestemente essa outra problemática, inteiramente olvidada, envolvendo a extraordinária figura dessa preceptora que, durante sete anos, atuou ao lado de Martha Watts no Colégio Piracicabano.

A tradução das cartas de Miss Martha Watts foi um importante trabalho realizado por Mesquita (2001), o qual nos forneceu valiosas informações e importantes pistas dos caminhos a seguir neste estudo. Outras contribuições importantes da mesma autora vieram de diversos artigos publicados nas revistas do COGEIME. Elias (2001, 2006) detalha e resgata parcelas da história, com ênfase no Colégio Piracicabano, e dá destaque à colaboração deste na missão da Educação Metodista. Outra contribuição que agregou grande valor ao presente trabalho foi a historiografia da educação metodista no Brasil – trabalho realizado por Boaventura (2001). Da lista de trabalhos e publicações apresentados por esse pesquisador, utilizamos alguns autores que trouxeram informações do início da missão educacional no Colégio Piracicabano, entre eles Kennedy (1928), Long (1968), Salvador (1982), Mesquida (1993, 1994) e outros que mais recentemente deixaram sua contribuição, como Dawsey (2001) e Barbosa (2005).

Historicamente, é inegável a presença da mulher na construção do projeto metodista de educação, e não somente como colaboradora e/ou educadora, mas como sujeito propositivo no movimento por uma ação e educação diferenciada, como Simeone (2003) nos apresenta, em seu artigo, a importante participação das mulheres desde os primórdios do metodismo, sendo elas a grande maioria integrante do movimento, e Pereira (2003), que resgata outras mulheres metodistas esquecidas e/ou escondidas na história.

Nas pesquisas direcionadas à atuação das missionárias educadoras, emergiu assim a figura feminina de Miss Martha Watts, um baluarte da ação

missionária educacional da Sociedade de Senhoras Metodista do Sul dos EUA (MESQUITA, 2001), uma mulher marcante, decidida, uma missionária leiga, pioneira, uma educadora forte e determinada em realizar os objetivos educacionais metodista em terras brasileiras.

No entanto, mesmo com tantos adjetivos possíveis de serem atribuídos a Martha Watts, a construção desse legado histórico e educacional metodista não poderia ficar restrito a uma só pessoa, então questionamos: Onde estão os outros agentes de construção que deram efetiva parcela na construção da proposta educacional metodista no fim do século XIX no Brasil?

A proposta de educação era inovadora para a região e, apesar do “avanço”, a equipe enviada com o Rev. Ransom precisava de reforços. Mesmo com o apoio dos republicanos da cidade de Piracicaba, houve dificuldades, mas, mesmo diante de tantos obstáculos, o Colégio Piracicabano cresceu e tornou-se reconhecido. O que fez a diferença nesse processo?

É necessário retomar a pesquisa com outro olhar, buscando mais detalhes, observando e comparando dados, momentos relatados por autores diferentes e documentos isolados. Ao relermos a história da Educação Metodista no Brasil, podemos reconhecer que inicialmente foi escrita por mulheres protestantes e missionárias leigas. Dentre os objetivos propostos, estava o de educar meninas e outras mulheres para a construção de uma nova sociedade,

Buscamos, então, comprovar que, na construção e implantação do projeto educacional metodista, existiram outros agentes ativos e, assim, pudemos constatar que as relações não eram tão estanques, reduzidas e/ou simplistas. Portanto, fez-se necessário

reconhecer a complexidade dos processos históricos, cujos elementos encontram-se tão inter-relacionados a ponto de não poderem ser estudados isoladamente; discutir como se sucederam os fenômenos, descobrindo os seus porquês; verificar as ligações entre o sujeito e a organização social na busca dos significados; considerar que o poder não está unificado, não é coerente, nem se encontra centralizado no seio das organizações sociais. (SCOTT, 1990, p. 13).

A base para o procedimento da construção do método adotado neste trabalho foi a proposição de Cardoso e Brignoli (1981, p. 430):

A análise requererá, portanto, a referência a uma teoria e, por isto, muitas vezes falaremos em análise teórica. A colocação de problemas compreende, em geral, três momentos principais: 1) a descrição; 2) a análise [...]; 3) a interpretação [...], que procura formular alguma hipótese explicativa do fenômeno estudado.

Buscamos realizar o que é conhecido como cortes verticais no passado, sendo sugeridos pela descrição de uma característica mais densa ou pela reconstituição de estruturas simbólicas (DIEHL, 2003) para desvelar um pouco mais os primórdios da implantação da educação metodista no Brasil.

Esse método tem a perspectiva de nos auxiliar não só na pesquisa histórica, mas ampliar as informações que virão das outras áreas de pesquisa, social e educacional, possibilitando a reconstrução crítica de informações e dados outros que permitam deduções e conclusões, criando, assim, **novos saberes**. Segundo Ginzburg (1989, p. 152), “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”.

Torna-se uma investigação minuciosa e detalhada a ser realizada no objeto a ser pesquisado, busca-se as impressões registradas nesse objeto por outro ser humano, em outro tempo. Nesse sentido, o pesquisador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos² para analisar o mal de cada doente. E, como o exemplo do médico, o conhecimento adquirido do pesquisador histórico pode ser reconhecido como indireto, indiciário, conjectural (GINZBURG, 1989).

Como aponta Ginzburg (1989), estávamos à procura de *Sinais* utilizando como método um paradigma indiciário ou divinatório, dirigido ao passado, presente e ou futuro. Como pesquisadores, agimos semelhantes ao “conhecedor de arte que é comparável ao detetive que descobre o autor baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (GINZBURG, 1989, p.145).

A proposta desta pesquisa foi resgatar, na história da educação metodista no Brasil, a Mlle. Maria Rennotte, por meio da recuperação de documentos produzidos antes do estabelecimento da história oficial e de uma releitura de documentos e publicações, no intuito de desvelá-la como educadora metodista e

² Descrição ou classificação metódica das doenças, segundo as suas características.

sua importante contribuição na construção e no reconhecimento do projeto educacional no Colégio Piracicabano.

Maria Rennotte foi parcialmente descoberta por alguns autores. Candeias (2001) estudou a história da sua vida a partir de documentos arquivados no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e consulta da de exemplares da revista desse instituto. Hilsdorf (2002) e Mott (1999, 2005) trataram da biografia de Rennotte, mas com ênfase ao período posterior ao Piracicabano, já como médica atuando em São Paulo (SP). Além desses, outros poucos estudos oferecem algumas informações sobre essa mulher extraordinária, citando De Luca e De Luca (2003), Elias (2001, 2006) e Rafaeta (2008). Por essa razão, entendemos ser de extrema importância tratar com mais detalhes e de forma mais sistematizada o período em que Rennotte esteve em Piracicaba.

Cinco capítulos compõem o presente trabalho. Os três primeiros tratam das características básicas da Igreja Metodista, o complexo processo de conquista de espaço e organização das mulheres e os desafios enfrentados para a implantação da educação metodista no Brasil. Os dois últimos capítulos abordam diretamente o papel decisivo assumido por Maria Rennotte na organização e consolidação do Colégio Piracicabano e na formatação do próprio modelo metodista de educação.

Capítulo 1

A CRIAÇÃO DA IGREJA METODISTA E SUAS CARACTERÍSTICAS

“O mundo é minha paróquia.”

John Wesley

1.1 Início do Movimento Metodista

O movimento metodista teve início em meados do século XVIII, na Inglaterra, com os irmãos John e Charles Wesley e um pequeno grupo de estudantes da Universidade de Oxford, segundo Heitzenrater (1996). Direcionado aos marginalizados que, segundo John Wesley, não eram atendidos pela igreja oficial, o movimento rapidamente foi ampliando sua área de atuação e alcançou os trabalhadores das minas de carvão na região de Bristol. Aos poucos, além do trabalho essencialmente religioso, os metodistas passaram a se ocupar da educação das massas e organizaram em 1739 a Kingswood School, em Bristol, a primeira de uma série de escolas.

Importa ressaltar que, na reinauguração dessa escola, em 24 de junho de 1748, foi dita uma frase que se tornou fundamental para explicar o anseio do movimento em seu projeto educacional. Essa frase faz parte do hino 461, que escrito para as crianças dessa escola, no qual Charles Wesley fala do propósito de unir conhecimento e piedade, educação e santidade, verdade e amor, separados há muito tempo: *“Unite the pair so long disjointed, / Knowledge and vital piety. Learning and holiness combined, / And Truth and love, let all men see”* (WESLEY; WESLEY, 1983, p. 643-644).

Além da própria organização da escola voltada ao atendimento de filhos de trabalhadores, dois fatos tiveram grande repercussão na época: designar uma mulher para o cargo de direção (SALVADOR, 1982) e o grande espaço dado às mulheres na gestão de diversas comunidades locais.

Em diversos textos doutrinários, John Wesley apresenta o metodismo como um movimento que procura resgatar a essência do cristianismo, cuja singularidade está centrada na santificação cristã, “o grande tesouro que Deus depositou nas

mãos do povo chamado metodista” (WESLEY; WESLEY, 1983, p. 287). Para esses autores, a santificação representa um processo contínuo e permanente de aprendizagem e crescimento, uma espécie de “paideia cristã”, segundo interpretação de Santo Agostinho, para quem a educação tinha como tarefa fundamental dirigir o ser humano na compreensão de si mesmo e da sua realidade pecaminosa, numa caminhada em direção à perfeição cristã/santificação.

Essas ideias e essa maneira de ver a educação acompanharam e deram consistência ao movimento metodista que chegou aos Estados Unidos da América (EUA) em 1762, onde encontrou o espaço ideal para uma vertiginosa expansão. A mensagem difundida por milhares de pregadores itinerantes metodistas contribuiu para a formação do que se caracterizou chamar de *American way of life*, modelo centrado no individualismo, voluntarismo, na democracia e liberdade, elementos consagrados no “credo americano”, na Declaração de Independência, de Thomas Jefferson. O metodismo se transformou na mais poderosa instituição eclesiástica e educacional após a Guerra Civil, em termos de número de membros, quantidade de escolas e poder econômico. Em 1870, mantinha mais de duzentas instituições escolares, incluindo 34 estabelecimentos universitários, segundo Bertrand (1971 *apud* MESQUIDA, 1994).

De acordo com Philip D. Jordan (1979), historiador metodista americano, esse grande crescimento aproximou inevitavelmente o metodismo do poder político e criou uma espécie de identificação entre esse movimento religioso e a democracia americana. Assim, depois da Guerra Civil, o metodismo se tornou a “religião da República” e serviu como modelo para a sociedade americana, pela forma e dinamicidade de suas instituições voluntárias e sua obra educacional.

A difusão da ideia de que religião e civilização deveriam estar unidas em torno de uma América cristã, vocacionada a realizar a ação de Deus no mundo, produziu os contornos do projeto expansionista norte-americano, em particular o direcionado para a América Latina (HANDY, 1971 *apud* MESQUIDA, 1994). Com isso, o metodismo, enquanto igreja dominante e fortemente ligada a essa concepção de destino dos EUA, deveria assumir um papel protagonista – o de oráculo de Deus – que, segundo afirmavam os bispos metodistas norte-americanos, foi outorgado por Jesus Cristo, para anunciar às nações que, na América, “foram construídas agências visíveis pelas quais o mundo será subjugado a Cristo, pois é uma nação grande, livre e iluminada e tem uma Igreja vivificada

pelo espírito missionário do seu Senhor” (*JOURNAL OF THE GENERAL CONFERENCE OF THE METHODIST EPISCOPAL CHURCH*, 1878).

Clérigos e leigos metodistas ostentavam orgulhosamente esse protagonismo e tinham consciência de que as missões, além do seu papel religioso, ou seja, de conversão dos pecadores, também contribuíam para mudar os hábitos e a própria cultura dos povos “atrasados, estimulando a importação de produtos dos países ‘civilizados’ e abrindo novas vias de comércio” (ANDERSON, 1874 *apud* MESQUIDA, 1994, p. 106).

A sistematização de uma política de expansão missionária para outros países foi efetivamente implementada pelo metodismo quando o movimento já experimentava grande crescimento e importante sedimentação na sociedade norte-americana. O principal instrumento para o desenvolvimento dessa política foi a criação da Sociedade Missionária Metodista, organizada em 25 de abril de 1819 e reconhecida, oficialmente, na Conferência Geral Metodista de 1820. O primeiro grande desafio foi a Libéria, África, com o envio do missionário Melville Cox, em 1832 (BARBOSA, 2005b). Essa e outras missões, como é o caso da efêmera missão Spaulding, foram sustentadas por fundos financeiros administrados pela Conferência Geral Metodista, órgão máximo do metodismo norte-americano.

Capítulo 2

O PAPEL DAS MULHERES E SUAS ORGANIZAÇÕES

“Por fim, me ocorreu que, mesmo não sendo homem, nem ministro, meu coração estava sinceramente dedicado a Deus e eu me inspirava num verdadeiro zelo por sua glória, podia fazer algo mais do que faço.”

Susana Wesley

2.1 O Protestantismo Oferece Espaços para a Participação da Mulher

“A maior parte das pessoas do movimento são mulheres e não poucas são azedas, solteironas desiludidas, algumas com temperamento um pouco menos melindroso.”

James Lackington

O século XIX foi um importante marco de transformações no mundo, as quais, principalmente nos campos social, cultural e econômico, ampliaram as expectativas sociais das mulheres que, nas últimas décadas desse século, passaram a participar mais incisivamente da vida pública e criaram uma infinidade de organizações pioneiras (HOBSBAWN, 2003).

Desse período de profundas transformações, destacamos especificamente a contribuição da mulher metodista/protestante como agente interativa e alterativa nas questões religiosas, políticas e sociais. As ações protagonizadas por elas com o intuito de melhorar as condições sociais de indivíduos ou grupos, principalmente as relacionadas às próprias mulheres, foram buscadas com intensidade e, posteriormente, encontraram reconhecimento por parte de outras mulheres, que seguiram seus passos iniciais e continuaram ampliando suas reivindicações.

À luz de uma trajetória histórica, é indubitável que o protestantismo teve impacto favorável e permitiu maior visibilidade e participação das mulheres na sociedade, em atividades antes exclusivas aos homens. Tal movimento contribuiu para a alteração de alguns paradigmas seculares e fortemente alicerçados, mas que passaram a ganhar tonalidades diferentes e apontar para possibilidades de transformações mais profundas.

A importância da participação das mulheres na organização do espaço público possibilitado pelo protestantismo ganhou progressivamente tamanha proporção e destaque que chegou a influenciar outras sociedades não protestantes, a ponto delas tornarem-se praticamente insubstituíveis nessa nova composição social.

Ainda que representasse uma minoria entre a clerezia das diversas denominações protestantes, a mulher exercia uma série de outras atividades fundamentais para a vida das comunidades eclesiais locais. Provavelmente uma das raras exceções com respeito à ampla participação da mulher ocorreu na organização denominada Metodistas Cristãos da Bíblia, criada em 1815, nos EUA. William O'Bryan, fundador do movimento, deu amplo espaço à atuação de mulheres no exercício pastoral; dessa forma, em 1823, faziam parte desse novo ramo do metodismo um grupo de cem pastoras, quase metade do quadro clérigo da instituição (REILY, 1989). Nessa mesma época, a pregação feminina na Igreja Metodista tinha sido desaprovada pela Conferência Geral desta (SIMEONE, 2003), e é possível que esse tenha sido um dos motivos que levaram à criação do movimento dissidente.

No seio do protestantismo norte-americano, que teve um papel determinante na implantação do protestantismo no Brasil, especificamente durante as décadas finais do século XVIII e a primeira metade do século XIX, as mulheres foram responsáveis por muitas tarefas de naturezas diversas. Como boa parte dos pastores era itinerante e vivia viajando para atender seus circuitos ou dioceses eclesiásticas, eram as mulheres que faziam a divulgação dos serviços religiosos, contatavam a população e cuidavam praticamente de toda a organização do evento. Segundo Baubérot (1991, p. 242), delas dependia “o êxito da vinda do pregador”. Por trás do funcionamento regular de boa parte das comunidades religiosas estava a “capacidade organizativa e da irradiação religiosa” das mulheres (BAUBÉROT, 1991, p. 242).

Como o ministério metodista se ajustou com muito mais facilidade ao modelo de evangelização exigido pela expansão da fronteira norte-americana, sendo seus pregadores responsáveis por um amplo circuito (paróquia) composto por trinta ou até mais de cinquenta locais regulares de culto, o papel das mulheres se tornou muito mais importante e muitas delas exerceram liderança em suas comunidades. Entretanto, ainda que o novo contexto representado pelos EUA tenha favorecido essa atuação feminina, é necessário ressaltar que essa abertura ocorreu inicialmente no

seio do movimento metodista da Inglaterra, com John Wesley, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII.

Em meio aos conflitos e às profundas contradições sociais vivenciados pela Inglaterra naquele período, o metodismo se expandiu e muitas lideranças tornaram-se fundadoras de sindicatos, de movimentos que defendiam a emancipação das mulheres e incentivavam maior participação delas na vida política. Pesquisas e levantamentos confirmam que as mulheres sempre foram a maioria no movimento metodista e responsáveis pela sua expansão (PEREIRA, 2003), só que a atuação dessas “pioneiras, sustentadoras e mártires da causa metodista” não está registrada nas atas oficiais da instituição e são mencionadas apenas quando “cometem atos extraordinários” (SIMEONE, 2003, p. 56).

Muitas foram as mulheres metodistas que iniciaram classes e sociedades por onde passavam, transitavam por longas distâncias com o objetivo de iniciar novos grupos em povoados vizinhos. Nessas reuniões, além dos temas essencialmente religiosos, eram tratadas questões sociais importantes que afligiam as comunidades locais. Com esse trabalho de conscientização, foram surgindo novas organizações voltadas ao atendimento de pessoas necessitadas, crianças, órfãos, idosos, encarcerados, doentes, e houve a criação de orfanatos, escolas e outras instituições (SIMEONE, 2003).

Essa participação ativa das mulheres, desde a gênese do movimento metodista, incomodou a muitos setores da sociedade e, por isso, foram discriminadas, chamadas de perfeccionistas e outros adjetivos pouco lisonjeiros, como a de William Fleetwold, segundo o qual a maioria dos membros do movimento metodista era composta de “mulheres tolas”, ou ainda a de James Lackington, que declarou: “A maior parte das pessoas do movimento são mulheres e não poucas são azedas, solteironas desiludidas, algumas com temperamento um pouco menos melindroso” (CHILCOTE *apud* SIMEONE, 2003, p. 57-62). Para Simeone (2003), mesmo em meio a tanta resistência e discriminação, as ações conjuntas persistiram e um número expressivo dessas mulheres passou a refletir sobre seus direitos e a buscar a abertura de novos horizontes, para muito além dos limites tradicionais.

Importa assinalar que essa característica de ação ampliadora dos limites sociais estabelecidos não foi uma ação impetrada somente pelas mulheres metodistas. Mulheres protestantes de todas as denominações destacaram-se por suas ações religiosas e sociais, conforme registra Baubérot (1991, p. 240): “[...] no

dealbar do século XIX, é talvez no Despertamento, e particularmente no metodismo, que se encontram os indícios mais interessantes de uma evolução, limitada embora, da situação das mulheres protestantes”.

Outra figura que merece destaque no contexto de participação na comunidade religiosa e que, posteriormente, também foi estendendo suas atividades, é a esposa do pastor. Mesmo não possuindo nenhuma legitimidade institucional delegada, tais mulheres tinham como tarefa serem colaboradoras diretas do marido e exercerem uma função de destaque na comunidade local. Cabia a elas ensinar, cuidar de pessoas doentes e até mesmo ser referência espiritual do grupo, exercendo o papel pastoral na ausência de seus maridos. Um exemplo histórico bastante estimulador para as mulheres foi a atuação de Susanna Wesley, esposa de Samuel Wesley, clérigo anglicano. Em carta escrita ao marido, que viajava constantemente, ela destaca determinadas circunstâncias que a levaram a zelar pela saúde espiritual dos filhos e de muitos vizinhos. Eis alguns trechos da carta:

Como sou mulher, sou também dona de casa de uma família numerosa. E ainda que o cargo superior das almas recaia sobre você [...] em tua ausência não posso fazer nada menos que velar sobre cada alma que deixas sob meus cuidados [...]

O fato de outras pessoas virem e se unirem a nós foi accidental. [...] Assim, nosso grupo aumentou para quase 30 pessoas e raramente excedeu a 40 no inverno passado [...] Por fim, me ocorreu que, mesmo não sendo homem, nem ministro, meu coração estava sinceramente dedicado a Deus e eu me inspirava num verdadeiro zelo por sua glória, podia fazer algo mais do que faço. Pensei que podia orar mais por eles e falar com aqueles que converso com o mais cálido afeto. Com os poucos vizinhos que antes vinham, passei a conversar com mais liberdade e carinho.

A partir de então, nosso grupo aumentava cada noite, já que eu não me atrevia a negar a ninguém o pedido para entrar. No domingo, creio que tivemos mais de 200 pessoas e muitos se retiraram, pois já não havia lugar na sala. (BARBOSA, 2002, p. 37-38).

Evidentemente que a atuação das esposas de pastores representou enorme estímulo para as demais mulheres, que passaram a atuar com mais desenvoltura no âmbito de suas comunidades religiosas, de forma que a participação delas contribuía para a educação de outras mulheres, resultando um modelo positivo, uma imagem dinâmica da mulher (BAUBÉROT, 1991).

Essa construção da imagem de uma mulher ativa e sua efetiva participação comunitária e social deu maior dinamicidade à lenta e não linear transformação da sociedade.

As igrejas protestantes, em função da necessidade de ampliar o número de seus prosélitos, por querer demonstrar, na prática, a efetivação da igualdade e a ausência de qualquer discriminação e, principalmente, por necessitar de mão de obra para atender determinadas tarefas, permitiram que as mulheres encontrassem espaço de treinamento essencialmente pedagógico. Dessa forma, ainda que essas igrejas mantivessem um discurso conservador, a imprescindibilidade do trabalho de tais mulheres contribuiu para desautorizar e até silenciar comportamentos e mentalidades repressoras.

Essa atuação dinâmica em diferentes espaços sociais, dentro e fora das igrejas, permitiu que as mulheres transitassem por espaços públicos e mantivessem frequentes contatos com diferentes grupos sociais. Tal prática pública estimulou e disseminou a organização de novos grupos e sociedades de mulheres em quase todas as denominações protestantes, possibilitando o surgimento de um ministério diaconal feminino, totalmente voltado para atividades sociais e caritativas (BAUBÉROT, 1991). Emergem nesse período, segundo Baubérot (1991), importantes figuras femininas que tiveram destaque internacional, como Josephine Butler, que se ocupou com prostitutas, Elizabeth Fry, reformadora da condição penitenciária, e Florence Nightingale, que organizou a profissão de enfermeira.

Muitos desses movimentos ficaram conhecidos como audaciosos, exatamente pelo empenho e pela dedicação das mulheres. Um que deve ser destacado pelo seu dinamismo transformador foi o movimento antiescravagista registrado na região norte dos EUA. Um jornalista de Boston, Willian Lloyd Garrison, calvinista que acreditava ser a escravidão um pecado muito sério perante Deus, dirigiu seus apelos principalmente às mulheres conclamando-as e convencendo-as a lutar pela liberdade das mulheres negras que eram submetidas à crueldade e à concupiscência dos homens (BAUBÉROT, 1991). Foram organizadas três sociedades antiescravagistas femininas, duas delas incentivando a atuação conjunta de mulheres brancas e negras. A sociedade antiescravagista da Filadélfia, organizada por Lucretia Coffin Mott, membro da Sociedade Religiosa dos Amigos (Quaker), contava em seus quadros com Sarah Mapps Douglas e as irmãs Margareta e Harriet Forten, mulheres

que tiveram destacada participação na luta contra a escravatura, pelos direitos das mulheres e outras transformações sociais de relevância (BAUBÉROT, 1991).

Outras duas mulheres, Angelina e Sarah Grinké, tiveram uma atuação ainda mais audaciosa. Oriundas da Carolina do Sul e filhas de um importante juiz e proprietário de terras escravagista, elas se deslocaram para o norte dos EUA para melhor realizarem suas atividades. Em 1838, Angelina Grinké se tornou a primeira mulher a falar sobre a abolição e o direito das mulheres, na Assembléia de Massachusetts. Ela disse: “Não é apenas a causa dos escravos que defendemos, mas também a da mulher como ser moral e responsável” (BAUBÉROT, 1991, p. 249). Nesse mesmo ano, Sarah escreveu e publicou o texto *Letters on the Equality of the Sexes and the Condition of Women* [Cartas da Igualdade do Sexo e da Condição da Mulher], em resposta a um panfleto produzido por um grupo de pastores que repreendiam a atuação das duas irmãs, que é considerado o primeiro manifesto do feminismo protestante (BAUBÉROT, 1991).

2.2 A Organização das Mulheres Metodistas

“O objetivo desta Sociedade é mobilizar e unir os esforços das mulheres no trabalho de enviar o Evangelho para as mulheres em terras pagãs através da agência de mulheres missionárias, professoras e leitoras da Bíblia.”

Estatuto da Woman’s Missionary Society

Na primeira metade do século XIX, as mulheres metodistas começam a se articular para assumirem maior protagonismo no trabalho missionário e organizam diversas sociedades femininas. Uma das primeiras foi a Sociedade Feminina Wesleyana, organizada em Jonesboro, Tennessee, em 1824. Outro grupo, criado nessa mesma época, foi a Sociedade Missionária Feminina de Lynchburg, na Virginia, também com o objetivo de arrecadar verba para a ação missionária metodista em outros países. Entretanto, segundo Cathcart (2000), tais incipientes entidades agiam isoladamente e não conseguiam arrecadar recursos suficientes para uma atuação mais representativa.

Ainda que suas atuações fossem fragmentadas e de pequeno porte, as iniciativas dessas sociedades de mulheres provocavam visível desconforto e

insatisfação em boa parte dos órgãos dirigentes da Igreja, que discutiam sobre a conveniência e necessidade de tal movimento. O intuito desses opositores era não permitir que as mulheres conquistassem maior protagonismo com suas atividades. Assim, até mesmo as ofertas financeiras que suas sociedades arrecadavam, e que por força dos estatutos deveriam ser canalizadas para uma tesouraria central, eram eventualmente destinadas a outras finalidades, descreve Cathcart (2000).

Visando organizar ou, mais objetivamente, tutelar essas iniciativas das mulheres, as atas das reuniões trimestrais do distrito de Bethlehem, Tennessee, em 1838, assinalam a nomeação de uma comissão com o objetivo de preparar um estatuto para reger e orientar a atuação da sociedade missionária. Tal comissão, formada por três homens pouco inclinados a colaborar com a iniciativa das mulheres, só chegou a produzir algum resultado graças à insistente atuação da esposa de um de seus membros, Mrs. J. M. Kelley, que assumiu a tarefa de monitorar as atividades desenvolvidas pela equipe (CATHCART, 2000).

Desde o início do movimento metodista, na primeira metade do século XVIII, na Inglaterra, as mulheres foram incentivadas a uma atuação mais destacada (BARBOSA, 2002). Entretanto, com a crescente expansão e institucionalização da Igreja, já nos EUA, nas primeiras décadas do século XIX, ocorreu um processo mais intenso de subordinação das mulheres aos interesses dos homens. Tal conjuntura se tornou muito mais radicalmente conservadora com a intensificação do conflito dentro da Igreja Metodista sobre a questão da escravidão.

Em 1844, foi realizada uma Conferência Geral que iniciou o processo de cisão formal da igreja, o qual ocorreu definitivamente em 1846, com a criação da Igreja Metodista Episcopal (IME), popularmente conhecida como a Igreja Metodista do Norte, e da Igreja Metodista Episcopal do Sul (IMES), cujos bispos desta, James Osgood Andrew e William Capers, eram proprietários de escravos (REILY, 1984).

As mudanças políticas e culturais do período entre a Conferência Geral (1844 a 1846) e o fim da Guerra Civil (1865) colaboraram para o processo de subordinação feminina, o qual se tornou muito mais acentuado no sul dos EUA.

Importa ressaltar que, na região norte desse país, surgiram inúmeros movimentos femininos antiescravistas no início da década de 1830, nos quais houve a participação de mulheres metodistas. Grupos como a Sociedade Antiescravista Feminina de Boston e a Sociedade Antiescravista Feminina da Filadélfia (ambas fundadas em 1833) possibilitaram que inúmeras mulheres fossem

introduzidas no mundo da atividade política dominada por homens, rompendo com códigos sociais rígidos que limitavam sua atuação à esfera doméstica. Tais sociedades permitiram que mulheres se envolvessem em atividades como arrecadação de fundos, elaboração de panfletos e aberto proselitismo político (MULCAHY, 2004).

Ainda que o contexto sociopolítico e cultural do sul dos EUA produzisse uma realidade muito mais conservadora e inibisse a atuação feminina para além do âmbito tradicional, é necessário lembrar que milhares de mulheres participaram diretamente da Guerra Civil, na condição de enfermeiras, trabalhadoras na produção e distribuição de armas e, inclusive, como soldados.

Entretanto, com o fim da guerra e o desmoronamento da estrutura social, houve a necessidade de as mulheres terem um papel mais decisivo no processo de reconstrução do país. E é dentro desse contexto que proliferaram no seio da Igreja Metodista uma infinidade de sociedades de mulheres exigindo uma participação mais ativa dentro da comunidade.

As mulheres metodistas acompanharam cuidadosamente a sistematização de uma política de expansão missionária para outros países levada a efeito pela Sociedade Missionária Metodista. Assim como essa entidade assumiu como primeiro grande desafio o envio do missionário Melville Cox à Libéria, em 1832, a Sociedade Missionária Feminina de Lebanon, Tennessee, mostrou disposição de contribuir para esse trabalho e arrecadou a quantia de US\$ 100,00 para serem utilizados no sustento de uma missionária naquele país, relata Cathcart (2000).

O trabalho societário que as mulheres iniciaram em Baltimore, em 1848, arrecadou determinada quantia também com essa finalidade de contribuir para a missão das mulheres em outros continentes. Nessa ocasião, o alvo do apoio missionário foi a China. Anos mais tarde, pouco após o fim da Guerra Civil, em fevereiro de 1869, mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul organizaram a Missão Nacional da Trindade, restabelecendo o foco para centralizar recursos e atenções para o trabalho missionário nos próprios EUA (CATHCART, 2000).

Com o aumento do número de sociedades e a ampliação de suas atividades, a oposição masculina passou a ser mais sistemática e inibidora. A técnica desarticuladora mais frequentemente utilizada foi desqualificar e ironizar as iniciativas das mulheres com os seguintes argumentos:

No que vai dar este movimento feminino? Mas a oposição desdenhava e crendo ser um absurdo a idéia do projeto, diziam: 'Deixe-as em paz, outras tentativas como esta já aconteceram antes. Não se oponham a elas e morrerão por si próprias'. (HOWELL, 1928, p. 23).

Entretanto, ainda que a situação pós-Guerra Civil fosse extremamente dramática e exigisse a concentração de recursos para sanar as feridas provocadas pelo conflito, aos poucos as mulheres metodistas começam a articular a criação de uma sociedade geral. Em março de 1872, sob a liderança de Juliana Hayes, presidenta da *Trinity Bible Mission*, diversas mulheres se reuniram no porão da Igreja Trinity para discutir a possibilidade de formação de uma sociedade geral que incluísse mulheres metodistas de outros distritos e regiões eclesiásticas. Aprovada preliminarmente, a proposta foi endossada por pastores metodistas de Baltimore, e o estatuto da nova organização foi aprovado em 8 de abril de 1872. No preâmbulo do documento consta que a sociedade será denominada *Woman's Bible Mission at Home and Abroad of the Methodist Episcopal Church, South* [Missão Bíblica Nacional e Internacional da Mulher, da Igreja Metodista Episcopal do Sul] (CATHCART, 2000).

Outro episódio importante foi novamente protagonizado por J. M. Kelley, a mesma mulher que, no distrito de Bethlehem, havia estimulado a formulação do primeiro estatuto para reger e orientar a atuação da sociedade missionária. Transferida para Nashville para morar com seu filho D. C. Kelley, pastor da Igreja Mckendree, ela se dedicou inteiramente à tarefa de recrutar líderes de sua nova comunidade para auxiliarem no trabalho missionário metodista na China. Apesar do pouco apoio conquistado, ela continuou insistindo com as mulheres para que se reunissem e organizassem uma sociedade. Em novembro de 1873, foi marcada uma reunião para esse propósito, a qual recebeu ampla publicidade e apoio pastoral. Apesar do reduzido *quorum* – apenas seis mulheres –, foi realizada a reunião. Para ajudar e servir de apoio, o Rev. D. C. Kelley entregou à sua mãe um esboço de projeto de organização, estimulando-a a ir adiante e organizar a sociedade como se a sala estivesse cheia, relata Cathcart (2000).

No ano seguinte, em 1874, conquistada pelo projeto, outra mulher, H. D. Mc Gavock apresentou um memorial à Conferência Geral Metodista, solicitando autorização para organizar um Departamento Feminino de Missões, projeto que

obedecia aos mesmos propósitos de diversos grupos de mulheres metodistas. Ela tinha se convertido ao trabalho missionário realizado por mulheres anos antes, quando ouviu o relato que o Rev. J. W. Lambuth e sua esposa fizeram a respeito da missão na China. Na ocasião, em segredo, ela entregou à esposa do pastor os diamantes da grinalda de seu casamento, oferta que rendeu mil dólares e permitiu a construção da Clopton School, em Shangai (CATHCART, 2000).

Ainda que sua solicitação tenha desaparecido nos escaninhos da entidade, H. D. McGavock redobrou seus esforços e continuou remetendo novas cópias da solicitação. No início de 1878, as mulheres estavam confiantes na possibilidade de aprovação do pedido pela Conferência Geral, que se reuniria em maio daquele ano. Além da escola já organizada em Shangai, elas também tinham uma jovem, Loochie Rankin, preparada para o trabalho missionário e recursos financeiros suficientes para o pagamento de despesas com a viagem e um ano de trabalho.

Nessa ocasião, o Rev. D. C. Kelley, que assumia as funções de secretário assistente da Junta de Missões, recomendou que as mulheres da Igreja Metodista fossem autorizadas a organizar o trabalho missionário sob um estatuto a ser aprovado. Com tantas recomendações e apoios, e tendo em vista que as mulheres possuíam reconhecida habilidade para ajudar os trabalhos dos campos missionários, os argumentos conservadores foram vencidos, e foi aprovado o projeto de criação da entidade, elegendo Juliana Hayes e H. D. McGavock para as respectivas funções de presidente e secretária. Sobre a importância dessa entidade e suas possibilidades de sucesso, basta ressaltar que Lucy Webb. Hayes era simplesmente a esposa de Rutherford Hayes, presidente dos EUA (MESQUIDA, 1994).

O relatório final da comissão da Junta de Missões formada por D. C. Kelley, J. E. Evans e W. G. Veal foi concluído em maio de 1878 e apresentado à Conferência Geral Metodista, que aprovou a criação de uma sociedade missionária, entidade aglutinadora de todas as sociedades locais das mulheres.

No preâmbulo do relatório da comissão destaca-se que todos os documentos e memoriais apresentados pelas mulheres foram devidamente estudados e avaliados. A justificativa básica apresentada foi que, na maioria dos países pagãos, as mulheres são acessíveis apenas aos professores do seu próprio sexo. Com isso, as mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos EUA foram

autorizadas a organizar uma agência missionária especial, com a seguinte constituição:

ARTIGO I - A sociedade deve ser chamada de 'Sociedade Missionária de Mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul'.

ARTIGO II - O objetivo desta Sociedade é mobilizar e unir os esforços das mulheres no trabalho de enviar o Evangelho para as mulheres em terras pagãs através da agência de mulheres missionárias, professoras e leitoras da Bíblia.

ARTIGO III - As operações desta sociedade devem ser realizadas em conexão com a Junta de Missões, sujeitas ao seu parecer e aprovação. Todas as dotações deverão ser feitas através do tesoureiro da Câmara de Missões sob a responsabilidade do Conselho de Administração, para o apoio das mulheres, missionárias, professoras e leitoras da Bíblia, contratadas sob a sua sanção; nenhum fundo pode ser dedicado a outros fins sem o consentimento da Associação Executiva e de acordo com as regras previstas.

ARTIGO IV - Esta Sociedade será organizada pela nomeação de uma Conferência Geral Executiva e Sociedades – disse a Associação Geral Executiva, que será constituída por nomeação dos Bispos e Secretarias Missionárias, em primeira instância e, posteriormente, por leis e regulamentos que serão adotados; as Conferências da Sociedade serão constituídas em conformidade com as disposições de tais leis e regulamentos.

ARTIGO V - Os fundos da Sociedade, em todos os casos, devem ser derivados a partir de esforços privados e, em nenhum caso da coleta pública feita, durante os cultos regulares da Igreja. (JOURNAL, 1878, p.179 -180).

A proposta inicial das mulheres era muito mais ousada, visando o desenvolvimento de um projeto missionário gerenciado inteiramente por elas próprias, organizadas em associações, com a finalidade de equipar e enviar mulheres missionárias aos campos já ocupados pela Junta Geral, com a intenção de abrir internatos, asilos, hospitais e escolas, financiar missionárias, professoras, médicos, distribuidoras de Bíblia, bolsas de estudo e outras necessidades, segundo *A Crown of Service* (1960).

Essa sensibilidade social propugnada pelas mulheres da Sociedade Missionária está claramente registrada na carta redigida por Martha H. Watts, a primeira missionária da Sociedade Missionária de Mulheres enviada ao Brasil, assim que desembarca no Rio de Janeiro, em 16 de maio de 1881. Referindo-se às infelizes crianças desabrigadas do Rio de Janeiro, “que comem, dormem, vivem e morrem nas ruas [...] sem que nenhuma pessoa pareça importar-se” (MESQUITA,

2001, p. 21), ela propõe a criação de “uma casa de refúgio, um local limpo, como um lar, para onde possam ir ao final do dia de trabalho e encontrem abrigo, repouso e alimentação para seus pequenos corpos fatigados” (p. 22). No fim do texto, ela continua incisiva, “chama a atenção dos membros da Sociedade Missionária das Mulheres para este nobre empreendimento e solicita também que a própria Associação Executiva Geral examine o caso” (p. 23).

A *Woman's Missionary Society* da Igreja Metodista do Sul, organizada em 1878, foi a associação responsável pela instalação do Colégio Piracicabano e da maioria das escolas metodistas no Brasil.

Capítulo 3

DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DO METODISMO NO BRASIL

“Este grande império está aberto ao evangelho [...] O império está totalmente aberto à educação, e são largas as portas abertas ao protestantismo [...] Nós entramos há pouco tempo neste campo, e sou o único metodista em todo o império.

Está quase além da minha capacidade de imaginação fazer um retrato fiel a respeito do trabalho cristão reclamado no momento por este império magnífico.

A segunda maior nação do nosso continente, com um governo estável, está com as portas abertas e os intelectuais da nação estão nos convidando para ocupar o campo.”

J.J. Ransom

3.1 O Brasil do Século XIX

“A Igreja Católica do Brasil era hum Jardim feixado onde não podia entrar animal algum daninho, era hum Redil por todos os lados cercado ao qual nenhum lobo se atrevia a approximar-se que não fosse sentido, e posto em fuga pelos seus vigilantes pastores.”

Padre Perereca

No Brasil, até o fim do século XIX, vigorou o sistema monárquico de governo e, apesar do relativo sucesso econômico baseado na exportação do café e excedentes da balança comercial, o regime foi progressivamente perdendo sustentação política, social e religiosa, relata Sodré (1998).

Os oficiais formados na Academia Militar estavam impregnados pelas ideias positivistas e eram favoráveis ao regime republicano. A escravidão passou a ser fortemente questionada em função das transformações econômicas registradas no país e o Partido Republicano empreendeu acirrada campanha contra a monarquia. A Igreja Católica, por sua vez, travava uma renhida luta contra o imperador por causa do seu apoio à maçonaria. Por outro lado, na dinâmica política externa, os EUA lançavam, em 1823, a “Doutrina Monroe”, anunciada pelo então presidente desse país James Monroe, a qual propugnava a América para os americanos, questionando a influência da Inglaterra no continente latino-americano e contribuindo para o enfraquecimento do regime monárquico vigente.

Todas essas transformações políticas ocorreram em função de diversos fatores. O crescimento econômico, especialmente em razão do aumento da exportação do café a partir de 1840, inseriu o país no sistema capitalista internacional e estimulou o surgimento de novos centros urbanos e novos grupos sociais. Nessa segunda metade do século XIX, surgiram as camadas médias urbanas constituídas em especial de pequenos comerciantes, intelectuais e de profissionais liberais, segundo Mesquida (1994). É o período em que o Partido Republicano se torna a força mais dinâmica de oposição ao regime, combatendo a escravidão, as grandes propriedades rurais, propondo uma campanha em favor da imigração de colonos europeus e do sul dos EUA e defendendo a seguinte tese: no mundo moderno não havia mais espaço para que a Igreja Católica continuasse como religião oficial do Estado. Os republicanos defendiam o lema de Montalembert, cuja proposta era garantir uma Igreja livre em um Estado livre (HOLANDA, 1976).

Esta luta renhida contra a igreja oficial se estendia também à educação católica, a qual, segundo a ótica dos republicanos, contribuía para a manutenção do *status quo* político e social (AZZI, 1991). A formação da opinião pública e da nova geração de intelectuais republicanos, bem como a preparação do povo para o exercício da democracia, eram tarefas a serem assumidas pela escola, segundo Mesquida (1994), por uma educação nova que, fundada na experiência prática, poderia ser:

Fonte da liberdade, do trabalho, da democracia, do progresso, da independência. A educação tal como a encontrei nos Estados Unidos foi a responsável pela formação dos homens dinâmicos que trabalham pelo progresso de sua pátria e surpreendem o mundo. (SOUZA, 1878, p. 65).

O jornal *O Novo Mundo*, que foi editado por José Carlos Rodrigues, em Nova Iorque, circulou durante nove anos a partir de 1870, foi muito bem aceito e exerceu influência na sociedade brasileira, exprimia com clareza uma convicção que provavelmente seria admitida integralmente pelos missionários protestantes, especialmente os metodistas. Para esse jornal, o protestantismo representava uma cultura superior que deveria, necessariamente, ser compartilhada com outros povos, porque era a expressão do Reino de Deus.

Assim como outrora os judeus serviam para guardarem a lei do Eterno até a vinda dos tempos em que ella devia ser espalhada pelas nações, também agora a América está reservada a ser a depositária da lei do Christianismo na sua applicação do governo dos povos, e a representar a figura do único povo que todos os povos do futuro hão de formar. Este ideal é alto, nobre e poderoso. Elle é capaz de dominar a nossa vida política inteira, sem nunca se comprometer nas mil variações do pensamento, porque é bastante amplo para dominar a toda a ordem de idéias de qualquer que tenha esperança, é realmente tão amplo como infinito, como o pensamento que é de Jesus Cristo; um ideal capaz de alcançar todos os sacrifícios possíveis, de nós, e de inspirar todo o curso da nossa vida como uma luz brilhante que será ao mesmo tempo a nossa felicidade e a nossa salvação. Na arte educa-se o gosto com os bons modelos. Eduquemo-nos também nós com este ideal que o grande mestre da humanidade declarou ser o seu acerca da família humana. Formemos assim um character nacional. Quaesquer que sejam as nossas opiniões sobre os incidentes do curso das cousas no Paíz, proclamemos todos uníssonos qual o grande fim a que nos destinamos. Cultivemos o espírito e tenhamos fé no Evangelho: só assim é que transformaremos pouco a pouco a nossa imagem nacional segundo a luz da civilização mais alta [...]. (RODRIGUES, 1871, p. 83).

3.2 A Implantação da Educação Metodista no Brasil

“Gostaria que a escola pudesse ter sido salva, mas isto foi impossível e resta ver se nossa Igreja virá um dia, a estabelecer uma missão lá. De qualquer forma, acredito que o seu e o nosso trabalho naquele lugar certamente produzirá bons resultados, cedo ou tarde.”

Annie Newman

O metodismo, considerada a mais poderosa organização religiosa e educativa dos EUA, inicia, no século XIX, seu projeto de implantação no Brasil e organiza uma estratégia de ação para facilitar sua inclusão na sociedade brasileira e cumprir sua missão.

A educação ocupou um lugar de destaque na estratégia de implantação não apenas do metodismo, mas também de outras denominações protestantes. Ela recebeu boa acolhida entre a arte liberal da sociedade brasileira, adepta da ideologia do progresso e preocupada em encontrar um modelo educacional que substituísse o sistema escolástico dos jesuítas. O tradicional sistema educacional

deveria dar espaço a uma educação pragmática, voltada para a ciência e a tecnologia.

O interesse pela educação acompanhou os missionários norte-americanos que, invariavelmente, desempenharam o duplo papel de professores e evangelistas. Além desses missionários, o protestantismo contou com a contribuição de um razoável contingente de pessoas especializadas em educação, especialmente mulheres.

O relativo êxito da educação oferecida pelos protestantes norte-americanos contribuiu bastante para a implantação do protestantismo no Brasil. Mendonça (1987, p. 42) afirma que “a elite brasileira, em grande parte liberal, não estava interessada na religião protestante, e sim na educação que os missionários ofereciam”. Por essa afirmação, podemos admitir e afirmar que tal interesse pela educação repercutiu favoravelmente para sua instalação definitiva e os próprios missionários foram acolhidos como representantes do liberalismo e do progresso almejados.

Os sistemas educacional e religioso estavam intrinsecamente ligados, tornando-se praticamente impossível um desmembramento, afinal fazia parte da estratégia de implantação do protestantismo no país. Dessa forma, não seria possível adotar o sistema educativo protestante sem assumir, em seu bojo, o sistema religioso por ele propugnado. Mendonça (1987) relata, ainda, que existem certas evidências de que as missões se encaminharam às classes dirigentes pelo fato de elas serem capazes de modificar a configuração social do país. Essas classes demonstraram possuir certa impermeabilidade religiosa e resistiram à mensagem religiosa protestante. Em função desse quadro, “por força da estrutura ideológica do século XIX, e não por estratégia missionária, o protestantismo missionário norte-americano dirigiu a educação para a elite e a evangelização religiosa para a massa pobre” (MENDONÇA, 1987, p. 42).

O protestantismo constituía um determinado “modo de vida” e aceitá-lo significava assumir mudanças de padrões de cultura. Os colégios protestantes, veículos intencionais desse transplante cultural, surgiram em várias partes do país, quase sempre nas capitais e cidades mais importantes, de acordo com o ponto de vista da estratégia missionária.

A introdução da educação protestante na sociedade brasileira coincidiu com a pregação dos primeiros missionários e a organização das primeiras igrejas. Esse

grande interesse demonstrado pelos protestantes para com a educação deveu-se, em grande parte, ao verdadeiro empecilho que a falta de instrução acarretava às suas pretensões, pois, nesse período, a educação no Brasil era precária, quase inexistente (SIMONTON, 1881).

Desse modo, a propaganda da nova ênfase religiosa sempre esteve intrinsecamente ligada à prática educativa liberal norte-americana. Os próprios missionários sempre revelaram estar convencidos da superioridade da religião, educação e cultura protestantes que propagavam. É o que procura mostrar o Rev. Eduardo Carlos Pereira no artigo *O Romanismo e o Progresso*, no qual ele pergunta: “Por que é que os países protestantes levam, geralmente, imensa vantagem aos países romanos, na instrução, na moralidade, na indústria, no comércio, na riqueza e na vida social?” (PEREIRA, 1885, p. 170 *apud* BARBOSA, 2002, p. 62).

Esse discernimento e essa grande preocupação com os valores que as missões protestantes revelaram ao investir na questão da educação baseavam-se, primordialmente, na ideia de que a implantação da religião protestante no Brasil estava diante de um problema de caráter ideológico. Desde o início de sua implantação, houve um amálgama profundo entre a teologia do protestantismo missionário e a ideologia norte-americana, sendo que os colégios organizados pelos protestantes procuravam reproduzir uma educação calcada em padrões que destacavam o individualismo, o liberalismo e o pragmatismo, fatores que, acreditava-se, poderiam superar os problemas de caráter ideológico.

Admitia-se, entre os protestantes, principalmente, que a total vantagem apresentada a favor do catolicismo, em termos de influência e aceitação por parte da sociedade brasileira, estava no fato de ele ter sido implantado junto com a colonização e com características religiosas da Contrarreforma. Para Rodrigues (1873), a predominância desse catolicismo, profundamente arraigado na vida do povo brasileiro, seria questionada, caso houvesse a oportunidade para a educação evangélica protestante comprovar a sua flagrante superioridade.

O editor do jornal *O Novo Mundo* exprime com clareza uma convicção que provavelmente seria admitida integralmente pelos missionários protestantes. Para ele, o protestantismo representava uma cultura superior, que deveria, necessariamente, ser compartilhada com outros povos, porque era a expressão do Reino de Deus; já o catolicismo seria uma religião decadente, que estaria abrindo

“lugar para crenças mais sólidas” e que o “dedo do Senhor estaria guiando e educando pelo caminho que deve seguir, e preparando para um grau superior de civilização” (RODRIGUES, 1873, p. 3).

O Rev. Junis Eastham Newman, responsável pela implantação definitiva do metodismo no Brasil, estava com quase 48 anos de idade quando chegou ao país no dia 5 de agosto de 1867. Foi ordenado pastor metodista em 1845, no Alabama, serviu na Guerra Civil como capelão no exército confederado e veio para o Brasil como missionário recomendado pelo *Board of Missions* da Igreja Metodista de Nashville, Tennessee, acompanhando seus compatriotas sulistas que decidiram emigrar. Em carta escrita aos metodistas de sua terra natal, ele se mostra extremamente otimista, assinalando que conseguirão, nessa nova, terra erguer a “bandeira do cristianismo protestante” (REILY, 1984, p. 88).

Anos depois, quando a missão metodista em Santa Bárbara d’Oeste, interior do Estado de São Paulo, já estava organizada em torno de uma pequena comunidade e já havia outro missionário metodista atuando no país, que chegou no dia 2 de fevereiro de 1876, Rev. John James Ransom, a perspectiva otimista continuou viva. Newman assinala que as portas do “grande império continuam abertas ao protestantismo, abertas à educação” (NEWMAN, 1876, p. 94). Além de destacar que há “portas largas” abertas ao protestantismo, Newman afirma “estar além do poder de imaginação” traçar um cenário a respeito das oportunidades oferecidas por “este magnífico império” e conclui dizendo que muitos outros missionários metodistas seriam necessários para se poder realizar o trabalho requerido. Diz que o ideal seria reivindicar a vinda de “uns seis, de uma só vez”, tamanha é a necessidade do país (p. 95). E, deslumbrado com as oportunidades oferecidas, assinala que “a segunda maior nação do continente [...] está nos convidando para ocupar o campo”, convite que deve ser aceito sem nenhuma hesitação, já que a Igreja Presbiteriana atendeu prontamente ao desafio e já está solidamente instalada no país (p. 95).

Na primeira carta enviada à Junta de Missões, duas semanas depois de sua chegada ao Brasil, John James Ransom assinala que a melhor estratégia para a inserção do metodismo no Brasil deve ser por meio da educação. Impressionado com o trabalho realizado pelos presbiterianos, principalmente em Campinas, São Paulo, onde tinham um colégio instalado no mais elegante edifício da cidade, que contava com quase cem alunos e importante apoio da sociedade, Ransom entende

que as instituições educacionais criadas pelos presbiterianos representam o estabelecimento definitivo dessa denominação no Brasil. Após afirmar que os missionários encontravam nas escolas uma importante retaguarda de apoio para o trabalho de evangelização, recomenda que o metodismo siga o mesmo itinerário (RANSOM, 1876, p. 96).

Ransom (1877), embora não plenamente satisfeito com a cidade de Piracicaba, uma pequena vila com uma população de pouco mais de 11.000 habitantes e que “nunca será um centro de influência para o império”, mas que significa a melhor alternativa restante, já que outros lugares mais indicados e sugestivos estavam sendo ocupados pelos presbiterianos, prevê possibilidades de sucesso para o empreendimento, visto que “um advogado proeminente do lugar” considera ser urgente o estabelecimento de uma escola na cidade. Em razão desse apelo e principalmente pelo fato de poder contar com a ajuda da família Newman, que desde o início o tratou com a mais extrema cordialidade, Ransom se propõe a ir a Piracicaba, se hospedar “na casa de alguma família brasileira educada” e abrir uma escola para brasileiros (RANSOM, 1877, p. 109).

Jones (1967) informa que o projeto de estabelecer uma escola metodista em Piracicaba foi uma decisão conjunta tomada por Ransom e pela família Newman. Desde que se estabeleceu no Brasil, Junis E. Newman tinha planos de organizar uma escola. Morador da região desde 1869, certamente foram inúmeros os contatos que teve com a elite republicana da cidade, em função dos quais e considerando também os sucessos obtidos pelos presbiterianos é que Newman solicita à Junta de Missões que “façam um esforço especial para dar o Evangelho ao Brasil” (NEWMAN, 1876, p. 95).

Além da escolha da cidade, do apoio político necessário e de uma provável verba para dar início ao projeto, algumas outras decisões também já tinham sido tomadas e aguardavam somente o aval da Junta de Missões para serem implementadas. É o que afirma Ransom (1876), apontando para um acerto preliminar com a família Newman, que se mudaria para Piracicaba tão logo a escola fosse iniciada, e a senhorita Annie Newman, “que fala muito bem o português e pode ensinar tudo que as meninas geralmente aprendem neste país”, daria uma importante contribuição para a educação básica delas (RANSOM, 1876, p. 96-97). Trata-se de um projeto simples, sugere, que exigirá um investimento modesto, adequado às possibilidades dos metodistas. E continua: já pode ser

iniciado quase que imediatamente, sendo que os demais auxiliares poderão ser enviados oportunamente: “algumas senhoras” e “alguns assistentes masculinos” (RANSOM, 1876, p. 96-97).

A estratégia para se efetivar o objetivo dos missionários passa a ser desenhada e foi devidamente apresentada à Junta de Missões. As filhas do Rev. Newman tinham a formação necessária para ministrarem as aulas e dirigirem um projeto modesto que atendesse a necessidade de um aprendizado básico para as meninas brasileiras, sem precisar de um grande investimento econômico.

Em junho de 1879, a família Newman mudou-se de Santa Bárbara d'Oeste para Piracicaba e alugou o prédio nº 21 da Rua São José, pertencente à Dra. Ana Michelina de Almeida, pelo qual pagava 200\$00 por mês. Foi nesse local que surgiu o Colégio Newman, em julho de 1879, com dez alunos, finalizando o ano com uma matrícula bem maior, quarenta alunos, funcionando sob o duplo regime de internato e externato e com três professores fazendo parte do corpo docente: as irmãs Newman, Annie e Mary, e um professor de Artes (SALVADOR, 1982).

Esse sucesso imediato conquistado pelo Colégio Newman deveu-se, provavelmente, à conjugação de diversos fatores. Um deles foi o apoio oferecido pela elite republicana da cidade, conforme contatos anteriores estabelecidos. Outro foi a experiência profissional de Annie Newman, incumbida de dirigir a instituição, já que havia ministrado aulas em outros colégios, primeiramente no Colégio Internacional, entre 1872 e 1875, e no colégio do Dr. Francisco Rangel Pestana, também em São Paulo (SALVADOR, 1982). Além dos imigrantes que moravam na região e, provavelmente, apoiaram a iniciativa de uma escola metodista, é necessário considerar que a família Newman, desde 1869, morava na região de Piracicaba e mantinha bons contatos com a população da cidade (KENNEDY, 1928). Segundo Hilsdorf (2002, p. 96):

Para a construção dessa geografia da penetração missionária, os critérios sócio-culturais valeram tanto quanto os religiosos, pois esses missionários americanos se apresentavam como zelosos pregadores do Evangelho e do verdadeiro Cristianismo – não da doutrina da Reforma apenas, mas o protestantismo liberal, individualista e pragmatista do século XIX [...].

As otimistas expectativas a respeito da expansão e solidificação do Colégio Newman rapidamente foram frustradas. Com o casamento de Annie Newman com

o Rev. Ransom, em 25 de dezembro de 1879, e a necessidade de o casal se mudar para o Rio de Janeiro, o colégio perdeu sua principal incentivadora e entrou em séria crise, agravada ainda mais com a enfermidade da outra professora, Mary Newman. Com isso, a matrícula ficou reduzida a 16 alunos e “os Newman não puderam levar avante o ideal” (SALVADOR, 1982, p. 65). O trabalho em Piracicaba tornou-se inviável e a família foi obrigada a retornar à sua residência anterior, em Santa Bárbara d’Oeste, para continuar o trabalho missionário entre os imigrantes norte-americanos.

O ano de 1880 foi traumático para a missão metodista no Brasil. Trabalhos missionários importantes, que confirmavam a implantação do metodismo, foram aparentemente suspensos. Newman retornou ao seu trabalho com os imigrantes de Santa Bárbara d’Oeste, e Ransom, que era o único missionário e ministro do Evangelho que trabalhava entre os brasileiros, viajou aos EUA, não informando como providenciou o andamento do trabalho durante a sua ausência, refere Kennedy (1928).

Ransom retornou ao Brasil, em maio de 1881, trazendo consigo uma equipe composta por dois missionários e duas educadoras, sendo eles: Rev. James William Koger e sua esposa, Francis S. Koger, que também era professora, James Lillbourne Kennedy e Martha Watts, esta última enviada com a tarefa exclusiva de organizar uma escola. Todos se mostravam animados pela confiança de que “maior é o Senhor da seara que lhes concederá rapidamente frutos abundantes” (KOGER, 1882, p. 70). Essa é a confirmação de que o projeto original de Ransom, isto é, organizar escolas, não havia sido alterado.

Capítulo 4

MARIA RENNOTTE E A ORGANIZAÇÃO DO COLÉGIO PIRACICABANO

“Compete erguer a voz em favor da reforma do ensino público, porque, enquanto o mecanismo de nossas escolas ficar o que ora é, tanto que as influências políticas, e não a competência, qualificaram para os empregos e ofícios, o ensino não será mais do que um simulacro, nunca a base do edifício social.”

Maria Rennotte

4.1 Martha Watts e a Urgência em Apresentar Soluções aos Problemas do Brasil

*“Deveríamos ser surdos a seu clamor e contemplar indiferentemente a visão da imensa aflição de centenas de criancinhas que crescem em meio ao pecado e a uma corrupção tão vil, que ao chegarem à vida adulta tornar-se-ão tão-somente delinqüentes e párias sociais?
Ou deveríamos, com a ajuda de Deus, buscar a salvação destas preciosas almas, para que sejam jóias na coroa de glória de nosso Salvador, quando este vier julgar a Terra?”*

Martha Watts

Assim que desembarcou no Rio de Janeiro, a primeira preocupação de Martha Watts foi idealizar a construção de um orfanato para atender as infelizes crianças que moravam nas ruas da capital federal.

Na carta enviada à Sociedade Missionária de Mulheres³, ela faz um relato da realidade, descrevendo minuciosamente o que havia percebido nas ruas, e apela para que as mulheres metodistas do sul dos EUA enviem recursos para o empreendimento.

Seu apelo é contundente e dramático. Miss Watts (1881) diz que as criancinhas “vivem e morrem nas ruas”, uma vida de “marginalidade e miséria”, sem que alguém demonstre qualquer “interesse por suas almas” (MESQUITA, 2001, p. 21). E continua: será que as mulheres metodistas também deveriam

³ A *Woman's Missionary Society* da Igreja Metodista do Sul, organizada em 1878, foi a associação responsável pela instalação do Colégio Piracicabano e da maioria das escolas metodistas no Brasil.

permanecer surdas a esse clamor, contemplando com indiferença a “aflição de centenas de criancinhas que crescem em meio ao pecado e a uma corrupção tão vil”, cujo destino é tornarem-se “delinqüentes e párias sociais?” (p. 21).

Em certa parte da carta, discorre Mesquita (2001), ela esclarece que já conversara com o Rev. Ransom sobre o assunto, e que ele concordara inteiramente com o projeto, inclusive ressaltando que tal trabalho seria largamente apoiado pela população protestante e por pessoas generosas da cidade. Fortalecida pelo apoio, ela chama a atenção da Sociedade Missionária de Mulheres e solicita que os diretores da Conferência Geral da Igreja Metodista examinem atentamente o caso e tome “medidas decisivas para sua implantação”.

Trata-se do primeiro e brevíssimo contato de Martha Watts com a realidade brasileira e, mais especificamente, com a cidade do Rio de Janeiro. Sua viagem começou em Nova Iorque no dia 26 de março. O vapor “Bieler”, que trouxe a comitiva metodista formada por Rev. James William Koger, sua esposa, Francis S. Koger, e o filho, Rev. James Lillbourne Kennedy, Rev. John James Ransom e Martha Hite Watts, chegou à Bahia da Guanabara no dia 16 de maio de 1881, “quase ao cair da noite” (KENNEDY, 1928, p. 23-24). O desembarque só ocorreu no dia seguinte, dia quase que inteiramente ocupado com tarefas relacionadas à procura de hospedagem, descanso de uma cansativa viagem de mais de cinquenta dias e preparação para a viagem que seria feita já na manhã do dia seguinte, com destino a São Paulo.

É provável que as crianças abandonadas perambulando pelas ruas da capital tenham produzido um doloroso retrato para a inexperiente professora, acostumada com as pequenas cidades do interior de Kentucky, seu Estado natal. Ainda que a solução apresentada possa ser considerada interessante, o certo é que, desde o início de sua chegada ao país, Martha Watts se mostra apressada na formulação de diagnóstico e apresentação de soluções. Algumas poucas voltas pela cidade foram suficientes para que ela apresentasse a receita para combater o mal que adoecia a capital do império. E, para reforçar sua convicção e dar maior autoridade aos seus argumentos, ela declara ter recebido inspiração divina, já que “somente da mente de Deus poderia surgir tal pensamento e suas bênçãos certamente serão derramadas por sobre tal trabalho levado a cabo em seu nome” (MESQUITA, 2001, p. 22).

Na Igreja do Campo, num distrito distante denominado Bom Retiro, imediações da cidade de Santa Bárbara d'Oeste (SP), o primeiro Concílio da Igreja Metodista no Brasil fez as devidas nomeações, informando que Martha Watts e a família do Rev. Koger seriam responsáveis pela abertura de trabalhos em Piracicaba, enquanto John J. Ransom e James L. Kennedy atuariam no Rio de Janeiro. A respeito da missão em Piracicaba, o objetivo era muito claro. Além da implantação de uma igreja, vieram com a tarefa de estabelecer uma escola, tanto que, uma semana depois, estiveram no tabelião Joaquim Borges de Cunha, que concedeu ao Rev. Ransom e a W. R. Cassels “poderes para despachar e receber da Alfândega do Rio de Janeiro a bagagem e mais objetos que os outorgantes trouxeram no intuito de estabelecer nesta cidade uma casa de instrução” (2º TABELIONATO DE PIRACICABA).

Como a base do trabalho religioso em Piracicaba seria formada a partir dos imigrantes norte-americanos instalados na região, foi mais simples para o Rev. Koger começar a sua atividade. Inicialmente instalado em pequeno prédio alugado na Rua dos Pescadores, hoje Prudente de Moraes, nas proximidades da Igreja São Benedito, seu primeiro sermão foi pregado em 29 de maio, na sala da residência de Thomaz Dixon Smith, local onde os missionários ficaram inicialmente hospedados.

O trabalho mais efetivo, em língua portuguesa, passou a ser realizado a partir de agosto, com a colaboração do Rev. Francis Joseph Christopher Sheineder, ministro presbiteriano responsável pelas pregações nos cultos dominicais noturnos (*ANNUAL REPORT*, 1882, p. 56-57), sendo que a igreja foi organizada logo a seguir, no dia 11 de setembro de 1881 (MESQUITA, 2001), com nove membros, todos norte-americanos: Frances Smith Koger, Martha Hite Watts, William Godfrey, Thomaz Sixon Smith, Elizabeth Carlton Kidd Smith, Laura Adele Smith, Eugene Fulton Smith, Mary Philipp Newman, George Kidd Smith e Leonora Dixon Smith, que, provavelmente, pelo fato de ser criança, com idade inferior a 12 anos e não ter feito a profissão da fé, não fazia parte dos membros (KENNEDY, 1928).

4.2 A Urgência na Criação do Colégio

“Nós abrimos nossa escola no dia 13 de setembro, e uma aluna apareceu, apesar de que tínhamos carteiras para dezoito, e recebávamos que elas não fossem suficientes.”

Martha Watts

Segundo Kennedy (1928), Martha Watts colaborou com o sucesso da implantação da Igreja Metodista em Piracicaba atuando de maneira dedicada, reunindo crianças todos os domingos, organizando uma pequena escola dominical.

O trabalho específico para o qual foi nomeada era muito mais complexo. Ela sabia que a organização de uma escola destinada a atrair a elite da cidade demandaria muito mais exigências. Em carta de julho de 1881, revela toda sua ansiedade com a situação. Ao mesmo tempo em que afirma estar encontrando muitas crianças que “parecem interessadas” no colégio, ser constantemente encorajada por amigos, professores e “alguns homens que estão ansiosos para colocar seus filhos na escola” (KENNEDY, 1928, p. 321) e de concluir que a escola seria aberta assim que conseguisse um imóvel adequado, ela reconhece que o empreendimento é muito mais complexo. Mesmo fazendo progressos no estudo da língua portuguesa, não tão depressa como desejava, ela sabia que a abertura imediata da escola exigiria a contratação de diversos professores que conhecessem o idioma (MESQUITA, 2001, p. 28).

Um mês depois, ela continuava ansiosa e com pressa, pois, embora alugasse um imóvel que abrigava a família e a escola, este não era adequado o suficiente para os seus propósitos, o que tornava necessário encontrar outro o mais breve possível. Em relação ao corpo docente, dizia que este já estava organizado “incluindo vários homens”, mas que não havia conseguido arrumar professoras, e somente Miss Newman lecionaria, ainda que estivesse com problemas de saúde. Martha Watts não fez nenhuma divulgação oficial sobre a abertura da escola e nem decidiu sobre questões de preço e outras condições, mas tinha pressa e queria abri-la em breve. Já tinha uma aluna predileta, vizinha do prédio, e estava confiante de que outra moça também faria parte do quadro discente do colégio: “essa jovem e sua prima serão nossas alunas” (MESQUITA, 2001, p. 30).

Poucos dias depois, deu-se a abertura da escola metodista em Piracicaba, numa terça-feira, 13 de setembro, dois dias depois da organização da Igreja Metodista no local. Na carta enviada à Junta de Mulheres, ela está aliviada e diz que todas as mulheres metodistas “ficarão felizes em saber que sua missão está realmente estabelecida”. Dá detalhes sobre a inauguração. Informa haver preparado dezoito carteiras escolares para acolher as alunas, imaginando que não seriam suficientes, e só uma aluna apareceu. Confessa ter ficado profundamente decepcionada com o “silêncio respeitoso” que se estendeu sobre as “salas de aula” e com dificuldades para se adequar a essa realidade, tão diferente das escolas em seu país (MESQUITA, 2001, p. 36).

Essa urgência de Martha Watts poderia ser facilmente entendida e até justificada se estivesse apoiada tão somente nessa disposição de querer inaugurar rapidamente uma base para as atividades educacionais da Igreja Metodista, mas, na verdade, se tratava de uma urgência de outra natureza. Nessa mesma carta em que revela sua decepção com o início da escola, ela também apresenta sua crença no sucesso do empreendimento. Mesquita (2001, p. 36) descreve que para Martha Watts esse sucesso ocorreria sob a seguinte condição: “quando estivermos preparados para sair pelas estradas, e forçá-los a entrar, sem dinheiro e sem preço, nós teremos tudo que nossas mãos, cabeças e corações podem fazer com seu ‘poder’”. Sua pressa repousa na confiança de que sua religião é a verdadeira e bastante superior àquele conjunto de crenças supersticiosas adotadas pelos brasileiros. No domingo, ela se espanta ao ver o comércio aberto e as pessoas se comportando como se fosse um dia qualquer e suspira, em piedosa oração: “Ah, eu gostaria de poder reunir estas crianças sujas, lhes dar um banho e levá-las à escola dominical comigo! Elas seriam tão mais felizes!” (MESQUITA, 2001, p. 42).

Antes dessa carta na qual descreve o fracassado início da escola em Piracicaba, ela enviara outra, com data de 28 de outubro de 1881, reproduzindo o teor de uma correspondência escrita por uma missionária que atuava na escola presbiteriana em São Paulo. É evidente que tal carta tenha servido para ajudar Martha Watts a superar o trauma de começar uma escola com apenas uma aluna, mas o fato de encaminhá-la à direção da Sociedade de Mulheres significa visível preocupação com a possível perda de credibilidade, insistindo que as mulheres metodistas devem continuar apoiando inteiramente o projeto e que é absolutamente normal encontrar barreiras no início de um empreendimento dessa

natureza. Num dos trechos da carta, a missionária presbiteriana escreve estas palavras:

Nosso conselho pressiona-nos constantemente argumentando que não estamos conseguindo grande número de alunos [...] Faça tudo o que puder, querida Miss Watts, para ensinar essa gente a ler a Bíblia. Deus tem honrado a sua Palavra aqui no Brasil [...] Existem alguns lugares onde a voz do professor ainda não foi ouvida. (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, 1882, p. 2).

Acompanhando atentamente o início do empreendimento organizado por Martha Watts, a própria secretária da *Woman's Missionary Advocate*, Sra. H. D. McGavock, faz uma leve advertência ao estilo apressado da diretora, mencionando que “todas as novas empresas devem necessariamente se desenvolver lentamente e, por vezes, o zelo do nosso primeiro missionário no campo é testado de maneira severa” e afirma sua total confiança no trabalho de Martha Watts, dizendo que suas cartas “são cheias de esperança e denotam paciente” persistência (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, 1882, p. 30).

Essa modalidade de urgência lembra um pouco o comportamento de John Wesley, fundador do movimento metodista, por ocasião de sua viagem à Geórgia. Na carta enviada ao Rev. John Burton, em 10 de outubro de 1735, ele explica as razões que o levaram a se decidir pelo trabalho evangelístico na América. Afirma que sua missão seria relativamente fácil, e os indígenas acolheriam de bom grado sua pregação, já que eles

[...] não têm nenhum partido, não servem a nenhum interesse, e, portanto, estão aptos para receber o Evangelho em toda sua simplicidade. São como crianças pequenas, humildes, desejosos de aprender, ansiosos de fazer a vontade de Deus. (BARBOSA, 2002, p. 293).

A opinião ingênua e romântica de Wesley a respeito dos indígenas é muito parecida com a de Manoel da Nóbrega, primeiro missionário jesuíta a se instalar no Brasil, na primeira metade do século XVI. Ele considerava que “os indígenas seriam como uma tábula rasa, ou mesmo folhas em branco, prontos para receber qualquer inscrição e acolher a religião superior do cristão europeu” (HOORNAERT, 1983, p. 144-147).

Leonora Dixon Smith, cuja família hospedou Martha Watts e a família Koger

assim que chegaram a Piracicaba, também reclamou, indiretamente, dessa postura apressada da diretora da escola. Leonora estava com 6 anos de idade quando chegou ao Brasil, em maio de 1868, acompanhada dos pais e de 130 imigrantes norte-americanos. Em artigo publicado no *Expositor Cristão*, edição de 28 de abril de 1940, ela rebate artigo anterior publicado por Eva Louise Hyde, que tratou sobre a história do metodismo no Brasil e praticamente não tocou no assunto da presença da família de Junis E. Newman em Santa Bárbara d'Oeste,.

Fundadora do Colégio Metodista de Ribeirão Preto, em 1899 (LONG, 1968), Leonora Dixon Smith ressalta o trabalho desenvolvido pela família Newman, que conquistou o povo de Piracicaba com sua afabilidade, cultura e fidelidade no desempenho de todas as suas obrigações, e explica que o Piracicabano funcionou três meses com três professores e uma só aluna, porque Martha Watts insistiu em iniciar as aulas no último trimestre do ano. Sugere que a diretora foi muito apressada, não se preocupou em fazer qualquer consulta aos potenciais alunos e nem se ajustar aos costumes do país. Dessa forma, “os pais não acharam conveniente retirar as suas filhas das escolas onde estavam para matriculá-las em outra por um prazo tão curto” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1940, p. 7-8). Smith (1940) destaca que Martha Watts não soube se aproveitar da experiência da família Newman, que anteriormente tinha organizado uma escola metodista em Piracicaba, e nem mesmo teve sensibilidade para entender a realidade cultural do país onde estava.

Não há como negar que Martha Watts tenha se mostrado apressada e muito ansiosa nessa fase inicial de sua chegada ao Brasil. Entretanto, havia toda uma complexa conjuntura envolvendo a difícil tarefa de implantação definitiva do metodismo no país. Ela fazia parte de uma equipe de missionários que chegou ao Brasil em maio de 1881, trazidos pelo Rev. John James Ransom, que, por sua vez, tinha iniciado seu trabalho no Brasil em fevereiro de 1876, como resposta aos insistentes apelos feitos pelo Rev. Junis E. Newman, pastor metodista que havia acompanhado os imigrantes norte-americanos instalados na região de Piracicaba.

Ocorre que Ransom não conseguiu obter o sucesso esperado nesse período de quatro anos passados no Brasil. Além de uma pequena congregação iniciada em janeiro de 1878 na Rua do Catete, Rio de Janeiro, local onde realizou seus primeiros cultos em português e que contou com a participação de alguns brasileiros (BARBOSA, 2005a), a parte mais visível do metodismo no país consistia

do trabalho com os imigrantes norte-americanos, realizado por Junis E. Newman. Outro dado fundamental e que também contribuiu para enfraquecer o trabalho metodista nessa ocasião foi a morte de Annie Newman, filha do Rev. Newman, em 18 de julho de 1880, vítima da febre amarela.

Com a morte da esposa apenas seis meses após o casamento, Ransom retornou aos EUA, e a missão no Brasil foi interrompida. Participando de concílios metodistas nesse país, ele concluiu que a Igreja já não se mostrava mais interessada em continuar investindo no Brasil, visto que havia outros campos missionários bem mais promissores, como eram os casos da China e México. Conseguiu que a missão fosse retomada após insistentes apelos e relatar, com emoção, o martírio de sua esposa, nos mesmos moldes de Estevão⁴ e de inúmeros outros (BARBOSA, 2005a).

Além desse contexto mais próximo e que criava muita pressão no grupo do qual Martha Watts fazia parte, havia outra memória que também cercava esses acontecimentos e também colaborava para oferecer mais exigências. Trata-se da primeira missão metodista no Brasil, a missão Spaulding, realizada entre 1836 e 1841 e que resultou em grande fracasso. Martha Watts e os demais membros da equipe missionária conheciam em detalhes todos esses episódios históricos e entendiam que havia uma espécie de coincidência nas duas missões anteriores fracassadas. Um dos fatores que muito contribuiu para desestimular essa primeira missão foi o falecimento de Chintia Kidder, esposa do Rev. Daniel P. Kidder. O investimento financeiro feito na ocasião foi grande, visto que, além dos dois pastores, Justin Spaulding e Daniel P. Kidder, aquela missão também contou com dois professores especialmente enviados para atuarem na escola metodista implantada no Rio de Janeiro.

Martha Watts e seus companheiros de missão conheciam muito bem os detalhes dessa primeira experiência porque eram continuamente lembrados por causa das sucessivas reedições das obras sobre o país, de Daniel P. Kidder. O Major L. W. Hastings, que fez diversas tentativas de trazer imigrantes norte-americanos ao Brasil, observa que “O missionário americano, Daniel Parish Kidder, propagara bastante o Brasil nos Estados Unidos através de um interessante livro

⁴ Estevão, homem escolhido pelos apóstolos de Cristo, pela sua fé e por ser cheio do Espírito de Deus, para que ajudasse na Obra do Senhor. Foi o primeiro líder da Igreja de Cristo a morrer em razão de sua fidelidade a Ele. Atos 6:1-15 e 7:54-60.

que escrevera, intitulado *Sketches of Travels and Residence in Brazil*”, que se tornou muito popular nos EUA (GUILHON, 1987, p. 77).⁵

Os membros da equipe metodista entendiam que a tarefa de implantação encontraria muitas resistências e dificuldades. Eles esperavam pronunciada atitude oposicionista por parte da Igreja Católica por meio de jornais, livros, panfletos e até de perseguições físicas, e um clima de suspeição e estranheza por parte da sociedade brasileira em relação à própria índole e características diferenciadas assumidas pelo metodismo. O desafio era muito grande, já que, para muitos, a religião protestante não combinava com o espírito do povo brasileiro.⁶ É essa, por exemplo, a conclusão de Thomas Ewbank:

Quanto mais observo este povo, mais longínqua vejo a possibilidade de sucesso nas missões protestantes em meio a ele. As festas são obstáculos de que não podemos nos livrar facilmente. As cerimônias religiosas não prescindem delas e o coração nacional bate em uníssono com elas. As senhoras zombam da seriedade e das pretensas faces alongadas das famílias inglesas, indo à igreja como se fossem a um enterro. O protestante diz-se que degenera por aqui. A Igreja britânica diz-se que nunca recebeu um convertido nativo, enquanto que padres houve que subtraíram membros dela. Os metodistas episcopais tiveram uma missão aqui durante alguns anos e abandonaram-na. (EWBANK, 1973, p. 224).

Todos esses fatos históricos anteriores imprimiam uma forte pressão sobre Martha Watts e os demais membros da equipe. O projeto de construir um orfanato no Rio de Janeiro, idealizado apressadamente, foi rapidamente abandonado. Em carta de 24 de abril de 1882, Ransom lamenta por “não termos feito nada” e justifica evidenciando que faltou ter “uma boa pessoa para quem confiar o projeto” (*WOMAN’S FOREIGN MISSIONARY SOCIETY*, 1882, p. 31). A abertura da escola em Piracicaba no mês de setembro, ocasião imprópria para os calendários escolares do país, também revelou excessiva inquietação e pressa.

⁵ Há tradução das obras de Daniel P. Kidder:

- KIDDER, D. P. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil**: Rio de Janeiro e província de São Paulo. Brasília: Senado Federal, 2001.
- KIDDER, D. P. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do norte do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- KIDDER, D. P.; FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros**: esboço histórico e descritivo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

⁶ Sérgio Buarque de Holanda, ao falar das características do homem brasileiro, cita o missionário metodista Daniel P. Kidder e fala da aversão dos brasileiros ao ritualismo. Cf. HOLANDA, 1976, p. 112. Koster defende o seguinte: “É preciso pensar que vivemos no seio de um povo inteiramente devotado às formas e cerimônias de seu culto, cuja dedicação às suas Igrejas sobrepuja a todas as outras afeições” (KOSTER, 1942, p. 489).

4.3 As Ideias Europeias de Maria Rennotte são Desejadas pelos Brasileiros

“Maria Rennotte, com suas idéias e educação européias, poderia lhes dar bons pareceres sobre o sistema europeu por seu método e maneiras em sala de aula.”

Martha Watts

Em carta dirigida à Sociedade Missionária de Mulheres e publicada na *Woman's Missionary Advocate*, edição de maio de 1883, Martha Watts fornece inúmeras informações sobre as atividades desenvolvidas no Colégio Piracicabano. Após afirmar que ficaria muito feliz se as mulheres metodistas dos EUA pudessem ver o trabalho educacional realizado em Piracicaba, ressalta que, além das três professoras norte-americanas, havia outra, Mlle. Marie Rennotte, que, “com suas idéias e educação européias, poderia lhes dar bons pareceres sobre o sistema europeu por seu método e maneiras em sala de aula” (MESQUITA, 2001, p. 54).

A presença de Rennotte foi importante nessa fase de implantação do Colégio Piracicabano, já que o idioma e a própria cultura francesa continuavam exercendo grande influência no Brasil e em toda a América Latina. De acordo com Souza (1977), essa cultura e sua língua exerceram um papel de mediação em relação às demais culturas, trazendo como consequência a progressiva substituição do estudo das culturas e línguas clássicas pelo estudo do francês, língua considerada “universal” no início do século XIX. Brasileiros do século XIX tiveram acesso aos clássicos da literatura mundial, como Goethe, Byron, Schiller, por intermédio das traduções francesas.

Essa necessidade de contratar uma professora de francês para atuar numa escola metodista também foi percebida anteriormente, por ocasião da implantação da Igreja Metodista no Brasil, em 1836, quando o Rev. Justin Spaulding, responsável pela missão no Rio de Janeiro, organizou a primeira instituição educacional metodista no país, ao lado do templo que ficava sob sua responsabilidade. Com o aumento do número de alunos, Spaulding solicitou à Sociedade Missionária Metodista dos EUA o envio de novos professores e especificou a necessidade de se enviar também uma professora “bem versada em francês, que é uma língua muito popular por aqui e muito ensinada nas escolas” (BARBOSA, 2005b, p. 15).

Após receber garantias de que uma professora viria com os missionários, cujo embarque estava previsto para outubro de 1837, o Rev. Justin Spaulding expressa o seu entusiasmo e insiste na premente necessidade de se enviar também uma professora de francês. Ele diz as seguintes palavras:

Estou feliz em saber que depois de muito esforço conseguiram encontrar alguém disposto a deixar seu país e amigos e vir a esta terra, navegando em outubro. Que o Senhor possa trazê-lo com segurança e que Ele seja importante instrumento para fortalecer esta débil missão. Espero também que encontrem uma professora que esteja disposta a acompanhá-lo. (BARBOSA, 2005b, p. 16).

É provável que o cuidado expressado por Justin Spaulding tenha relação direta com a obrigatoriedade do ensino da língua francesa na escola secundária brasileira, decretada em 1837, com a criação do Colégio Pedro II, instituição imperial (VECHIA, 1998).

Marcela Russell, professora de francês, desembarcou no Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1838, acompanhada de Daniel Parish Kidder, Cinthia Harriet Russel e Robert Mc Murdy, todos integrantes da missão nessa cidade. Em carta redigida no dia da chegada e enviada à “secretária” da Sociedade Missionária de Mulheres, Marcela Russell conta alguns detalhes sobre a viagem:

Querida irmã: [...] Esperamos desembarcar hoje, mas podemos nos desapontar. Foram cinqüenta e nove dias desde a saída de Boston, numa viagem bastante agradável sem passar por qualquer tempestade e nem mesmo uma ventania, mas o tempo permaneceu sempre muito nublado. Assim que saímos, como já era esperado, fiquei doente em alto mar. Entretanto, foram somente três dias, enquanto que a Sra. Kidder passou por uma situação mais séria, ficando doente durante três semanas [...] Ela teve toda atenção necessária, porque o Sr. Kidder não ficou doente de jeito algum e pode cuidar dela. Agora está completamente boa e se divertindo melhor do que se poderia esperar. Nós temos todas as razões para pensar que Deus cuidou de nós durante toda a viagem, preservando nossa saúde e protegendo-nos de todos os males. Nossa esperança é poder manifestar-lhe nossa gratidão, esforçando-nos em fazer avançar a causa do nosso querido Redentor. (BARBOSA, 2005b, p. 16).

Essa primeira escola metodista no Brasil, inicialmente instalada no bairro da Glória e transferida para o Engenho Novo, na vizinhança de inúmeras famílias norte-americanas no fim do primeiro semestre de 1838, teve curta duração (KIDDER, 2001). Marcela Russell e Robert Mac Murdy permaneceram pouco

tempo no Brasil. Em carta datada de 1º de janeiro de 1839, o Rev. Justin Spaulding anuncia que os dois professores estavam se preparando para retornar aos EUA (BARBOSA, 2005b). Com essa desistência, motivada pelas dificuldades em desenvolver o projeto e também por causa da violentíssima oposição feita por radicais ultramontanos contra a presença metodista na capital do império, a escola foi fechada.

Apesar de a missão Spaulding ter durado apenas cinco anos, houve o reconhecimento do trabalho. Em uma de suas publicações, a Sociedade Missionária da Igreja Metodista anuncia a descontinuidade da missão no Rio de Janeiro e declara que o esforço realizado não foi em vão, menciona Barbosa (2005-b).

Assim como o Rev. Justin Spaulding julgou imprescindível contar com uma professora de francês no reduzido corpo docente da primeira escola metodista estabelecida no Brasil, Martha Watts imediatamente reconheceu que também precisaria contar com um profissional que atuasse nessa área. Em carta de julho de 1881, ela fornece os primeiros detalhes sobre características culturais da população de Piracicaba, demonstrando mais acentuada estranheza em relação ao aspecto religioso, e já fala da necessidade de contratar professores (MESQUITA, 2001). Segundo a autora, na correspondência seguinte, ela comenta sobre o imóvel alugado, ressalta a dificuldade de conseguir mulheres e conclui dizendo já ter organizado o corpo docente, composto por vários homens.

A escola metodista em Piracicaba foi aberta no dia 13 de setembro sem “os vários homens” contratados, contando apenas com duas professoras (Martha Watts e Mary Newman) e um professor (F. J. C. Schneider), pastor presbiteriano que estava ajudando na implantação da Igreja Metodista na cidade e incumbido de ensinar a língua portuguesa aos missionários metodistas (SALVADOR, 1982).

Sobre esse apoio, o Rev. James L. Kennedy comenta sobre a chegada de Schneider, “que começou a instruir-nos imediatamente”, e destaca que ele também “reservou uma parte do seu tempo para ajudar na escola da senhorita Watts” (*ADVOCATE OF MISSIONS*, nov. 1881, p. 8. Carta de James L. Kennedy). No fim do ano, Schneider retornou a São Paulo, deixando o Colégio Piracicabano. De nada valeram os apelos feitos para que continuasse na cidade, exercendo seu cargo docente. Martha Watts afirma ter solicitado que “nosso professor brasileiro retornasse” (MESQUITA, 2001, p. 41). Sua presença na cidade estava ligada

essencialmente ao aspecto religioso e sua tarefa era possibilitar que os metodistas tivessem um treinamento básico na língua portuguesa e pudessem caminhar com as próprias pernas. Tal propósito fica muito claro em carta redigida por Koger em 24 de setembro de 1881, logo no início da organização da Igreja Metodista na cidade. Após admitir que suas relações com os brasileiros “estão praticamente confinadas às transações comerciais”, ele reconhece o importante papel desempenhado pelo pastor presbiteriano e avisa que sua presença em Piracicaba será curta, apenas até o fim do ano, “o que será um pesar para todos nós”, refere Koger (1881).

Em outra carta, o próprio Rev. Koger menciona o fim dessa primeira fase representada pelo apoio presbiteriano. Comenta que o Rev. Schneider os deixou na semana que antecedeu o Natal, que ele pregou seu primeiro sermão em português na noite desse evento, e que o trabalho metodista na cidade podia contar com outro evangelista, o “irmão E. Fulton Smith”, imigrante norte-americano que chegou ao Brasil em 1869 e podia “pregar em português e em inglês” (KOGER, 1882, p. 56).

A respeito de Fulton Smith, importa destacar que ele enviou diversas cartas à Junta de Missões. Numa delas, de 29 de março de 1880, ele enfatiza que “nosso único meio de sucesso para alcançar a juventude é através de escolas protestantes”, e que essa medida deve ser urgente, já que o país é o “paraíso da miscigenação”, e os próprios norte-americanos aderem facilmente aos costumes brasileiros (*ADVOCATE OF MISSIONS*, Aug. 1880. Carta de Fulton Smith).

4.4 A Difícil Tarefa de Encontrar Professores

“Recusaram iniciar a mulher em todas as carreiras. Manejar a agulha, ocupar-se dos cuidados maternas da casa, eis o que até hoje, por assim dizer tem sido a tarefa que lhe impuzeram: é esta a barreira posta à não sua intelligencia; e retendo captiva a parte pensante, disseram-lhe: ‘tu não sahiras d’aqui!’”

Maria Rennomotte

Concluído o primeiro trimestre, no fim de 1881, Martha Watts foi obrigada a prolongar as férias porque não achava professores que pudessem substituir o Rev. Schneider. Com a perspectiva de aumentar o número de alunos, essa questão se

tornou bem mais grave e poderia comprometer qualquer possibilidade de sucesso da instituição. Na carta de janeiro de 1882, ela anuncia estar próximo o início das aulas e promete fazer todo o esforço possível “até que um professor seja encontrado”. Tarefa árdua, pois a realidade educacional brasileira desenvolvia-se precariamente e havia uma carência de professores capacitados para ministrar aulas (MESQUITA, 2001, p. 41).

Martha Watts confessa não ter conhecimentos de francês e de música e reconhece ser necessário encontrar professores que atuem nessas áreas. Lamenta não ter essa formação e explica que recebeu lições básicas das duas disciplinas quando criança, “mas as circunstâncias impediram” que se aprofundasse e fosse capacitada, aponta Mesquita (2001, p. 41). Seu apelo foi reforçado em carta escrita nessa mesma ocasião pelo Rev. Ransom.

No seu relatório, Ransom (1882, p. 2) fala sobre a missão metodista no Brasil e as boas perspectivas para a escola de Piracicaba, bem como sobre a necessidade da compra e construção de edifícios adequados, para que “em poucos anos a escola se torne auto-sustentável e possa oferecer uma inestimável contribuição ao trabalho de evangelização do Brasil”. Ele retoma o argumento de Martha Watts destacando a “necessidade de ter uma mulher dos Estados Unidos preparada para ensinar francês, música e outros ramos de uma boa educação”. Entende que, se essa opção não for possível, será necessário contratar uma professora brasileira “não convertida”, ou então abandonar todas as pretensões de se conseguir destaque no movimento educativo que está começando a agitar o império (RAMSON, 1882, p. 32).

Martha Watts destaca, na mesma carta, o fato de estranhar os costumes brasileiros de estimar o talento (aprendizado da música, pintura e língua francesa) ainda mais do que os costumes mais práticos, pois, na visão pragmática da missionária, a gramática, a matemática, a geografia, etc. seriam o necessário para a educação daquelas crianças. É bem provável que ela considerasse o talento acima citado como amenidades, mas sua preocupação era objetiva e, assim, procurando adequar a escola metodista a fim de suprir as exigências de seus clientes, “pessoas que estimam o talento”, ela faz um apelo “às garotas recém-saídas de seus livros, e àquelas com habilidade em música, francês, pintura, etc.” (MESQUITA, 2001, p. 41).

Insiste para que as senhoras metodistas enviem suas filhas, que já são consagradas ao Evangelho, como educadoras ao trabalho missionário que estava sendo iniciado, ao argumentar que escreve sobre “estes costumes estranhos dos brasileiros” não para entreter as mulheres metodistas, mas para que sirva de “apelo às senhoras, mães, que têm filhas consagradas [...]” (MESQUITA, 2001, p. 41).

Martha Watts pretendia estabelecer a escola metodista baseada em um padrão educacional diferente, mas sua primeira preocupação era se adequar pragmaticamente aos costumes brasileiros, medida prudente para quem tinha diante de si um grande desafio e informações sobre a iniciativa fracassada das irmãs Newman. Ela tinha plena consciência de suas dificuldades e sabe que precisa fazer os necessários ajustes em seu plano de ensino para superá-las. Ao reconhecer a necessidade de ter professores de francês e de música em seu quadro docente, que era exigência da cultura local, ela estava se referindo ao modelo clássico adotado nas escolas femininas brasileiras, voltado para o francês, prendas domésticas e artes de salão.

Nessa época, o trabalho metodista no Brasil representava apenas uma extensão missionária da Igreja Metodista Episcopal do Sul. Sua regulamentação só vai ocorrer em janeiro de 1885, por ocasião da primeira Conferência Anual Missionária, realizada nas instalações do Colégio Piracicabano (BARBOSA, 2005b). Como responsável pela missão, o Rev. Ransom presta relatórios regulares e fala sobre as dificuldades encontradas para que o Colégio Piracicabano pudesse se firmar. Elogia a dedicação de Martha Watts, dizendo que era muito comum os missionários passarem o primeiro ano apenas cuidando do aprendizado da língua ou, no máximo, realizando alguma atividade subordinada a um trabalho já organizado, mas que ela estava se desenvolvendo tão bem com a nova língua a ponto de iniciar suas atividades em um prazo muito curto.

Comenta Ransom (1882) sobre as dificuldades para se conseguir os professores necessários e lamenta o fato de alguns terem se comprometido e depois não cumprirem o combinado, o que provocou prejuízos para o colégio, já que alguns alunos não confirmaram suas matrículas. Apesar de todos esses obstáculos, Ransom se mostra otimista. Nesse relatório de 23 de fevereiro de 1882, ele anuncia ter feito contato com uma dama, a qual ele acreditava ser francesa, “que chega até nós com as melhores recomendações e as nossas

perspectivas são boas” (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, n. 11, May 1882, vol. II, p. 2).

4.5 A Chegada de Maria Rennotte, “Com as Melhores Recomendações”⁷

“Veio, a chamado de Miss Watts, como professora de francez, Mlle. Marie Renotte. Ambas de caracter firme e activo, tornaram-se estas duas muito amigas e por annos trabalharam hombro a hombro para o desenvolvimento intellectual e espiritual dos alumnos confiados aos seus cuidados.”

J. L. Kennedy

A contratação de Maria Rennotte foi discreta e representou um certo risco, já que ela poderia simplesmente reforçar o modelo adotado nas escolas femininas brasileiras. Entretanto, como não havia professores disponíveis, e as aulas do trimestre já haviam começado, não existia outra alternativa a não ser agradecer pela chegada da candidata, que possuía excelente currículo, no qual constava diploma do magistério, experiência docente na Alemanha e também em uma escola do Rio de Janeiro, e a tão desejada suficiência na língua francesa.

Na primeira carta enviada por Martha Watts após o início do ano letivo de 1882, datada de 8 de março, não há nenhuma palavra sobre a presença da professora belga. Há muitas informações sobre os costumes da população piracicabana, sobre o lento avanço do trabalho missionário realizado pelo Rev. Koger, mas pouca coisa sobre a escola, somente um comentário sobre como ela está crescendo e que já tem treze alunos e ora a Deus por cada um deles e menciona ainda “Temos treze alunos agora, e estou pedindo ao Senhor por cada um deles”. Em outra parte da carta, ela menciona que, numa das ruas da cidade, encontrou um “velho cavalheiro” que pretendia matricular suas filhas na escola, entretanto, como esta não tinha, ainda, uma professora de música estrangeira, optou por manter a educação delas sob os cuidados de um velho mestre que já vinha educando-as (MESQUITA, 2001).

Caso esse “velho cavalheiro” tenha permanecido fiel ao seu princípio de somente matricular suas filhas no Piracicabano quando o colégio pudesse contar

⁷ No Anexo A constam as disciplinas oferecidas pelo Colégio Piracicabano. Cabe ressaltar que as aulas de francês e alemão só passaram a ser oferecidas com a chegada de Maria Rennotte.

com uma professora de música, essa ocasião só ocorreu no início de 1885, com a chegada de Mary W. Bruce, que desembarcou no Rio de Janeiro no dia 17 de setembro, após viagem de vinte e oito dias (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Dec. 1884. Carta de Jennie W. Kennedy). De acordo com carta redigida assim que se instalou no colégio, Mary Bruce revela seu esforço para poder assumir o mais brevemente possível o seu cargo.

Estudo minha lição de português todos os dias e estou muito ansiosa para aprender o mais rápido possível, para poder tomar o meu lugar como professor [...] todos parecem gostar da minha música, o que me faz feliz. Quando aprender o idioma será uma satisfação poder ajudar na melhoria da música sacra. Quando vou à igreja ainda não posso compreender o sermão e nem as orações, mas quando se canta um hino com uma melodia conhecida eu fico feliz e agradeço a Deus. (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Jan. 1885. Carta de Mary Bruce).

Mesmo sem conhecer bem o idioma, Mary Bruce participou ativamente dos exames de avaliação dos alunos, realizados no fim do ano, nos dias 18 e 19 de dezembro de 1884. Em carta enviada à Sociedade Missionária de Mulheres, registrou que “a música de Miss Bruce divertiu os alunos” (MESQUITA, 2001, p. 76).

Sobre a data da chegada de Maria Rennotte ao Colégio Piracicabano, podem ser feitas algumas conjecturas. Os primeiros contatos com ela foram feitos por intermédio do Rev. Ransom, provavelmente em meados de fevereiro, na cidade do Rio de Janeiro, já que entre dezembro de 1881 e a primeira semana de fevereiro de 1882 ele esteve em Piracicaba e acompanhou diretamente o drama da escola para se conseguir novos professores (KENNEDY, 1928). Foi quando retornou ao Rio de Janeiro, já ciente das dificuldades vividas pelo colégio, que ocorreram os primeiros contatos com Maria Rennotte, que também vivia na capital do império, conforme anuncia em carta de 23 de fevereiro de 1882 (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, May 1882, p. 2).

É provável que os contatos tenham sido superficiais e protocolares, já que nessa missiva ele nem sequer cita o nome dela e se equivoca referindo-se à professora como “dama francesa”, sendo que, na verdade, ela era belga. Quanto à chegada de Maria Rennotte e a data em que deve ter assumido seu cargo no Colégio Piracicabano, não encontramos registro nas cartas pesquisadas, o que nos

faz presumir que deva ter sido a partir do dia 13 de março, segunda-feira, pois, na carta escrita por Martha Watts na quinta-feira, 8 de março, não há nenhuma referência à sua chegada a Piracicaba (MESQUITA, 2001).

4.6 Quem era Maria Rennotte?

“Eu não venho reclamar para a mulher senão a posição que lhe convém; senão o lugar que lhe é devido, senão a dignidade à qual ella tem direito: ‘a de agir’.”

Maria Rennotte

No seu passaporte, Jeanne Françoise Joséphine Marie Rennotte é descrita como uma mulher de 1,60 m de altura, olhos acinzentados, cabelos loiros, nariz reto, queixo e rosto redondos. Aparentemente, tratava-se de uma jovem cuja aparência física era muito semelhante à de milhares de outras jovens europeias que aqui desembarcaram nesse mesmo século XIX, motivadas pelos constantes e sedutores apelos do governo brasileiro, que se esforçava para atrair imigrantes ao país.

Marie Rennotte nasceu em 11 de fevereiro de 1852, em Wandre, Bélgica, um pequeno povoado fornecedor de carvão para as indústrias metalúrgicas da região. Coursou magistério em Paris, completando seu curso com distinção, principalmente nas áreas de música e línguas (francesa e alemã). Podemos encontrar registro de sua formação acadêmica em seus diplomas do Cours Normaux, Societé pour l’Instrucion Élémentaire, de 1874, e o Brevet de Capacite pour l’enseignement – Institutrice II ordre, de 1875, e de sua experiência como professora em Mannheim (Alemanha), onde ensinou francês por três anos (MOTT, 1999).

Marie Rennotte chegou ao Brasil em 1878, com 26 anos de idade, incumbida de ser preceptora na casa de uma família do Rio de Janeiro. Na carta de apresentação, fornecida pela família onde prestou serviço como educadora, há informações atestando que se trata de uma profissional responsável, assídua, talentosa e muito competente (MOTT, 1999). Não há informações sobre os motivos que a levaram a vir ao Brasil para atuar como preceptora. Como ela

exerceu essa profissão durante curto espaço de tempo, é possível que essa atividade tenha servido apenas como trampolim para novos projetos profissionais.

Há registros de que atuou posteriormente em pelo menos uma escola particular no Rio de Janeiro, no Colégio Werneck, no Engenho Novo, contratada como professora de francês, alemão, caligrafia e desenho (MOTT, 1999, p. 116). O Colégio Werneck, dirigido por Ana Werneck, era direcionado à educação feminina, atendendo evidentemente à elite carioca, já que há divulgação desse colégio em várias edições do *Almanaque Laemmert*, uma importante publicação que circulou no Rio de Janeiro entre 1844 e 1918.

O texto de apresentação do estabelecimento de ensino à sociedade carioca evidencia tratar-se de uma instituição já consolidada, de qualidade e com reconhecimento social, como mostra o texto abaixo:

A diretora tendo completado seus estudos na Europa, onde visitou diversos estabelecimentos de Educação, espera continuar recebendo a confiança dos senhores pais de família, que quiserem dar às suas filhas uma educação sólida e esmerada, baseada na moral e na religião, atenta, sobretudo ao brilhante resultado obtido, no ano próximo passado, perante as mesas examinadoras de Instrução Pública. Participa que acaba de fazer grandes melhorias no prédio próprio em que funciona o colégio acima, o qual está colocado no centro de uma vasta chácara arborizada, na posição a mais salubre do Engenho Novo, e tem todas as comodidades necessárias a um estabelecimento deste gênero. Recebe um número limitado de alunas. N.B. As alunas do interior podem desembarcar diretamente na Estação do Engenho Novo. A diretora: D. Ana Isabel Lacerda de Werneck. (MOTT, 1999, p. 124).

A formação acadêmica, o perfil pessoal e a postura que Maria Rennotte apresentava eram diferentes do ideal educacional, cultural e social encontrado nas mulheres brasileiras, pois eram resguardados somente o espaço doméstico e o aprendizado restrito para a maioria delas.

Capítulo 5

O PAPEL DECISIVO DE MARIA RENNOTTE NO COLÉGIO PIRACICABANO

“Estou satisfeito com a influência religiosa disseminada pelo Colégio Piracicabano, com o ensino bíblico ministrado, com a administração hábil e enérgica de Martha Watts, com o entusiasmo e inteligência da educação ministrada por Mlle. Rennotte [...]”

Bispo Granbery

5.1 Uma Assistente Ativa e Criativa

“Mademoiselle Rennotte, minha fiel ajudante dos últimos sete anos, saiu de férias para lazer, para cuidar da saúde e para se aperfeiçoar, e ela espera fazer um curso de medicina. Aqueles que entendem tais situações podem entender o que significou para o meu trabalho perder uma ajudante tão eficiente.”

Martha Watts

A missionária Márcia Marvin, filha do falecido bispo Marvin, conviveu pouco tempo com Maria Rennotte. Elas se conheceram nos EUA, no início de 1887, numa ocasião em que foram apresentadas por Martha Watts, e viajaram juntas ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 24 de agosto desse mesmo ano (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Oct. 1887. Carta de Mary Bruce). Poucos meses após ter iniciado seu trabalho missionário como professora no Piracicabano, ela expressa por meio de carta sua gratidão pelo apoio recebido da “amiga Rennotte” e revela a posição que esta assumia na instituição. Diz que “Miss Watts é reconhecida como uma boa administradora e que a amiga Rennotte é uma digna assistente” (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Jan. 1888, p. 5).

A inclusão de Maria Rennotte no corpo docente provocou mudanças importantes no Colégio Piracicabano, ainda que tal afirmativa seja de difícil comprovação, visto que o primeiro semestre de 1881 não pode servir de parâmetro, já que se tratou de um período excepcional e o colégio contou com apenas uma aluna, Maria de Azevedo Escobar, filha de Antônio Gomes Escobar, jornalista responsável pela publicação do informativo “Palavra de Deus”, de origem protestante (ELIAS, 2001, p. 55)

O certo é que Maria Rennotte exerceu importante influência na organização e consolidação do Colégio Piracicabano, uma vez que ela chegou exatamente no efetivo início da instituição. Em uma de suas primeiras cartas à Sociedade Missionária de Mulheres dos EUA, redigida em 1º de maio de 1882 e dirigida à Sra. Butler, uma das representantes da sociedade, Martha Watts considera que a presença de Maria Rennotte no colégio preenchia a necessidade apresentada pela elite piracicabana, isto é, que seus filhos estudassem “francês, música e outras coisas do gênero”. Dessa forma, a escola progrediu desde a chegada dessa “talentosa senhora européia” e de “cinco alunas, o colégio passou a ter vinte” (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, n. 2, Aug. 1882, p. 4).

A ampliação do número de alunas ocorreu principalmente graças ao apoio dos irmãos Manoel de Moraes Barros e Prudente José de Moraes Barros (Prudente de Moraes), “chefes republicanos da região, membros da loja maçônica local e advogados dos confederados de Santa Bárbara, os quais encaminharam os primeiros alunos do colégio, inclusive seus filhos” (HILSDORF, 2002, p. 97).

Foram matriculados no Piracicabano, dentre outros, os filhos de Manoel de Moraes Barros (Anna Maria, Eliza, Jorge e Leonor), o de Prudente de Moraes (Prudente de Moraes Filho) e uma sobrinha (Olympia de Moraes Barros). Martha Watts relata em sua carta sobre Manoel de Moraes Barros que “desde o princípio esta escola possuiu um amigo fiel que foi influente, educado, rico, independente nas suas idéias, e ansioso para que a escola Protestante tivesse sucesso”. Ele “enviou seus quatro filhos e influenciou a muitos outros para fazer do mesmo modo” (*WOMAN’S FOREIGN MISSIONARY SOCIETY*, 1882, p. 31).

As primeiras informações sobre a atuação de Maria Rennotte no Colégio Piracicabano são relacionadas aos exames escolares feitos no fim do primeiro semestre de 1882. Ainda que Martha Watts tenha ressaltado seu protagonismo em todo o processo de preparação dos exames, principalmente quando afirma que os professores, apesar de não estarem acostumados ao seu modo de correção e organização das provas, colaboraram, animadamente, com seus métodos: “[...] tomaram o trabalho com entusiasmo, abandonando seus modos pelos meus, os quais aprendi nas escolas públicas de Louisville” (MESQUITA, 2001, p. 46), fica evidente a importante contribuição de Rennotte.

As atividades curriculares eram desenvolvidas da seguinte forma: Rev. Koger, professor de álgebra, cuidava da pastoral do colégio; Mary Newman era

professora de geografia e história do Brasil; Leonor Smith ensinava gramática inglesa e geografia em inglês; Hilária Santos, aluna-mestra, ensinava gramática portuguesa; e Maria Rennotte, além dos exames nas disciplinas de botânica e francês, era responsável por diversas outras tarefas. Martha Watts relata que os poemas *My Mother* e *A Salute to Brazil*, recitados, respectivamente, por Maria das Dores Oliveira e Maria de Azevedo Escobar, foram escritos por Rennotte. É provável que Rennotte também tenha sido responsável pela preparação de Margarida Dihel e Otto Kiefert, que recitaram poemas em alemão, e de Mary Prestridge, que recitou os versos de uma farsa francesa. No encerramento das festividades, na presença de quarenta pessoas, foi representada a comédia *A Lição de Geografia*, também produzida por Rennotte, que contou com a participação especial de Martha Watts, representando o papel de uma “estúpida professora ensinando geografia para duas crianças de uma forma bastante áspera” (MESQUITA, 2001, p. 48).

É interessante observar que o primeiro exame de avaliação dos alunos do Colégio Piracicabano foi decidido e planejado inteiramente por Martha Watts, sem apoio pedagógico de nenhum outro professor, e a novidade é que foi um evento público, tendo como convidados os familiares das crianças e outras pessoas da cidade. Esse tipo de exame nos leva a acreditar que buscassem garantir a visibilidade e a credibilidade do trabalho de educação realizado. É o que ela registra em carta:

Em março ou abril decidi aplicar um exame público. Tínhamos vinte alunos e pensei que pudesse fazê-lo com credibilidade, apesar de meus professores associados se perguntarem como poderia ser, com tal material e tão pouco tempo para preparativos; mas não se opuseram e foram para o trabalho. (MESQUITA, 2001, p. 46).

Entretanto, percebemos nitidamente a inegável importância de Maria Rennotte em todo o processo, inclusive na decoração do local do evento, a qual, conhecendo a valorização dos brasileiros pela cultura francesa, providenciou “bandeiras francesas festonadas, no centro e uma grande bandeira brasileira disposta em forma de escudo no final da sala formavam nossa decoração” (MESQUITA, 2001, p. 47).

Podemos inclusive apontar para a evidência de que o trabalho eficiente desenvolvido por Maria Rennotte tenha produzido significativa mudança na atitude

centralizadora de Martha Watts. Na ocasião seguinte, os próprios termos são diferentes e ela revela, ao utilizar verbo na terceira pessoa do plural para se referir ao exame, que as decisões e o planejamento deste tiveram a participação de mais de uma pessoa: “Achamos necessário ter um novo exame público ao fechamento da sessão em dezembro”, relata (MESQUITA, 2001, p. 49-50).

Não é possível afirmar que o sucesso do Colégio Piracicabano nesse primeiro semestre efetivo tenha tido tanta repercussão a ponto de chegar imediatamente ao conhecimento do Rev. Ransom, já que ele esteve nos EUA durante os meses de março a julho de 1882. Mas o certo é que a carta escrita por ele à Sociedade Missionária de Mulheres, em junho desse mesmo ano, reflete seu otimismo com o futuro do colégio (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, n. 3, v. III, Sep. 1882. Carta de John J. Ransom). No início, lamenta ter viajado sem os necessários e prometidos reforços para a missão em Piracicaba. Referindo-se às cartas anteriores, nas quais comenta que o momento histórico vivido pelo Brasil era extremamente propício para um grande investimento metodista na área educacional, ele retoma o mesmo tema e assinala ter chegado a hora de “ampliar a escola de Piracicaba para a dignidade de uma verdadeira universidade para jovens senhoras”.

Para isso, julgava necessário o envio imediato de “uma ou duas mulheres de talento de primeira classe”. Entende que a escola está pronta para oferecer todas as condições de trabalho, já que a última Conferência Geral havia aprovado recursos financeiros para a missão no Brasil. Afirma que já havia começado no país um grande despertar sobre a questão da educação da mulher, e os metodistas poderiam assumir um papel importante nessa área. Entende que uma boa faculdade em Piracicaba poderia contribuir para a expansão do metodismo no país e, inclusive, conquistar a gratidão do império. Propõe o lançamento da pedra fundamental do colégio para julho ou, no mais tardar, para agosto de 1882. É visível, no texto de Ransom, a expectativa de que a construção do novo edifício servirá para alavancar a própria expansão do metodismo no país e, acima de tudo, ajudará a melhorar a qualidade da escola e, conseqüentemente, aumentará o número de alunos (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, n. 3, v. III, Sep. 1882. Carta de John J. Ransom).

Por ocasião do primeiro aniversário do colégio, que já se encontrava em bases mais sólidas graças, também, ao trabalho de Maria Rennotte, o Rev. Koger

rememora o começo difícil e agradece pela confiança demonstrada pela direção da Sociedade de Mulheres ao trabalho desenvolvido por Martha Watts. Em carta escrita em 13 de setembro de 1882, ele reconhece que o fato de um grupo de professores cuidar de uma só aluna foi frequentemente ridicularizado por brasileiros, que indagavam se eles aguentariam por muito tempo aquela situação. Entende que os amigos metodistas dos EUA também fizeram os mesmos questionamentos, no entanto gentilmente evitaram expressar qualquer desaprovação, sendo essa atitude muito positiva para a continuidade do trabalho. Muito mais tranquilo com os novos rumos da instituição, que contava naquele momento com a dedicação de Maria Rennotte, Rev. Koger afirma que os planos são simples e práticos, e todos os envolvidos no projeto são fiéis e dedicados ao trabalho, que cresce continuamente e já necessita urgentemente de um amplo e adequado edifício (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Dec. 1882. Carta de James W. Koger).

Não há nessa carta do Rev. Koger explicações mais amplas e objetivas sobre a construção do novo edifício, mas o fato é que o terreno já tinha sido adquirido em área localizada na Rua Boa Morte, entre as ruas Ourives e Esperança (atuais, respectivamente, Rangel Pestana e Dom Pedro II). O jornal *A Gazeta de Piracicaba* havia publicado, na edição de 29 de julho, que o Rev. Ransom estava providenciando a construção de um edifício para o colégio. E, incluído nas comemorações do primeiro aniversário do Colégio Piracicabano, na edição de 16 de setembro de 1882, é publicado na edição do referido jornal o seguinte:

Tratando-se de construir nesta cidade, à Rua da Boa Morte, terreno em frente à casa do Sr. Martim Bonilha, um edifício para a instalação do Colégio Piracicabano, convida-se todos que quiserem tomá-lo por empreitada a examinar a planta em poder de James W. Koger, e a apresentar-lhe suas propostas até o dia 7 de outubro próximo, competindo a decisão final ao Revmo. J. J. Ransom. (GAZETA DE PIRACICABA, 16 set. 1882).

Nos exames escolares feitos no fim do segundo semestre de 1882, realizados nos dias 11 e 12 de dezembro, com a “esperança de despertar um forte interesse na mente das pessoas a respeito da educação de suas filhas” (GAZETA DE PIRACICABA, 1882, p. 1), o papel de Maria Rennotte foi ainda mais destacado. Animadíssima com a repercussão produzida, Martha Watts traduz e reproduz a reportagem divulgada pelo referido jornal e a remete à Sociedade de Mulheres, nos

EUA. O texto, escrito pelo Prof. Omparet, o qual, segundo as palavras de Martha Watts, “vinha aqui o tempo todo e questionava as aulas quando lhe dávamos oportunidade”, discorre sobre a atuação da diretora, dos demais professores e destaca reiteradas vezes o talento de Maria Rennotte:

‘Além de uma paciência de fazer inveja, a Srta. Watts possui um método que pode ser considerado original. Não é fácil descrever a arte e habilidade que ela tem para ensinar a todos aqueles pequeninos aritmética, inglês, etc. Assistida por professores capazes e devotados, ela pode se orgulhar pelos resultados de seus esforços. Nós não exageramos quando dizemos que o estabelecimento, sob sua direção, é o primeiro na Província de São Paulo; e esperamos em pouco tempo ver uma procura por parte dos pais que desejam dar a suas filhas uma educação verdadeira – isto é, uma educação que veja além do memorize, memorize, memorize sem fim e universal. Nós parabenizamos os professores zelosos e ativos no cumprimento de suas obrigações, e os alunos também, que de forma tão brilhante seguem suas sábias instruções.

‘Diálogos e poemas bem escolhidos foram recitados com gosto e inteligência intercalados por exames de aulas de geografia, aritmética, gramática inglesa e história do Brasil. **Com relação ao exame da aula de física, podemos sinceramente elogiar o método científico e aperfeiçoado de Mlle. Rennotte, a qual, não ficando satisfeita com respostas vagas e superficiais, persiste até forçar a mente do aluno a trabalhar e dar uma resposta completa, correta e clara.** Após, sucedeu-se música, em que o piano parecia se identificar com a vontade do executante. Enche-nos de prazer mencionar a turma examinada em história universal. Todos mostraram compreender as vantagens tiradas deste estudo e, favorecidos por memórias excelentes, narraram os fatos com bastante exatidão – nenhuma data foi dada incorreta.

‘Nós gostamos muito do método do Rev. J. W. Koger no exame de sua inteligente aluna, Maria Escobar, em geometria; e no segundo dia deste mesmo professor, após ter dado a sua pupila, Miss Smith, algumas fórmulas algébricas, deu-lhe um problema bastante longo do segundo grau, o qual ela resolveu, não obstante o fato de que Dona Geraldina Borges tocava com bastante animação o Hino Acadêmico – sem que as notas melodiosas distraíssem a atenção de Miss Smith, que silenciosa e sabiamente continuou até achar o valor de x .

‘No exame da primeira turma em gramática portuguesa, por Mlle. Rennotte, notamos um fato bastante admirável, que depende muito do sucesso dos exames – isto é, a prontidão e clareza das respostas.

‘Os poemas recitados mereceram muitos aplausos e prestamos somente uma devida homenagem ao gosto musical de aluna Maria Escobar, quando dizemos que os acordes melodiosos de ‘Lês Hirondelles’ foram executados com muita perícia. Esta jovem não somente se distinguiu em música – não esquecemos sua composição escrita na melhor linguagem e mostrando sua inteligência cultivada. Mlle. Rennotte nos

mostrou claramente em seus exames da classe de história natural sua alta consideração deste estudo. Eram quatro horas da tarde, quando Miss Newman nos deu a oportunidade de recomendar os seus métodos de ensinar aritmética, geografia, etc., e foi a falta de tempo somente que a impediu de mostrar a extensão do conhecimento de seus alunos em história do Brasil.

Assim nossos leitores podem ver que dois dias consecutivos, das 10h30 da manhã até quase as 5h00 da tarde, não foram tempo suficiente para examinar os alunos nas numerosas e bem-ensinadas áreas mencionadas no programa. Este fato nos habilita a aguardar para breve a criação de um curso superior.

À noite, às 7h00, uma platéia ainda mais compacta do que aquela dos dois dias precedentes lotou a sala em que os exames foram feitos. As salas adjacentes, e as janelas também, estavam cheias de espectadores interessados.

O festival teve início com os grandes versos da ‘Marseillaise’ executados em coro por todos os alunos. Os poemas foram bem recitados, as composições bem escritas e sem dúvida os espectadores tiveram uma impressão agradável dos vários quadros vivos que lhes foram apresentados. Depois disso, em um diálogo intitulado ‘Os Cavalheiros do Interior’, de Molière, foi uma idéia feliz de Mlle. Rennotte fazer com que seus alunos traduzissem suas respectivas partes do francês para o português. Não é necessário falar da habilidade mostrada por cada aluno, já que tudo foi representado com espírito. A seguir, a ginástica, ensinada pela Srta. Watts, foi executada por todos com uniformidade admirável, e aconselhamos nossos leitores a aproveitar a primeira oportunidade que venham a ter para presenciar os exercícios neste departamento – tão útil na educação física. (MESQUITA, 2001, p. 51-53, grifos nossos).

5.2 Uma Professora Eficiente

“Mlle. Rennotte, com suas idéias e educação européias, poderia lhes dar bons pareceres sobre o sistema europeu por seu método e maneiras em sala de aula.”

Martha Watts

A referência utilizada por Martha Watts para comparar a qualidade de ensino do Colégio Piracicabano, que, segundo ela, era a melhor escola da província, com a escola católica da cidade de Itu, São Paulo, era o trabalho realizado por Maria Rennotte. Após dizer que tinha dificuldades para acreditar nas propaladas histórias sobre a ignorância dos alunos que estudavam na escola católica, ela assinala, em carta enviada à Sociedade Missionária de Mulheres, ter confirmado tais informações ao receber, por transferência, duas alunas que, durante três anos,

estudaram naquela instituição. Ressalta que as professoras da escola católica eram freiras francesas que não tinham nenhum método e não sabiam ensinar. As duas alunas, que estudaram com as freiras francesas durante o período mencionado, não puderam acompanhar as aulas de francês com uma menina que estudou com Rennotte apenas um mês. E, diante de tal comprovação, ela questiona: “Como meninas que receberam ensinamentos dos professores por tanto tempo não aprenderam mais? E como ficou a consciência das mulheres que fingiram ensinar e não ensinaram?” (MESQUITA, 2001, p. 53).

Tal comparação entre as duas escolas pareceu a Martha Watts bastante oportuna na ocasião, já que os jesuítas, visando combater a presença dos metodistas em Piracicaba, estavam instalando na cidade uma filial da antiga e prestigiada escola de Itu. Entretanto, o Rev. Ransom considerou a atitude de Martha Watts imprópria e inoportuna. Em carta publicada no *Woman's Missionary Advocate*, ele exorta a diretora do Colégio Piracicabano a “não cair no erro de desprezar o trabalho” das freiras e “nem imaginar que uma ou duas meninas que nada aprenderam com elas” representem uma “justa e exata amostra de seus alunos” (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Sept. 1883. Carta de John J. Ransom).

Martha Watts e Maria Rennotte assistiram à cerimônia de inauguração da escola jesuítica, fato que provocou surpresa entre os participantes, já que, de forma alguma, eram aguardadas, e ficaram felizes quando um amigo delas, que a convite de Rennotte recentemente havia feito uma palestra no Colégio Piracicabano sobre mulheres e a educação, ao proferir seu discurso, fez referências elogiosas à escola metodista (MESQUITA, 2001).

Nessa época, primeiro semestre de 1883, o Colégio Piracicabano contava com 38 alunas, sendo que duas delas eram assistentes e lecionavam. Sobre a situação física das professoras, Martha Watts diz que Mary Newman, cuja saúde era muito frágil, “goza da melhor saúde dos últimos anos” e que Maria Rennotte “não está bem”, mas que continua atuando com a mesma qualidade de sempre, mantida por “seu amor por mim e pela causa da educação e por sua escola” (MESQUITA, 2001, p. 56). Na festa de encerramento do semestre, no dia 22 de junho, a Sociedade Literária Piracicabana, organizada e presidida por Maria Rennotte, era composta de alunas desta, que foram eleitas para os cargos de vice-presidente, secretária, bibliotecária e tesoureira, como anunciado no jornal da

época: “Nunca homens exerceram taes cargos nesta terra; pois há agora, e exercidos por meninas [...], e foi o grupo responsável pelo entretenimento que “consistiu de declamações, música instrumental, canto e composições” (MESQUITA, 2001, p. 58).⁸

O entusiasmo de Martha Watts pelo trabalho desenvolvido por Maria Rennotte é tão grande a ponto de suspirar diante da possibilidade de que um dia as dirigentes da Sociedade Missionária de Mulheres e “todas as outras boas mulheres que estão trabalhando e orando por nós” (MESQUITA, 2001, p. 54) pudessem ver com os próprios olhos o trabalho educacional realizado em Piracicaba. Diz que três professores são americanos e utilizam métodos americanos conhecidos pelas mulheres metodistas dos EUA, mas que a pedagogia de Maria Rennotte é diferente, e que ela, com “suas idéias e educação européias, poderia lhes dar bons pareceres sobre o sistema europeu por seu método e maneiras em sala de aula” (MESQUITA, 2001, p. 54). Destaca ainda a atuação da pupila de Maria Rennotte, uma jovem brasileira que a acompanhava por toda parte e, além disso, ela “tem algumas idéias originais que as agradariam e vocês não a desdenhariam por ser brasileira” (p. 54). Trata-se de Anna Maria de Moraes Barros, dedicada discípula de Maria Rennotte, cujo trabalho foi reconhecido e elogiado diversas vezes por Martha Watts. Na ocasião dos exames finais do segundo semestre de 1883, a forma de educação realizada no colégio recebeu elogios, mas deu-se destaque à atuação de Anna, que já atuava como professora assistente: “todos reconhecem seu mérito e aplicação e sentiram que ela era merecedora”, conforme expõe Mesquita (2001, p. 64).

Como o governo imperial não permitia que as escolas particulares concedessem diplomas, as estudantes do Piracicabano eram preparadas em todas as matérias exigidas pela Escola Normal, pois muitas delas ambicionavam tais diplomas. Martha Watts destaca que os alunos mais adiantados estudavam botânica, química, física, geografia e história geral utilizando livros didáticos em francês, cursos certamente ministrados por Maria Rennotte, que “ensina anatomia com palestras de seus livros franceses” (MESQUITA, 2001, p. 61).

Um dos mais graves problemas enfrentados por Maria Rennotte e pelos demais professores dizia respeito às disciplinas e aos temas que exigiam

⁸ Vide Anexo B – Notícia sobre a Sociedade Literária de Piracicaba.

raciocínio. Os alunos “estão acostumados a aprender cada coisa ‘de cor’ e repetem palavras como papagaios; mas se você perguntar a eles o significado, eles ficam perdidos para responder” (MESQUITA, 2001, p. 61). Essa metodologia representou uma novidade tão interessante, a ponto de impressionar inclusive experimentados professores que atuavam em escolas da cidade. O Prof. Omparet, diretor do semi-internato Liceu-Francez, por exemplo, visitou inúmeras vezes as aulas ministradas por Maria Rennotte, com o intuito de aprender com ela. No jornal *A Gazeta de Piracicaba*, ele elogia o “método científico e aperfeiçoado de Mlle. Rennotte”, que “não satisfeita com respostas vagas e superficiais, persiste até forçar a mente do aluno a trabalhar e dar uma resposta completa, correta e clara” (GAZETA DE PIRACICABA, 17 dez. 1882).

Aos poucos, as práticas educativas adotadas no Piracicabano foram perdendo o sabor da novidade que havia no início da instalação do colégio. Em suas cartas, a própria Martha Watts já não mais se entusiasmava em descrever com detalhes os exames feitos nos finais de semestres. Sobre os realizados nos dias 19 e 20 de dezembro de 1883, ela ressalta o trabalho realizado por Maria Rennotte e por Anna Maria de Moraes Barros, sua assistente. Considera que não há muito mais o que falar sobre as qualidades da professora belga, acostumada a receber “habituais elogios” de toda parte (MESQUITA, 2001, p. 64). E, procurando dar uma ideia da influência que a escola exercia na cidade, ela reproduz parte de um artigo publicado na *Gazeta de Piracicaba* e evidencia que o texto começa com uma afirmação contundente: “A educação de uma mulher não é mais um sonho” (MESQUITA, 2001, p. 65).

É evidente que, na época em que ocorreram os exames finais de 1883, o assunto que mais interessava tanto a Martha Watts como a Maria Rennotte era a perspectiva de iniciar o novo ano letivo com a escola já instalada no novo edifício. Ambas acompanhavam diariamente os andamentos da obra, dando inúmeras sugestões ao arquiteto responsável, o Sr. W. Haussler (CACHIONI, 2003). Embora não se possa comprovar pela análise das fontes disponíveis, é possível concluir que Maria Rennotte tenha dado inúmeras sugestões ao arquiteto, no que tangia ao ambiente escolar e à higiene.

Ou seja, é bastante provável que, desde a sua chegada ao Brasil e permanência no Rio de Janeiro, ela tenha, de alguma forma, acompanhado as discussões sobre temas higiênicos, que eram bastante comuns nessa época.

Reforçando essa hipótese, o pesquisador Gondra (2004) observa que inúmeras teses médico-higiênicas produzidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tratavam de projetos de conformação pedagógica e organização escolar. Tais projetos previam uma série de medidas que deveriam ser seguidas para que as escolas se tornassem ambientes adequados. Como é provável que Maria Rennotte, participante e inquieta como era, tenha acompanhado essa discussão, é possível inferir que ela tenha contribuído ativamente em todas as etapas de construção do edifício, desde a escolha do local, seleção de materiais, os diversos tipos de cômodos que deveriam compor o prédio escolar, tais como salas de estudos e de aulas e os dormitórios, que foram detalhados em cartas de Martha Watts encaminhadas às mulheres da *Woman's Board of Missions*.

Em carta de maio de 1883, Martha Watts informa que o “arquiteto é bastante prestativo” e “aparentemente deseja receber minhas sugestões” (MESQUITA, 2001, p. 55). A expectativa sobre a conclusão da obra é muito grande e ela se diz “tão ansiosa para ver terminada!” e, mais adiante, procurando se justificar alega que se sente confortável com as atuais instalações, mas entende que no novo edifício será muito diferente “porque ele será nosso” (p. 55). Tal é a sua alegria que, um mês depois, já escreve outra carta e anexa uma fotografia do novo prédio “para ser distribuída em diferentes partes do país, para que seus amigos saibam que nossa escola é uma realidade” (p. 66). Além do prédio, ela relaciona as pessoas que aparecem na foto: Maria Rennotte, à esquerda, a própria Martha, ao centro e sentada em uma cadeira, e ao seu lado, Mary Newman, um garotinho e sua irmã, uma empregada alemã que cuidava da limpeza do colégio, e cita, também, o mascote da família, o cachorrinho Joli, que também aparece na foto. Em carta anterior, de 6 de julho de 1883, ela explica que não contratou uma negra para limpar a casa, pois considerava que as criadas dessa etnia não gostavam de fazer esse serviço; por isso, levou um bom tempo procurando uma empregada alemã para trabalhar no colégio (p. 56).

Ao afirmar que o novo edifício seria deles, Martha Watts se mostra mais segura e aliviada porque entende que, com esse passo, a instituição fincará raízes mais sólidas na cidade e ampliará seu potencial. Esse crescimento foi registrado em suas cartas e em artigos da *Gazeta de Piracicaba*. Em fevereiro de 1883, ocasião do lançamento da pedra fundamental, o jornal assinala que o colégio contava com “trinta e dois alunos” (GAZETA DE PIRACICABA, 11 fev. 1883, p. 1).

Posterior à transferência para o edifício próprio, já no início das aulas, a diretora computou “quarenta e cinco alunos matriculados” e passadas mais de três semanas, os alunos chegaram a 68. Martha Watts informa todos esses detalhes às mulheres da Sociedade Missionária em carta enviada, na qual ela menciona a grande diferença da escola em relação ao seu início, três anos atrás. Sua felicidade era visível porque “desta vez havia realmente uma agitação e um gostoso som de passos, apertos de mão e beijos”. Sobre o total de alunos, diz que, além dos que estão presentes, outros foram recomendados (MESQUITA, 2001, p. 66-67).

É evidente que a *Gazeta de Piracicaba* teve influência no sucesso da escola. Dentre outros comentários publicados no jornal, há destaque sobre o “elegante edifício” que “honra a cidade de Piracicaba” e “que todos os dias abre suas portas para receber as numerosas alunas que o freqüentam” (GAZETA DE PIRACICABA, 25 jan. 1884, p. 2).

No seu primeiro relatório como superintendente da missão brasileira, produzido em 15 de fevereiro de 1884, James W. Koger destaca a vinda do Rev. J. W. Tarboux ao Brasil, em agosto de 1883, e menciona que ele permaneceu no Rio de Janeiro, assumindo o cargo de professor de inglês no Colégio Progresso e atuando como pastor de uma congregação local de fala inglesa (BARBOSA, 2005a). Informa, ainda, que, além do Colégio Piracicabano, outro projeto educacional foi instalado na cidade. Conta que, depois de mudar sua residência para outra parte da cidade de Piracicaba, sua esposa, Francis S. Koger, percebeu que nos arredores havia muitas crianças desocupadas e, assim, decidiu criar uma escola para atendê-las, o que aconteceu no início de 1883. A escola, que alcançou um total de 16 alunos, mantinha taxas acessíveis às famílias mais pobres e oferecia possibilidades de estudo gratuito aos que não podiam pagar, funcionou sob os cuidados de Francis S. Koger até o fim de outubro de 1883, quando ela teve de se afastar por causa de problemas de saúde. Por essa razão, a instituição passou a ser dirigida por outras pessoas da Igreja Metodista local, relata Barbosa (2005a). Sobre o Colégio Piracicabano, Koger reconhece o talento administrativo de Martha Watts, mas faz questão de ressaltar que Maria Rennotte “tem considerável talento e experiência, e fez muito para construir a instituição” (ANNUAL REPORT, 1884, p. 85).

5.3 Maria Rennotte – Missionária que “Fez Muito para Construir a Instituição”

“Mlle. Rennotte não está bem, mas o que a mantém é seu amor por mim e pela causa da educação e por sua escola particular.”

Martha Watts

Maria Rennotte realmente “fez muito para construir a instituição”. O Rev. Koger (1884) soube muito bem disso porque, desde o início, acompanhou de perto todas as etapas da vida da escola e sempre valorizou a atuação da professora belga. No seu relatório, redigido em 15 de fevereiro de 1884, ao assinalar que todos os professores realizaram um bom trabalho no ano anterior, deixa subtendido que grande parte de todo o trabalho realizado na escola foi feito por Maria Rennotte (*ANNUAL REPORT*, 1884, p. 85-86). Mary Newman se “afastou no final do mês de abril por problemas de saúde”, Leonor Smith se transferiu para o Colégio Progresso, no Rio de Janeiro, Martha Watts “revelou talento na administração”, portanto “merece muito crédito pelo sucesso da escola”. Sobre Maria Rennotte, relata: “Tem considerável talento e experiência e fez muito para construir a instituição” (p. 85). Ele sugere que o “real progresso indica fidelidade mais ou menos da parte de todos os professores”. Concluindo, assinala que o “colégio desfruta a reputação de dispensar instrução sólida”, que há “grandes perspectivas para o trabalho das mulheres no Brasil”, mas que é necessário o “envio de urgentes reforços” (p. 86).

Em sua carta de 6 de julho de 1883, Martha Watts também faz referência a esse período em que Maria Rennotte esteve bastante sobrecarregada. Fala que “os últimos cinco meses foram difíceis” por causa principalmente das “doenças e mudança de professores” e que ficou um mês inteiro sem poder contar com uma empregada para cuidar da limpeza da escola (MESQUITA, 2001, p. 56). Em carta anterior, ela já havia destacado a dedicação de Maria Rennotte ao Colégio Piracicabano. Disse que, apesar de passar por alguns problemas de saúde, Maria Rennotte sempre se manteve ativa, por seu amor ao colégio e à educação (p. 56).

Com a saída das duas professoras, Mary Newman e Leonor Smith, fato que sobrecarregou os envolvidos nas atividades no Colégio Piracicabano, não encontramos registros do que as motivou a essa atitude, além do apresentado no

livro do Rev. Kennedy. Em sua obra, *Cincoenta Anos de Methodismo no Brasil*, ele diz apenas que Mary Newman retornou a Santa Bárbara d'Oeste para a casa de seus pais e que, depois de restabelecida da saúde, organizou uma escola paroquial. Sobre Leonor Smith, revela que realizou alguns estudos no Colégio Progresso e depois retornou aos EUA para realizar estudos no *Alabama College for Women* (KENNEDY, 1928).

Kennedy (1884) acrescenta em sua avaliação que, além das referências elogiosas explícitas ao trabalho desenvolvido por Maria Rennotte, o Rev. Koger aponta claramente que ela não era uma simples professora funcionária da instituição, enfatizando o seguinte: “devemos ter mais professores cristãos dos Estados Unidos para fortalecer a influência cristã da instituição e atender suas demandas literárias crescentes”, bem como afirmando que Maria Rennotte exercia o trabalho de uma verdadeira missionária e que seria muito positivo para o sucesso da obra educacional metodista no Brasil se fossem encontradas e enviadas mulheres de idêntico nível e compromisso (*ANNUAL REPORT*, 1884, p. 86).

Em sua última carta antes de sua morte, Koger relata em relatório ao *Annual Report*, de 6 de janeiro de 1886, que Maria Rennotte e Martha Watts tinham viajado aos EUA, desfrutando do *furlough*, espécie de licença-prêmio concedida aos missionários a cada cinco anos de atividades. Essa licença não significava exatamente um período de descanso aos missionários, pois durante ela eles tinham a incumbência de visitar escolas metodistas, fazer palestras sobre o trabalho que realizavam e conseguir apoio financeiro para os projetos missionários. Esse relato confirma que Rennotte era considerada uma missionária (*ANNUAL REPORT*, 1886, p. 109). Outro dado relevante e que comprova a exata posição de Maria Rennotte diz respeito ao salário anual que recebia da tesouraria da Sociedade Missionária, ou seja, era semelhante ao de Mary Bruce e pouco inferior ao da diretora do colégio. Entre 1º de julho de 1884 e 30 de junho de 1885, os salários percebidos foram os seguintes: Martha Watts: 2.377\$040; Maria Rennotte: 2.197\$370; Mary Bruce: 641\$200 por nove meses de trabalho (SALVADOR, 1982).

Martha Watts concorda com Rev. Koger e explica que Rennotte é essencialmente uma missionária muito dedicada, que ama a “causa da educação” e que a acompanha em todas as atividades da Igreja Metodista, da qual se tornou membro em 16 de setembro de 1883 (Anexo R).

Hilsdorf (2002, p. 98) acentua que Maria Rennotte não era exatamente uma missionária como Martha Watts, ou outras que foram especialmente enviadas pela Sociedade de Mulheres da Igreja Metodista dos EUA, mas sua atuação foi muito parecida com o ideário protestante da época:

O interessante é que Marie Rennotte não era missionária, mas foi particularmente associada às representações de liberdade, progresso e inovação que acompanhavam os protestantes americanos à época, pois além de professora e cientista, era escritora e polemista, não hesitando em difundir em artigos da imprensa local e da capital a sua visão crítica da educação feminina na época, atacando abertamente a educação ministrada pela igreja católica e a mentalidade patriarcal que condenavam as mulheres de classe média a uma semi-obscuridade.

A atuação de Maria Rennotte no Colégio Piracicabano era tão visível e importante que a missionária Mary W. Bruce, imediatamente após sua chegada e instalação no novo edifício da escola, preparando-se no aprendizado do português para assumir a área de música, logo percebeu que Rennotte era uma “mulher realizadora e dedicada ao seu trabalho”. Na sua primeira carta à Sociedade Missionária de Mulheres, escrita em 11 de novembro de 1884, Mary W. Bruce fala que o ambiente no colégio era bastante movimentado, com todos preocupados com os próximos exames, e que estava muito satisfeita com o fato de Maria Rennotte estar bem melhor de saúde (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Dec. 1884, p. 6). Após conversar diversas vezes com a professora belga e ter os primeiros contatos com a cultura local, “com os olhos e ouvidos bem abertos”, ela afirma já ter conseguido perceber algumas flagrantes contradições. Nota que se trata de um povo afetuoso, educado e hospitaleiro, mas o mesmo cavalheiro que sempre tira seu chapéu para cumprimentar uma senhora é capaz, logo em seguida, de lançar espessas baforadas de fumaça no rosto dela.

Essa “mulher realizadora e dedicada ao seu trabalho”, conforme reconhece Mary Bruce, continuou exercendo seu importante e influente papel no colégio. Em relatório de 20 de junho de 1885, em que trata sobre estatísticas e também aborda os exames de encerramento do semestre, Martha Watts comenta que determinado professor não cumpriu a sua tarefa, mas que Maria Rennotte estava ativa no seu posto:

Sexta-feira à noite, dia 19, fechamos com uma atração que consistia na apresentação de poemas, composições e músicas com comentários feitos pela Mlle. Rennotte sobre a co-educação. Juntamente com chá servido com pão amanteigado para o encerramento, foram servidos bolo e rosquinhas, que todos apreciaram. (MESQUITA, 2001, p. 76-77).

Outro fato que denota a importância dada a Maria Rennotte, não só como professora, mas também como integrante da equipe de missionárias, é o fato de onde ficavam os seus aposentos.

Conforme aponta Mesquita (2001, p. 29), em agosto de 1881, Martha Watts declara que a casa onde estava instalada “não era grande o suficiente para abrigar a família e a escola”. Em outro relato, de julho de 1883, após mais uma visita à construção do novo prédio, ocasião em que foi acompanhada por Maria Rennotte, ela confessa sua preocupação sobre o que fazer com “esta linda casa quando estiver terminada”. Suas dúvidas são a respeito do mobiliário envolvendo salas de aula, laboratórios e biblioteca (MESQUITA, 2001, p. 58). Assinala que a parte doméstica já foi devidamente planejada. Segundo Mesquita (2001, p. 69), os dois “belos quartos do edifício, situados na ala esquerda, sobre as duas salas de aula” foram cuidadosamente reservados: um deles, “iluminado pelos primeiros raios do nascer do sol ou pela luz da lua, tem uma bela vista de uma parte da cidade e dos morros ao longe”, foi reservado para “as missionárias que com certeza virão este ano”, e o quarto da frente, “com vista para o rio e o pôr-do-sol”, foi escolhido para ser compartilhado por Martha Watts e Maria Rennotte:

Meu quarto compartilhado pela Mlle. Rennotte é mobiliado confortavelmente, tendo um belo toque de acabamento nas cortinas suíças. O outro eu uso agora como sala de piano. O dormitório é mobiliado com camas, lavatórios e ‘baús’. Por enquanto, eu não tenho guarda-roupas de uso comum e nem particular. Isto porque estou aguardando o marceneiro. (MESQUITA, 2001, p. 69).

A descrição feita por Martha Watts sobre o novo edifício é minuciosa. Diz que os espaços foram cuidadosamente distribuídos e reservados exclusivamente às aulas e ao ambiente doméstico. O fato de Martha Watts compartilhar seu quarto com Maria Rennotte mostra muito bem o papel que esta representava no Colégio Piracicabano e a influência que exercia sobre sua diretora. Na época da mudança para o novo prédio, ainda não estava confirmada a vinda de outra missionária e as

professoras Mary Newman e Nora Smith já não atuavam mais na instituição. Ou seja, Rennotte e Watts poderiam muito bem ocupar quartos separados e terem uma certa privacidade, mas compartilharam o mesmo espaço. A preocupação de valorizar o trabalho de Maria Rennotte fica também evidente na escolha de sua sala de aula. A descrição é pormenorizada:

De volta ao saguão, virando à direita – se você virar de repente, você ficará diante da escada; assim vá um pouco mais adiante e vire à direita, e novamente encontraremos duas portas ao final: uma de vidro, uma saída para o pátio; e outra que leva até uma bela sala de aula iluminada na ala esquerda, onde encontramos uma bancada, uma mesa, uma cadeira e um quadro negro, um esqueleto de papel e os pesos e medidas para ensinar o ‘sistema métrico’ em forma de mapa, adornando as paredes. Esta é a sala da Mlle. Rennotte. (MESQUITA, 2001, p. 69).

O novo edifício, planejado “especialmente para lecionar” contendo amplas salas de aula, espaço para exercícios ginásticos e jardins, além de um observatório e luz elétrica (MESQUITA, 2001, p. 73), servia como propaganda, pois, segundo as palavras de Martha Watts: “ter a propriedade de nossas casas faz muita diferença em nossa reputação com as pessoas [...] isto dá uma impressão de estabilidade que o aluguel não pode dar” (MESQUITA, 2001, p. 106), e também produziu maior desenvoltura no trabalho das professoras. Após acentuar as instalações com os dizeres: “ajudamos a melhorar o local do ponto de vista temporal” (p. 106), já que toda a região passou por grande remodelação urbanística após a inauguração do novo edifício, Martha Watts reconhece que o trabalho realizado pela escola também contribuiu com a cidade, no que se refere a mudanças no âmbito social.

Maria Rennotte e Martha Watts não se encontravam no Piracicabano em meados de 1886 e, portanto, não puderam participar dos preparativos do primeiro casamento realizado nas instalações do colégio, e nem assisti-lo. Em março desse ano, ambas tinham viajado aos EUA, desfrutando do *furlough*, com a finalidade de divulgar o trabalho educacional realizado no Brasil, conseguir mais recursos e estudar novos métodos pedagógicos. No lugar delas, ficaram Mary Bruce, que já atuava no colégio (com o cargo de diretora), e Ella Granbery, filha do bispo John C. Granbery, que acabara de se formar no *Wesleyan Methodist Institute* e que foi enviada ao colégio para auxiliar a primeira (ANNUAL REPORT, 1886, p. 109). É Mary Bruce, portanto, quem relata o interessante episódio do primeiro casamento

realizado no Colégio Piracicabano, cujos noivos eram Rita de Castro, a primeira órfã recebida por Martha Watts e cuidadosamente educada por Maria Rennotte, e um jovem que estava iniciando seu envolvimento com a Igreja Metodista. Mary Bruce conta que o padrinho do rapaz apareceu para conversar sobre os preparativos da cerimônia, bem de acordo com os costumes da época, e, quando ela recomendou que tratasse do assunto diretamente com a noiva, ele a olhou com profundo desprezo (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Sept. 1886).

A histórica Conferência Missionária, realizada na capela do Colégio Piracicabano, de 14 a 20 de janeiro de 1885, significou o primeiro passo na direção de uma melhor organização da missão metodista no Brasil. Martha Watts e Mary W. Bruce foram as representantes oficiais da área educacional, mas Maria Rennotte também acompanhou as discussões (KENNEDY, 1928). Entre outros temas, o relatório de James W. Koger relata que o investimento feito no Colégio Piracicabano, desde o ano de 1881, foi muito alto e havia muitas esperanças depositadas no sucesso dessa instituição, entendendo que ela poderia exercer positiva influência em centenas de famílias e serviria de conexão com outras áreas do trabalho missionário (*ANNUAL REPORT*, 1885, p. 94). Além de enfatizar a importância do colégio, Koger também destaca que Piracicaba podia ser apontada como centro da missão metodista no Brasil e que, por essa razão, deveria ser feito um esforço de construir, na cidade, todos os departamentos da Igreja Metodista (*ANNUAL REPORT*, 1885, p. 94).

Os reforços de novas missionárias solicitados na primeira Conferência Missionária (1885) que ocorreu em Piracicaba não chegaram. Assim, Martha Watts e Maria Rennotte continuaram arcando com as responsabilidades de conduzirem o Colégio Piracicabano. A nomeação e o envio de Mattie B. Jones como missionária, conforme informação trazida pela *Advocate of Missions* de dezembro de 1885, significava muito pouco diante das necessidades do colégio e da ampliação da missão de educar. Em todas as cartas enviadas à Sociedade Missionária de Mulheres dos EUA, é reiterado o idêntico apelo por mais missionários. A insistência da solicitação do envio de mais mulheres atuando na missão não se restringia somente a Martha Watts. A missionária Mary Bruce, por exemplo, em uma de suas cartas enviadas à referida sociedade, assinala que o projeto educacional é vitorioso na cidade de Piracicaba e deveria ser repetido no Rio de Janeiro (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, May 1886, p. 5).

Mas nem tudo transcorria com tranquilidade, pois dois fatos importantes que ocorreram em 1886 contribuíram para a fragilização do trabalho metodista em Piracicaba: o primeiro deles foi a morte do Rev. Koger, em 28 de janeiro, o outro, conforme já mencionado anteriormente, a viagem de Maria Rennotte e Martha Watts aos EUA, em março, em cumprimento do período de *furlough*. A morte do grande colaborador do colégio, vítima da febre amarela, trouxe muita dor às professoras da instituição. Martha Watts revela toda sua emoção:

Por quase cinco anos, convivi com ele como pastor, amigo e colaborador, uma pessoa muito completa. Como pastor e amigo dos missionários, sempre estava pronto para aconselhar ou consolar ou mesmo censurar quando seu senso de justiça e correção julgava necessário. Como colaborador em nosso trabalho, ele fez tudo o que estava ao seu alcance, até mesmo quando precisávamos de sua participação física no trabalho. Suas palavras amigáveis de aprovação eram confortantes quando nossos corações estavam aflitos pelas críticas e seu entusiasmado louvor nos deu energia para continuar. Ele acreditava na nossa escola e a amava; e o sentimento era recíproco, todos os alunos o amavam. Nós o mantínhamos informado de tudo; desejos, medos e alegrias eram todos compartilhados. Sentíamos sua simpatia por nós e pelo nosso trabalho. Quando saía às ruas e se misturava com as pessoas, estava sempre pronto para ouvir as objeções feitas aos nossos métodos e expor as vantagens do nosso sistema de ensino e recomendava nossa escola às pessoas. Ele era nosso grande e verdadeiro amigo e nós lamentamos sua perda. (MESQUITA, 2001, p. 77-78).

Para suprir as perdas produzidas pela morte do superintendente e pelo afastamento temporário de Maria Rennotte e Martha Watts, o qual durou aproximadamente um ano, e discutir os planos para reforçar o trabalho metodista no país, foi realizada em Piracicaba a Conferência Anual Missionária, de 17 a 20 de julho de 1886. Nessa reunião, que contou com a presença do bispo John C. Granbery e de sua filha Ella, nasceu o “Comitê sobre Escolas”, uma comissão formada com a tarefa específica de discutir as reais necessidades do trabalho educacional metodista no país (*ANNUAL REPORT*, 1887, p. 106). Profundamente impressionado com o trabalho desenvolvido no Colégio Piracicabano, o bispo Granbery concorda com a criação de uma escola semelhante no Rio de Janeiro. Diz já ter visitado possíveis locais para acomodar a escola e recomenda iniciar o trabalho numa escala modesta, mas com perspectivas de ampliação futura, que deve ser um edifício simples, alugado ou até mesmo comprado, mas com

professores competentes e fiéis, requisito básico para uma boa escola (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Oct. 1886, p. 2).

Importa ressaltar que esse projeto de criação de uma escola no Rio de Janeiro, nos mesmos moldes do Colégio Piracicabano, tinha sido anteriormente discutido por Martha Watts, Maria Rennotte e outras lideranças metodistas. O Rev. James L. Kennedy, por exemplo, redigiu um artigo comentando a grande repercussão da fala de um ministro do império, em que este valoriza sobremaneira a educação da mulher. O reverendo revela nesse artigo sua ansiedade pela visita do bispo Granbery e diz que, quando ele conhecer o campo missionário do Brasil, ficará entusiasmado com as grandes oportunidades, especialmente com o projeto de construção de uma escola para meninas no Rio de Janeiro (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Feb. 1886, p. 5).

Martha Watts retornou do *furlough* um pouco antes de Maria Rennotte, pois estava preocupada com a tentativa de intervenção no Colégio Piracicabano por parte do inspetor literário Abílio Vianna que, baseando-se em uma legislação educacional de 1854, segundo a qual não era permitida a coeducação, acusou o colégio de educar meninos e meninas na mesma sala e de não ensinar a religião oficial, na época a católica romana (ELIAS, 2001). Essa questão provocou grande alvoroço e teve ampla repercussão na imprensa do país⁹, pois o assunto foi divulgado como intolerância religiosa. Na sessão de 17/2/1887 da Assembleia Provincial de São Paulo, essa questão foi rechaçada pelo então deputado Rangel Pestana, que fez um discurso reprovando severamente o procedimento do inspetor Abílio Vianna (KENNEDY, 1928).

Maria Rennotte permaneceu um período maior, até 30 de julho de 1887, data em que embarcou acompanhada de outras duas missionárias, Jennie Kennedy e Márcia Marvin, que também retornavam ao Brasil (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Oct. 1887).

O retorno de Maria Rennotte ao Piracicabano foi bastante aguardado. Martha Watts conta que as pessoas da cidade perguntavam muito sobre ela,

⁹ Sobre esse episódio, cabe ressaltar o interessante o relato feito por Mattie B. Jones, à solicitação da diretora substituta Mary Bruce, e publicado no *Woman's Missionary Advocate*, edição número 1, de julho de 1887, vol. VIII. Entre inúmeras outras informações, ela relata que, por prudência e até aguardar a decisão final, os meninos com mais de 10 anos de idade foram colocados em uma sala específica. E uma das mães, apoiando o Colégio, diz que, se fosse necessário, continuaria enviando seu filho à escola mesmo que vestido com roupas de menina.

querendo saber a data do seu retorno (MESQUITA, 2001). Mary Bruce relata que a chegada de Rennotte ao Rio de Janeiro ocorreu no dia 24 de agosto, e que tanto o Colégio como a própria cidade de Piracicaba iriam proporcionar-lhe uma calorosa recepção (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Nov. 1887), fato que realmente ocorreu, pois houve “festiva recepção, presente os alunos, o corpo docente e amigos, entre flores e aclamações” (CAMBIAGHI, 1984, p. 102).

O papel desempenhado por Maria Rennotte contribuiu de forma decisiva para a consolidação do modelo educacional adotado no Colégio Piracicabano. A demanda pela instalação de idênticas instituições em outras cidades e regiões do país era forte, muito maior do que as disponibilidades financeiras e de pessoal da Sociedade de Mulheres. Sobre a abertura de uma escola em Taubaté (SP), instituição inicialmente planejada para ser organizada e administrada pelas mulheres, a missionária Mollie Kennedy é quem oferece detalhes sobre o convite feito por cidadãos da cidade às senhoras da Sociedade Missionária nos EUA. Diz que uma comissão composta por mais de vinte pessoas, as mais ricas e importantes do lugar, recebeu o Rev. Tilly, pastor responsável pelo trabalho de evangelização, que lá permaneceu durante um período de três meses para iniciar um trabalho de pregação, e implorou a ele que solicitasse das senhoras metodistas a abertura de uma escola na cidade, nos mesmos moldes da escola criada por Martha Watts em Piracicaba. Fizeram boas ofertas e pediram que Martha Watts e uma comissão fossem com urgência visitar o lugar e discutir o assunto (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, April 1890, p. 3).

Enfim, a escola metodista em Taubaté foi instalada, sendo nomeada como Colégio Americano de Taubaté, mas não sob os cuidados exclusivos da Sociedade Missionária de Mulheres, como inicialmente previsto, isso porque não havia recursos e missionárias suficientes, e acabou adotando outro formato, tendo em sua direção a Sra. Jennie W. Kennedy, esposa do Rev. J. L. Kennedy (BARBOSA, 2005).

Conforme pesquisa realizada no Centro de Estudos e Pesquisas sobre Metodismo e Educação (Cepeme) da Universidade Metodista de Piracicaba, a Escola do Alto, no Rio de Janeiro, foi instalada no mesmo formato do Colégio Piracicabano. A Junta Missionária de Mulheres adquiriu um imóvel na Rua das Laranjeiras, esquina da Rua Alice, imóvel “que ocupava o lado de um morro bem elevado, apresentado como estado acima da linha da febre amarela”, e as aulas

tiveram início em 20 de fevereiro de 1888, sob a direção de Mary Bruce, auxiliada por Mattie B. Jones, outra missionária.

Logo após a criação dessa segunda instituição, a Escola do Alto, no Rio de Janeiro, surgiu a necessidade de uma organização mais efetiva do trabalho educacional. Então, foi realizada uma reunião com o objetivo de avaliar o trabalho desenvolvido em Piracicaba e planejar a implementação de novos projetos, como o do Rio de Janeiro, segundo padrões idênticos aos adotados no Colégio Piracicabano. A reunião ocorreu nos dias 26 a 28 de dezembro de 1888, nas próprias instalações do Piracicabano, com a participação das quatro representantes da *Woman's Board of Missions* no Brasil, Martha H. Watts, Mary W. Bruce, Mattie B. Jones e Ella W. Granbery, além de Maria Rennotte.

Martha Watts ficou responsável por uma comissão incumbida de planejar a expansão da obra educacional, a qual formulou um projeto extremamente ambicioso, visando instalar mais duas escolas no Rio de Janeiro – em Botafogo, ao lado da Igreja Metodista, e em outro bairro da cidade, sendo essa destinada a crianças negras – e mais três em Piracicaba, sendo uma para crianças pobres, outra para crianças negras e uma escola noturna para atender as empregadas de uma fábrica de tecidos. O *Expositor Cristão* de 29 de agosto de 1891 informa que 80 dos 270 funcionários da fábrica eram crianças (BARBOSA, 2005a).

Especialmente convidada para ajudar na discussão, já que entre os anos 1886 e 1887 esteve viajando aos EUA e à França com o objetivo de estudar novos métodos de ensino e trazer material didático para suas aulas de ciências, Maria Rennotte concordou com a ideia de integrar-se a uma comissão para tratar do assunto. Tal comissão ficaria incumbida de apresentar na próxima reunião as suas sugestões sobre estes assuntos: material didático e preparação de professores. E no período posterior à primeira reunião anual das missionárias, em dezembro de 1888, também ficaria encarregada de entrar em contato com outras escolas evangélicas, para saber sobre as possibilidades de confecção de um currículo padronizado (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, May 1889).

5.4 Maria Rennotte Proporciona Maior Visibilidade ao Colégio

“O festival teve início com os grandes versos da ‘Marseillaise’, executados em coro por todos os alunos. Os poemas foram bem recitados, as composições bem escritas e, sem dúvida, os espectadores tiveram uma impressão agradável dos vários quadros vivos que foram apresentados. Depois disso, em um diálogo intitulado ‘Os cavalheiros do Interior’, de Molière, foi uma idéia feliz de Mlle. Rennotte fazer com que seus alunos traduzissem suas respectivas partes do francês para o português.”

Martha Watts

A presença de Maria Rennotte no Colégio Piracicabano preenchia a necessidade apresentada pela elite piracicabana de que seus filhos estudassem “francês, música e outras coisas do gênero” (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, Aug. 1882, p. 4). Com a chegada da “talentosa senhora européia”, o Piracicabano conheceu seu primeiro e fundamental crescimento, passando de “cinco alunas para vinte” (p. 4).

Essa entusiasmada afirmação de Martha Watts representa muito mais a afirmação de sua confiança, de sua expectativa, do que a indicação de ter encontrado o caminho certo na tarefa de firmar as bases de uma escola metodista em Piracicaba. Os sinais dessa confiança estão presentes na carta de novembro de 1881, quando faz esta afirmação: “nossa fé se mantém e estamos avançando em nossos preparativos para o futuro” (MESQUITA, 2001, p. 36) e em inúmeros outros momentos.

A percepção de que a educação era parte da estratégia de implantação do metodismo no Brasil, já que receberia boa acolhida entre a parte liberal da sociedade brasileira, adepta da ideologia do progresso e preocupada em encontrar um modelo educacional que substituísse o sistema escolástico dos jesuítas, servia como importante estímulo, mas não escondia a realidade dos fatos. A Igreja Metodista e sua escola encontrariam muitas resistências e dificuldades em sua tarefa de implantação. Ainda que o Colégio conquistasse um bom número de alunos com a chegada da professora de francês, as atitudes de suspeição e estranheza eram bem visíveis e os desafios eram enormes, como é possível observar nas palavras de Martha Watts:

Nós somos estranhos e protestantes, e a cidade está cheia de escolas e de professores, que ensinam a preços excessivamente baixos [...] e somente alguns que dão valor a um sistema de educação melhor do que o fornecido por estas escolas nos darão suporte. (MESQUITA, 2001, p. 36).

Maria Rennotte, mais do que uma professora incumbida de ministrar diversas disciplinas e de ajudar na coordenação pedagógica, assumiu outro papel fundamental, o de ser porta-voz da instituição na sociedade piracicabana. É evidente que Martha Watts, na condição de diretora da instituição, também mantinha contatos estreitos com a cidade, especialmente com pais de alunos e simpatizantes, mas foi Maria Rennotte quem assumiu efetivamente esse papel de rosto mais visível da instituição. Era quem falava com mais frequência, quem se utilizava melhor dos meios de comunicação disponíveis na época, quem apresentava suas ideias com mais contundência. Como se percebe claramente em suas cartas, o centro das atenções de Martha Watts tem resquícios de uma orientação mais proselitista, voltada para a intermediação entre escola e igreja. É ela a incumbida das aulas de religião, responsável pelos cultos diários, atitudes direcionadas objetivamente para a tarefa evangelística para as alunas. Em carta de 6 de julho de 1883, ela trata sobre a situação da escola, diz que está “muito bem financeiramente e intelectualmente” e solicita que as mulheres metodistas dos EUA continuem orando para que “siga bem espiritualmente” (MESQUITA, 2001, p. 57). A autora relata ainda que Martha Watts comenta sobre os rostos brilhantes dos estudiosos alunos, da devoção dos professores e assinala que elas iriam apreciar os cultos diários realizados no colégio.

O êxito da educação oferecida pelos metodistas em Piracicaba contribuiu sobremaneira para a implantação da igreja na cidade, ainda que a elite liberal que demonstrou apoio desse reiterados sinais de estar mais interessada na educação que os missionários ofereciam e menos na sua religião.

Maria Rennotte se identifica plenamente com o metodismo, inclusive tornando-se membro da igreja, mas realiza seu papel de forma diferenciada em relação à Martha Watts e demais missionários. Se Martha Watts passou a ser reconhecida na sociedade em virtude de sua coragem e administração do Colégio Piracicabano, Maria Rennotte, em relação à educação praticada neste, “era seu pensamento, sua voz, e tornou-se portadora dos valores que, na sociedade

brasileira da década de 1880, identificavam os colégios americanos de confissão protestantes” (HILSDORF, 2002, p. 98).

Pouco após sua chegada e inserção no Colégio Piracicabano, Maria Rennotte logo passou a escrever artigos na *Gazeta de Piracicaba*, jornal que havia iniciado suas publicações regulares em 1882, sendo o primeiro a ter circulação contínua, com edições nas quartas e sextas-feiras e domingos.

Os exames eram uma exigência dos regulamentos da instrução primária e secundária, mas, no caso do Colégio Piracicabano, eles se tornaram uma estratégia de divulgação da instituição e, também, uma forma de superar os preconceitos existentes. Como Maria Rennotte chegou ao Piracicabano praticamente no início de sua organização, ela acompanhou todo o processo de transformação dos exames em cerimônias públicas, com amplo destaque na cidade. O primeiro exame público ocorreu em junho de 1881 e recebeu tímida divulgação por parte da *Gazeta de Piracicaba*:

Colégio Piracicabano para Meninas
Assistimos anteontem aos exames que se efetuaram neste colégio.
[...]
Falta-nos o tempo, visto esta folha achar-se em ponto de ser impressa. Resumiremos, pois, dizendo que os Exercícios de Álgebra, Aritmética, as poesias, Portuguesas, Francesas e Inglesas, recitadas por inteligentes meninas, satisfizeram plenamente aos espectadores e deram provas evidentes da habilidade e ilustração das professoras. (GAZETA DE PIRACICABA, 17 jun. 1882).

Graças à sua grande competência, Maria Rennotte foi gradualmente conquistando reconhecimento e garantindo espaços para divulgação do Colégio e de suas ideias enquanto educadora. Os demais exames semestrais continuaram recebendo cada vez maior apoio por parte da imprensa. Martha Watts, por exemplo, ficou exultante com a repercussão dos exames ocorridos em dezembro de 1882 e reproduziu, na íntegra, em suas cartas o texto publicado pelo Prof. Omparet. Segundo ela, o jornal *Gazeta de Piracicaba* “deu a conta mais brilhante de nosso exame” e repete a informação de que, no encerramento da cerimônia, todos os alunos cantaram os versos da *Marseillaise*, sob a direção de Maria Rennotte (MESQUITA, 2001, p. 50-52).

Diversas iniciativas pedagógicas instauradas no Colégio Piracicabano foram amplamente divulgadas. Em artigo intitulado “Zoologia e mineralogia”, Maria

Rennotte convida a população de Piracicaba a contribuir com doações de materiais diversos, como bichos, pedras e outros objetos curiosos, para a criação de um Museu de Ciências Naturais. O acervo ficaria alojado no Colégio Piracicabano, voltado para a educação dos alunos da instituição, mas seria um espaço aberto de aprendizagem e convivência social que até então não existia na cidade e região (GAZETA DE PIRACICABA, 13 jan. 1883).

Tal iniciativa teve ampla divulgação e representou maior visibilidade ao Colégio. O objetivo de Maria Rennotte não se restringiu à abertura de um novo espaço educativo e cultural, mas possibilitou a participação da sociedade em seu projeto, promoveu a integração entre esta e a escola e também contribuiu para a diminuição da estranheza entre protestantes e católicos.

Outra iniciativa importante de Maria Rennotte, que também contou com ampla divulgação, foi a criação da Sociedade Literária Piracicabana, em 22 de junho de 1883, contando com, alunas e simpatizantes do projeto. A presidência da sociedade foi exercida por ela, e os outros cargos da diretoria foram distribuídos entre outras mulheres, alunas do colégio. A *Gazeta de Piracicaba* traz a seguinte informação:

Noticia interessante, agradável, e de cousa nunca vista nesta cidade.

Existe no Collegio Piracicabano uma associação, denominada – ‘Sociedade Litteraria Piracicabana’ – presidida pela distincta professora Mlle. Rennotte e composta de alumnas do mesmo collegio, d’entre as quaes foram eleitas a vice-presidente, a secretária, a bibliothecária, e a thesoureira.

Nunca homens exerceram taes cargos nesta terra; pois há agora, e exercidos por meninas, cõnscias da importância delles, e revestidas de toda a gravidade.

Esta sociedade celebrou ante-hontem a sua terceira sessão em uma das salas do collegio, com assistência de algumas mães e pais de família – Dr. Filippe, tenente coronel Antonio de Barros, A. T. de Oliveira e Souza, Candido Borges, dr. Moraes Barros, e outros.

Os trabalhos da sessão consistiram em declarações de poesias e de escolhidos trechos de prosa, musica ao piano, e cantorias.

A presidente annunciou que estava esgotado o programma, da ordem do dia da sessão, e convidou um dos assistentes a dizer algumas palavras de animação às sócias. (GAZETA DE PIRACICABA, out. 1883, grifo nosso).

Os primeiros textos de Maria Rennotte foram publicados na *Gazeta de Piracicaba*, a partir de 1882. Durante o período em que viveu e ensinou em

Piracicaba, ela escreveu artigos abordando diversos temas, tais como: educação da mulher, co-educação, política, direitos das mulheres, emancipação, liberdade, entre outros. Quando retornou do seu período de *furlough*, ocasião em que esteve nos EUA e na França, uma das novidades trazidas por ela foi o laboratório de química. Em artigo publicado na *Gazeta de Piracicaba*, ela explica a importância da “chimica”, sua multiplicidade de uso e o quanto ela se faz presente no cotidiano das pessoas:

CHIMICA

Esta sciencia, outrora unicamente praticada nos esconderijos dos conventos, envolvia nos segredo tornando deste modo mysteriosos seus adeptos, não é mais hoje a arte de transmutar os metaes, não se intitula mais o – Eureka da Imortalidade –. Mais humilde em seus desejos, mais séria em seus intentos, a sciencia de hoje, pondo-nos em contacto immediato com a natureza, prova, com a balança na mão, o erro da doutrina antiga e proclama este princípio fundamental: nada se perde, nada se crea.

Applicada à medicina legal, a Toxicologia, fundamento da pharmacologia a chimica sem procurar nem produzir ‘Padacée’ ou elixir vital, derrama sobre a humanidade seus benefícios de tal maneira, que é excusado realçar seu valor. [...]

Quem me dera que eu pudesse descrever a importância do estudo da chimica; notar as constantes applicações que fazemos dos numerosos conhecimentos que ella nos fornece; ennumerar os phenomenos que se dão junto a nós, e dos quaes ella nos dá a explicação; expor estas mil e uma substancias diversas indispensáveis às nossas necessidades, a nossos trabalhos e até mesmo à sustentação de nossa vida, assim despertar o desejo de perscrutar os segredos cheios de encanto que nos rodeiam, que encontramos a cada passo. (GAZETA DE PIRACICABA, 11 out. 1887).

O objetivo de Maria Rennotte, com o artigo sobre a importância da química, representava, na verdade, a promoção do curso que brevemente seria aberto no Colégio Piracicabano. Já na edição de 14 de outubro, o mesmo jornal informa que havia acabado de abrir uma aula de “chimica”, a ser ministrada pela “distinta professora Maria Rennotte” (Anexos E e F).

Além de utilizar-se do espaço público como forma de educar e dar mais visibilidade ao Colégio, Maria Rennotte também aproveitava a chance de posicionar-se politicamente, como ocorreu nessa ocasião em que promoveu suas aulas de química. No artigo que publicou na *Gazeta de Piracicaba*, denominado provocativamente *Aulas Mixtas*, ela convida a juventude a participar de aulas noturnas de química experimental, numa clara resposta à anterior tentativa

empreendida pelo inspetor literário Abílio Vianna de fechar o colégio, alegando que a legislação proibia a inclusão de meninas e meninos com mais de dez anos de idade em uma mesma sala e a necessidade do colégio “tomar um professor para ensinar a religião do Estado” (GAZETA DE PIRACICABA, 14 out. 1887, p. 3):

AULAS MIXTAS

Curso Nocturno. Chama-se a atenção da inteligente mocidade piracicabana para o curso de chimica experimental que se abre no Collegio Piracicabano.

Este curso, cujo fim é familiarisar-nos com os elementos constitutivos dos corpos que nos rodeiam, será completamente demonstrativo; reunindo-se assim ao lado instructivo, a vantagem de uma distracção agradável. A classe durará uma hora, das 7 às 8 e terá as segundas e quintas-feiras.

A professora,
M. Rennotte.

Para mais informações dirijam-se à Directora Miss M. H. Watts.

A repercussão desse curso foi positiva, como registra Márcia Marvin, que recentemente havia chegado dos EUA e assumira a tarefa de professora no Colégio Piracicabano. Em carta dirigida à Sociedade de Mulheres e publicada na *Woman's Missionary Advocate*, ela menciona que os aparatos das aulas de química e física são comentados não só por professores e alunos, mas também por pessoas importantes na cidade, inclusive deputados, que querem participar das aulas (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Jan. 1888, p. 5). Vide texto de Maria Rennotte sobre a importância da química (Anexo G).

5.5 Maria Rennotte e o Papel das Mulheres

“Mlle. Rennotte fez algumas observações sobre a emancipação da mulher, fazendo alguns comentários no início sobre a necessidade de ‘liberdade’ em todas as leis de físicas e levando ao máximo sua idéia de liberdade feminina. As mulheres ai na América clamam pelo direito ao voto, mas aqui a necessidade é de liberdade.”

Martha Watts

A *Woman's Board of Missions*, responsável pela instalação do Colégio Piracicabano e da maioria das escolas metodistas no Brasil, entendia que as “mulheres dos países pagãos seriam acessíveis apenas aos professores do seu

próprio sexo” (*JOURNAL OF THE GENERAL CONFERENCE*, 1879, p. 179), e defendia a tese de que, educando as mulheres nativas de acordo com os padrões culturais do protestantismo, elas se libertariam da dominação masculina e se tornariam independentes.

O superintendente da missão metodista no Brasil, Rev. Ransom, que desistiu do cargo em outubro de 1882, tendo sido substituído por Koger em 1º de novembro desse ano, se mostrou bastante entusiasmado em relação ao papel que o Colégio Piracicabano poderia assumir na educação da mulher e entendia que os benefícios seriam extensivos à própria facilitação da tarefa de inserção do metodismo. Em longa carta à Sociedade Missionária de Mulheres, de 13 de dezembro de 1882, ele elogia as propostas de reorganização da educação no Brasil e diz que a escola metodista pode contribuir decisivamente para a emancipação das mulheres (*ADVOCATE OF MISSIONS*, Sept. 1883).

Rev. Ransom informa por carta que a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do novo edifício do Colégio Piracicabano foi realizada no dia 8 de fevereiro de 1883, sendo que as obras tinham sido iniciadas no dia 28 de janeiro (*ANNUAL REPORT*, 1883, p. 79). Uma nota veiculada pela *Gazeta de Piracicaba*, em janeiro de 1883, divulga aos seus leitores o convite que os “beneméritos fundadores do Colégio Piracicabano” estavam dirigindo “a todos que se interessam pela educação da mulher”, para que fossem assistir ao lançamento da pedra fundamental “das obras do edifício destinado ao Colégio”, cuja cerimônia seria realizada no teatro Santo Estevão (*GAZETA DE PIRACICABA*, 28 jan. 1883, p. 2). Para reforçar o convite, o redator chama “especial atenção dos leitores” e diz que “nada pode ter de mais importante nem mais grato ao município de Piracicaba do que esta notícia”. Afirma que são muitas as meninas que já recebem da instituição “uma instrução sólida e real” e esse número será muito maior quando a escola estiver estabelecida em “um edifício projetado especialmente para lecionar” (*GAZETA DE PIRACICABA*, 28 jan. 1883, p. 2).

No texto, intitulado *Interesting new from Brazil* [Notícias interessantes do Brasil], redigido em 15 de fevereiro de 1883, o Rev. James L. Kennedy reproduz laudatório editorial do jornal *A Gazeta de Piracicaba* a respeito do lançamento da pedra fundamental do edifício do Colégio Piracicabano. Após falar sobre o evento e sobre a “esplêndida luz” trazida pela instituição, diz que o novo edifício vai ser importante e ajudar o colégio a oferecer “sólida formação para a mulher”, uma

“educação que irá afastá-la bem longe de sua velha rotina de vida” (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, Aug. 1883).

A vinda de Martha Watts e de outras missionárias metodistas ao Brasil indica, obviamente, que elas compartilhavam inteiramente desse projeto educacional. Já em suas primeiras cartas, Martha Watts faz diversas referências ao papel dependente e opressivo reservado às mulheres. Lembra os comentários feitos por Ransom, de ser muito comum encontrar nas estradas homens acomodados em mulas, e suas mulheres caminhando a pé (MESQUITA, 2001). Fica incomodada com os trajes devotos usados por algumas mulheres, pesados e insuportavelmente quentes, que as identificam como pessoas muito religiosas. Vê “mulheres indo para casa com seus fardos de roupas para lavar sobre suas cabeças” e conclui que saíram muito cedo “para que pudessem ter feito tanto até agora” (MESQUITA, 2001, p. 44).

Além de algumas poucas informações que revelam estranheza em relação ao papel assumido pelas mulheres no Brasil, a preocupação maior de Martha Watts diz respeito ao âmbito religioso. Ela não consegue entender as promessas feitas aos santos, geralmente realizadas por mulheres. Relata que, na frente da igreja Matriz de Piracicaba, havia uma enorme cruz de madeira, ladeada por grandes pedras trazidas por mulheres. Conta que “uma mulher faz a promessa a um santo e se for atendida carregará uma rocha em sua cabeça, de um ponto dado até o pé da cruz, e então lá irá depositá-la” (MESQUITA, 2001, p. 33).

Nessa mesma perspectiva de valorização da educação da mulher, mas com ênfase a uma adesão religiosa, encontramos o artigo publicado por Lula Ross, missionária e professora que teve atuação muito breve no Colégio Piracicabano no início de 1887. Após apresentar dados estatísticos confirmando que a maioria esmagadora das mulheres do Brasil era analfabeta, “incapazes de escrever seus próprios nomes”, o que representa ruína para a nação, ela conclui ser necessário a evangelização do país, já que apenas pelo evangelho será possível evitar essa fatalidade. E, entendendo que só seria possível alcançar os jovens por meio da escola, crê ser necessária a criação de mais escolas para educar a mulher, uma educação religiosa que vai lhe “dar uma idéia de sua verdadeira nobreza” (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, Sept. 1887).

A preocupação com a condição das mulheres esteve presente ao longo da vida de Maria Rennotte e foi no Colégio Piracicabano que ela encontrou estímulo e

espaço para organizar suas primeiras manifestações, que não coincidiam exatamente com as posições adotadas pelas missionárias metodistas. O contexto da educação para mulheres fora do Brasil também tinha suas dificuldades e, mesmo nos EUA, apesar de todos os avanços, a situação não era homogênea em todas as regiões. Também na Europa, as mulheres eram consideradas incapazes, incompletas e limitadas; os homens eram o sexo dominante, e as mulheres, seres humanos de segunda classe, pois, como careciam totalmente dos direitos de cidadania, não podiam sequer ser chamadas se cidadãs de segunda classe (HOBBSAWM, 2003).

Isso porque, das mulheres, esperavam-se a permanência no espaço doméstico, o recato, a submissão, o acatamento da maternidade como a mais elevada aspiração. Dos homens, a atuação no espaço público, no mundo do trabalho, na política, o exercício da liberdade de conduta, inclusive sexual, a incorporação dos atributos de proteção e mando (ALMEIDA, 2007).

Para Maria Rennotte, a responsabilidade maior pela situação das mulheres não tinha vinculação direta com a religião, mas com o modelo econômico baseado na escravidão do negro. Como chegou ao país em pleno regime escravocrata, a imagem de família brasileira que utiliza é essa, em que as mulheres eram submetidas a degradante servilismo. Já no primeiro artigo publicado na *Gazeta de Piracicaba*, ela afirma que “é triste dizer isso”, mas a mulher tem sido “tratada abaixo de sua dignidade”, “como um ser que nada pode, para não dizer completamente nullo” (Anexo I). Em artigo seguinte, faz questão de explicitar sua reivindicação, dizendo: “[...] eu não venho reclamar para a mulher senão a posição que lhe convém; senão o lugar que lhe é devido, senão a dignidade à qual ela tem direito” (Anexo J).

Na semana seguinte, em outro texto, faz referência ao modelo degenerado de família, assinalando que, no Brasil, os dois sexos estavam constituídos em duas categorias, totalmente distintas e separadas. "Uma composta por indivíduos altivos, nobres, sólidos, independentes, corajosos, instruídos", que sozinhos se viam na obrigação de lutar pela vida. Do outro lado, o sexo feminino, desterrado para dentro da casa, "máquina de reprodução" tratado abaixo de sua dignidade, "esta mulher não pode tão pouco considerar-se a justa metade do homem trabalhador e inteligente; ella deve, e se acha fóra de sua esphera na sociedade de seu marido, e como a ignorância é sempre irmã da escravidão" (Anexo K).

A própria Martha Watts reconhecia as ideias defendidas por Rennotte e sua ressonância na sociedade piracicabana. Em carta endereçada à Sociedade Missionária de Mulheres dos EUA, em outubro de 1884, ela menciona que “Mlle. Rennotte fez algumas observações sobre a emancipação da mulher, fazendo alguns comentários sobre a necessidade de liberdade em todas as leis físicas”. Tais comentários foram diferentes dos usuais e muito mais provocativos. Ela ressalta que Rennotte “levou ao máximo sua idéia de liberdade feminina” (MESQUITA, 2001, p. 72).

O destaque obtido por parte de Maria Rennotte ocorreu por ocasião dos exames realizados no fim do primeiro semestre de 1884, quando o Colégio já estava instalado em seu novo edifício. Coincidindo com uma maior visibilidade física da escola, a população passou a “sentir mais” a presença das “estranhas protestantes” e comentar as inovadoras ideias defendidas pela professora belga. Um senhor, por exemplo, procurou Martha Watts para dizer que a posição social da mulher anteriormente não era reconhecida e que “quinze anos atrás a mulher não existia no Brasil”. Outra pessoa, não protestante, mas que mantinha sua Bíblia aberta sobre a mesa de seu escritório, enfatizou que “a condição da mulher melhorou com a chegada do Evangelho” (MESQUITA, 2001, p. 72).

Importa ressaltar que não há nenhuma reprimenda nesse comentário de Martha Watts, sugerindo que a amiga tinha extrapolado em “sua idéia de liberdade feminina”. Ela compartilha dessas ideias e lê com atenção a bibliografia posta à sua disposição por Maria Rennotte. Diz, por exemplo, ter lido um pequeno livro sobre os haréns na Índia e ficado “pasma com a semelhança com alguns costumes do Brasil”. Segundo esse livro, na Índia, homens e mulheres vivem em aposentos separados, e os homens têm liberdade de procurar e falar com as mulheres, e estas “não consideram a possibilidade de questionar a presença de seus senhores”. Enumerando outras semelhanças, ela fala sobre o hábito de homens comerem sozinhos e sobre a forma de arranjar casamentos (MESQUITA, 2001, p. 72-73).

Em artigo de 1889, intitulado *A luta pela existência e a necessidade de associação para a luta*, publicado no jornal *A Família*, de São Paulo, capital, um dos principais periódicos feministas da época, as posições de Rennotte são mais objetivas e contundentes, em nosso olhar atual, quase panfletárias. Ela expressa que a culpa dessa “injustiça inveterada” devia-se ao homem. Foi ele quem

trabalhou para que a mulher permanecesse na ignorância, reduzida ao lar, "no intuito de fazer dela uma criada ou um instrumento de seus prazeres, e seus caprichos" (RENNOTTE, 1889a). Em outro artigo publicado no mesmo jornal e intitulado *Mulher e Liberdade*, quase às vésperas de sua viagem para os EUA, para estudar na *Woman's Medical College of Pennsylvania* (WMCP), ela estabelece estreita relação entre a mãe educada, isto é, a mãe que teve acesso aos estudos, e o papel social das mulheres e a cidadania. Define liberdade como "a condição do ser que não pertence a senhor algum", reitera que ela não tem direito ao ócio, à despreocupação e conclui afirmando que todo ser humano tem a obrigação de ser útil para "o bem da grande família humana" e a mulher, que faz parte da humanidade, deve assumir responsabilidades iguais às do homem perante a sociedade (RENNOTTE, 1889b).

Considerando a valorização da atividade física, discutida e colocada em prática no cotidiano do Colégio Piracicabano sob a iniciativa de Martha Watts desde o fim de 1882, Rennotte recorda que o desenvolvimento intelectual deve ser acompanhado pelo desenvolvimento físico e que o fato de a mulher desconhecer o funcionamento do seu próprio organismo poderia ser um risco à sua saúde. Em diversas ocasiões, ela ressalta a importância da ginástica para o desenvolvimento integral das meninas.

Em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, intitulada *Influência da Educação da Mulher sobre a Medicina Social*¹⁰, o assunto foi apresentado de forma incisiva. Ela critica profundamente o conteúdo da educação dirigida a meninas, dizendo que as mães educam e "vestem suas filhas como se fossem bonecas" e, para conseguir os exigidos requisitos de beleza feminina, "trucidam lentamente os membros do corpo, sem compaixão nem misericórdia". Os pés são colocados em sapatos por demais estreitos. A cintura é "esmagada numa prisão de ferro e barbatanas", que interfere no crescimento do organismo. Os órgãos torácicos, "abdominais e pelvianos são desumanamente

¹⁰ Para revalidar seu diploma e poder exercer a profissão no Brasil, Maria Rennotte apresentou à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, em 26 de março de 1895, a tese intitulada *Influência da educação da mulher sobre a medicina social*, de 44 páginas, dedicada à Anna Maria de Moraes Barros Burchard e à Martha H. Watts (Anexo U). Uma cópia do texto original foi apresentada ao Dr. Prudente de Moraes Barros, a qual, atualmente, se encontra no Museu da República em Itu (SP).

violentados e suas funções pervertidas sem nenhuma compaixão pela vítima" (RENNOTTE, 1895, p. 9-10).

Referindo-se à instrução feminina adotada em São Paulo, afirma que, “ao invés de aproveitar os intervalos para estimular o gosto pelos exercícios do corpo, reforçam a idéia de que os jogos são coisas de rapazes e inconvenientes para as moças”. Na parte final da sua tese, de forma absolutamente firme, ela assinala:

Em nome da mulher, a favor da sociedade e em benefício da nação, peço vossa benévola intervenção na reforma de um ensino que concorre para fazer de vossos filhos cretinos, de vossos irmãos raquíticos, de vossas filhas espectros, fantasmas e meros fonógrafos sob o ponto de vista intelectual. (RENNOTTE, 1895, p. 29).

5.6 Maria Rennotte Prepara Discípulas

“Mlle. Rennotte [...] e sua jovem ajudante brasileira, que a segue até onde pode, tem algumas idéias originais que as agradariam e vocês não a desdenhariam por ser brasileira.”

Martha Watts

As ideias de Maria Rennotte influenciaram Martha Watts e as demais missionárias que conviveram com ela no Colégio Piracicabano, mas principalmente as alunas que estiveram sob seus cuidados. Uma delas foi Maria de Azevedo Escobar, a primeira aluna matriculada na instituição, como se percebe por meio do pronunciamento de Maria de Azevedo Escobar, na ocasião da cerimônia pública de lançamento da pedra fundamental da construção do edifício do Colégio, em fevereiro de 1883. Após ressaltar que se sentia honrada pela oportunidade de defender publicamente a importância da educação feminina, Maria de Azevedo Escobar diz que não apenas o Brasil, mas toda a América Latina necessitava daquele modelo educacional e conclui dizendo: “Se queremos, pois a harmonia e a felicidade na família, a prosperidade em tudo, deixemos as idéias atuais e antigas de mais para o século em que vivemos e digamos de hoje em diante: É necessário educar a mulher!” (GAZETA DE PIRACICABA, 14 fev. 1883, p. 1).

Anos mais tarde, Mary Bruce informa orgulhosamente que Maria de Azevedo Escobar, “a primeira aluna de Martha Watts”, foi “aprovada com distinção” na Escola Normal de São Paulo (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, n. 9, Mar.

1886). Outra aluna que recebeu maior influência e que continuou um relacionamento estreito com Maria Rennotte durante muitos anos foi Anna Maria de Moraes Barros (Anexo T). A primeira efusiva manifestação de Martha Watts reconhecendo a qualidade de Anna Maria, a “jovem ajudante brasileira, que segue Maria Rennotte até onde pode”, foi feita no primeiro semestre de 1883 (MESQUITA, 2001, p. 54). O entusiasmo de Martha Watts pelo trabalho desenvolvido por Maria Rennotte e por sua ajudante é tão grande a ponto de desejar que as próprias dirigentes da Sociedade de Mulheres tenham a oportunidade de acompanhar de perto o que realizam. Diz que a pedagogia de Maria Rennotte é diferente e ela, com “suas idéias e educação européias, poderia lhes dar bons pareceres sobre o sistema europeu por seu método e maneiras em sala de aula”. Sobre Anna Maria, a jovem brasileira que aprendeu com ela, revela que “tem algumas idéias originais que as agradariam, e vocês não a desdenhariam por ser brasileira” (MESQUITA, 2001, p. 54).

Martha Watts reconheceu e elogiou diversas vezes o trabalho realizado por Anna Maria de Moraes Barros, como ocorreu por ocasião dos exames finais do segundo semestre de 1883, quando foi reconhecida em seu trabalho como professora assistente dentre os professores da instituição. Disse que “Todos reconhecem seu mérito e aplicação e sentiram que ela era merecedora” (MESQUITA, 2001, p. 64).

Seguindo o exemplo de Maria Rennotte, Anna Maria também publicou diversos textos na *Gazeta de Piracicaba*.¹¹ O primeiro deles saiu em outubro de 1882, uma redação intitulada *Uma Tempestade no Mar*, acompanhada de uma elogiosa declaração do editor: “Colocamos, pois à apreciação dos leitores o trabalho da nossa jovem e contamos agradá-los por mostrar que agora Piracicaba possui filhas inteligentes e estudiosas, capazes de escrever para o público” (GAZETA DE PIRACICABA, 13 out. 1882, p. 2). Outro texto, *O Sonho*, foi escrito por ocasião dos exames finais do segundo semestre de 1882 e publicado dias antes da cerimônia do lançamento da pedra fundamental do edifício do colégio. Novamente, há novos elogios à autora, que revelava “traços de intelectualidade”, e também ao corpo docente do Colégio Piracicabano, por possibilitar que a aluna

¹¹ Cabe ressaltar que, com exceção dos textos de Maria Rennotte e de sua discípula Anna Maria de Moraes Barros, são raríssimos os textos redigidos por mulheres e publicados na *Gazeta de Piracicaba*.

pudesse adquirir “tão nobres conhecimentos” (GAZETA DE PIRACICABA, 8 fev. 1883, p. 1). Discurso mais contundente, especificamente sobre a defesa da educação da mulher, foi pronunciado por Anna Maria na cerimônia referida. Já no início, diz: “Confundindo minha fraca voz de mulher com a dos distintos oradores que nos honram com sua presença, cheia de entusiasmo proclamo a regeneração da mulher pela educação, instrução e liberdade”. Prosseguindo, explica que esse assunto estava sendo debatido em muitas partes do mundo e completamente esquecido no Brasil. E, seguindo a mesma linha de Rennotte, para quem a não educação da mulher era responsável pela “decadência da nação”, enfatiza que muitos pais continuavam dando às filhas uma instrução deficiente, pois admitiam que o mero aprendizado dos serviços domésticos e algumas outras prendas já eram o suficiente, o que é uma “vergonha para nosso país” (GAZETA DE PIRACICABA, 14 fev. 1883, p. 1). No final do seu discurso, diz:

A que recebe uma educação sólida conhece os seus deveres, porque tem a inteligência iluminada que lhe dirige os passos, mostra-lhe o caminho da verdade e do dever; se vive só na sociedade, espalha uma luz benigna em torno de si; se é mãe, seus filhos serão verdadeiros cidadãos; ela, desenvolvendo nela não só moral como também o físico, incute em seus espíritos o sentimento do dever, do bem e do belo. Instruam e eduquem a mulher, que ela cumprirá fielmente seus nobres deveres e formará cidadãos, dignos filhos da pátria. (GAZETA DE PIRACICABA, 14 fev. 1883, p. 1).

Maria Rennotte, “mulher realizadora e dedicada ao seu trabalho”, conforme testemunho de Mary Bruce, fez muito para construir o Colégio Piracicabano e influenciou decisivamente a vida de alunos e professores (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, Jan. 1885). Na dedicatória de sua tese, que posteriormente foi defendida no Brasil, faz menção ao trabalho de Anna M. de Moraes Burchard, como a amiga que “cuidava das mais desgraçadas” (Anexo U), dando referência ao trabalho desenvolvido pela discípula na Liga Paulista pelo Progresso Feminino, uma seção da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (SCHUMAHER, 2000).

5.7 Novos Desafios de Maria Rennotte

“A solidariedade universal sendo a mais generosa das aspirações humanas, porque recusar a mulher os meios de tomar parte nesta grande obra? Porque lhe restringir a esfera, obstruir, interceptar o vôo de seu pensamento? [...] não, eu não venho reclamar para a mulher senão a posição que lhe convém; senão o lugar que lhe é devido, senão a dignidade à qual ella tem direito: ‘a de agir.’”

Maria Rennotte

Maria Rennotte sempre teve forte personalidade e vocação para a liderança. Segundo descrições, ela não era apenas uma mulher de palavras, mas de ação, com “atitudes vivas e enérgicas, vestia geralmente um tailleur de casimira, paletó de corte simples, chapéu de palha com fita larga e usava a sombrinha como se fora uma bengala” (ELIAS, 2001).

Ela permaneceu no Colégio Piracicabano de março de 1882 a junho de 1889, com exceção do seu período de *furlough*. Quando chegou ao Piracicabano, estava com 30 anos de idade e só se desligou da instituição para estudar medicina no *Woman's Medical College of Pennsylvania*.

Martha Watts lamentou profundamente a saída da “fiel ajudante dos últimos sete anos”. Informou que Rennotte “saiu de férias para lazer, para cuidar da saúde e para se aperfeiçoar” e reconheceu que Rennotte era uma pessoa insubstituível, dada a qualidade do seu trabalho: “aqueles que entendem tais situações podem entender o que significou para o meu trabalho perder uma ajudante tão eficiente” (*WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE*, Nov. 1889, p. 3).¹² Confirmando o que disse Martha Watts, depois de sair do Piracicabano, Maria Rennotte realmente desfrutou de um curto período de lazer, visitando a Exposição Universal em Paris (Anexo V), provavelmente aguardando a definição da bolsa de estudos e apoio financeiro prometidos pelo então integrante da junta governativa republicana provisória de São Paulo, Prudente José de Moraes Barros, que, em 1890, tornou-se o primeiro governador do Estado de São Paulo (CAMBIAGHI, 1984).¹³ Quando

¹² Carta inédita de Martha Watts, publicada na *Woman's Missionary Advocate*, n. 5, p. 2-4, nov. 1889.

¹³ Importa ressaltar que, em sua curta passagem pela administração estadual, Prudente de Moraes realizou radical reestruturação na área da educação, declaradamente inspirado nas experiências pedagógicas do Colégio Piracicabano, as quais foram executadas por Caetano de Campos e Cesário Mota, reconhecidos políticos que atuaram na área da educação no século XIX.

ela deixou Piracicaba, essas questões financeiras ainda não estavam definidas, já que Martha Watts apenas destaca que “ela espera fazer um curso de medicina” (*WOMAN’S MISSIONARY ADVOCATE*, Nov. 1889, p. 3).

Não há em cartas posteriores de Martha Watts nenhuma outra referência à sua “fiel ajudante dos últimos sete anos” no Colégio Piracicabano. Entretanto, ela conhecia muito bem a vocação de Maria Rennotte e entendia que sua missão extrapolava os limites possíveis de uma escola. Aliás, os primeiros contatos nos EUA com a Sociedade Missionária de Mulheres começaram em julho de 1886, quando as duas amigas lá estiveram iniciando o período de *furlough*, que, de acordo com a tradição dos missionários metodistas, tratava-se de uma licença-prêmio e deveria ser aproveitada para novos aprendizados e treinamento na área de atuação. Eva Louise Hyde, por exemplo, outra importante educadora metodista, conta que aproveitou o seu *furlough* na Universidade de Columbia, preparando-se para poder “realizar um trabalho mais digno à causa da instrução religiosa no Brasil” (*WOMAN’S MISSIONARY COUNCIL*, 1928, p. 297).

Maria Rennotte passou quase três anos na *Woman's Medical College of Pennsylvania* (seu diploma data de 5 de maio de 1892), escola organizada em 1850 pela comunidade Quaker da Filadélfia, a primeira escola de medicina norte-americana exclusiva para mulheres. A opção de estudar nos EUA e optar pela WMCP se deve provavelmente ao perfil daquela instituição, que oferecia um curso de qualidade objetivando instruir mulheres nos diversos campos da medicina, possuía ideias avançadas sobre educação e profissionalização das mulheres, defendia aulas de anatomia, fisiologia e educação física, o acesso do sexo feminino às profissões rentáveis e a importância de se educar e formar enfermeiras. Além do mais, havia no Brasil da época apenas duas faculdades de medicina, uma no Rio de Janeiro e outra na Bahia, e nas duas havia formalmente a admissão de mulheres, mas o número de alunas que se matriculavam era reduzido.

Ela escreveu inúmeros textos nos diferentes períodos de sua vida e em todos eles fica muito patente o seu papel de educadora. Em texto publicado por ocasião do encontro comemorativo dos 25 anos do *Woman's Medical College of Pennsylvania*, ela faz referências aos problemas enfrentados no início de sua

carreira médica. Conta que, embora as mulheres fossem consideradas seres inferiores no Brasil, seu nome foi lembrado para integrar a Comissão de Ginecologia e Obstetrícia da Sociedade de Medicina e que a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo pediu que aceitasse a indicação. Relata ainda que, quando fazia alguma comunicação nas reuniões da referida agremiação, os sócios ouviam com atenção suas palavras e, quando apresentou um instrumento de sua invenção, eles reconheceram o valor e as vantagens na sua utilização. Diz que sempre foi tratada com o devido respeito em todos os lugares, no Brasil ou nos EUA. Sobre a origem dessa atenção respeitosa, considerando que as mulheres no Brasil não eram devidamente consideradas, ela lança uma interrogação: “Será que isso se deve ao fato deles saberem que anteriormente eu era educadora? Não sei!” (MOTT, 2006, p. 56).

Após regressar ao Brasil, trabalhou na Maternidade de São Paulo. Em 1906, passou a trabalhar na Clínica Cirúrgica da Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia. Em 1912, passou a fazer parte da diretoria da Cruz Vermelha, tendo idealizado a fundação de um hospital para crianças, o qual foi inaugurado em 1919, no bairro de Indianópolis, em São Paulo. Foi a primeira mulher a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, eleita em 4 de maio de 1901.

Procurando mostrar o grande carinho que teve pelo Colégio Piracicabano e por sua amiga Martha Watts, Maria Rennotte oferece à Igreja Metodista Central de Piracicaba a reforma do púlpito. Tal fato é narrado pelo Rev. Guaraci Silveira, quando da comemoração do aniversário da Igreja Metodista em setembro de 1928; e, em agradecimento aos colaboradores da obra realizada, encontrou ao lado do púlpito a seguinte inscrição: “*In memoriam* de Miss Martha Watts. Levantado pelos esforços de sua companheira no início do trabalho cristão em Piracicaba, Dra. Maria Rennotte, e de outras ex-alunas” (EXPOSITOR CRISTÃO, 26 set. 1928, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Há 20 annos, neste mesmo dia, assistia eu a inauguração deste collegio, sob a direcção de Miss Watts, que aqui deixou saudosas recordações, tendo como auxiliar Mlle. Rennotte, que dotada de grande talento e tenacidade de vontade contribuiu efficaçmente, para que a nova instituição se firmasse desde logo, no conceito público. Esta distincta professora, depois de prestar relevantes serviços ao collegio resolveu, como Ella o dizia, mudar de carreira e retirando-se para os Estados Unidos, ali conseguiu, a golpes de talento e perseverança de sua vontade, conquistar o honroso título de doutora em medicina. Fundado assim o collegio sob os auspícios de uma direcção intelligente e criteriosa, começou logo a attrahir a attenção dos paes, que o procuravam para a educação dos seus filhos sendo eu um dos que aqui eduquei todos os meus filhos – homens e mulheres.”

Prudente de Moraes

O texto acima, que é parte do discurso pronunciado por Prudente de Moraes, ex-presidente da República, por ocasião das comemorações dos 20 anos do Colégio Piracicabano, o qual foi publicado na primeira página do jornal *Expositor Cristão*, de 26 de setembro de 1901, reproduz muito bem o teor das principais considerações apresentadas nesta tese.

Após falar amigavelmente sobre as saudosas recordações deixadas pela diretora Martha Watts, ele faz inúmeros elogios à professora Maria Rennotte, “dotada de grande talento e tenacidade de vontade”, e destaca sua importante contribuição para a organização e consolidação do Colégio Piracicabano.

É possível que a fala de Prudente de Moraes tenha sido em alguma medida influenciada pela extraordinária visibilidade pública alcançada por Maria Rennotte naquela época, já que, após atuar como médica na Maternidade de São Paulo, considerada a primeira instituição voltada ao parto das mulheres pobres, integrou uma série de entidades de classes, culturais e filantrópicas. Entretanto, toda a documentação pesquisada confirma que tal juízo não é apologético e reproduz precisamente a importância da atuação de Maria Rennotte durante os sete anos que passou no referido colégio.

Ao mesmo tempo em que Maria Rennotte foi fundamental para o sucesso do colégio, este também foi decisivo para ela na medida em que lhe possibilitou toda uma extensa rede de contatos, espaço e condições ideais para expressar suas

inquietações e até desenvolver e amadurecer sua vocação médica-social. Na condição de assistente da direção, professora de inúmeras disciplinas, ou ainda como membro da Igreja Metodista, Maria Rennotte permaneceu livre das limitações culturais/religiosas que recaíam sobre as missionárias metodistas norte-americanas e atuou com desenvoltura, ampliando as bases do modelo confessional de uma instituição de ensino.

Recuperar o protagonismo da professora belga na formação e consolidação do Colégio Piracicabano não significa subestimar o admirável trabalho realizado por Martha Watts, mas ressaltar a significativa contribuição de Maria Rennotte no sentido de “educar” a missionária tanto na relação que esta mantinha com a complexa sociedade brasileira quanto na abordagem das inúmeras temáticas com as quais Martha Watts se deparou.

Com base na pesquisa realizada, podemos afirmar que Maria Rennotte se tornou a porta-voz do Colégio Piracicabano, o rosto mais visível e admirado da instituição.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007.

ANDERSON, S. T.; ALLI, R. **Thoughts on mission: or an essay setting forth the principles, facts, and obligations of Christians missions.** Nashville: Methodist Publishing House, 1874.

AZZI, R. **A crise da cristandade e o projeto liberal: história do pensamento católico no Brasil.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

BARBOSA, J. C. **Lugar onde amigos se encontram: caminhos da educação metodista no Brasil.** São Bernardo do Campo: CEPEME, 2005a.

_____. **Salvar e educar: o metodismo no Brasil do século XIX.** Piracicaba: CEPEME, 2005b.

_____. **Adoro a sabedoria de Deus: itinerário de John Wesley, o cavaleiro do Senhor.** Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

_____. **Negro não entra na Igreja: espia pela banda de fora: protestantismo e escravidão no Brasil Império.** Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000.

BAUBÉROT, Jean. Da mulher protestante. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX.** Porto: Afrontamentos, 1991. p. 238-255.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo.** Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BELL, J. **Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação.** Lisboa: Gradiva, 2002.

BERTRAND, C. J. **Le methodisme**. Paris: Armand Colin, 1971.

BOAVENTURA, E. **A educação metodista no Brasil**. Piracicaba, Edição do autor, 2005.

CACHIONI, M. Construindo para o futuro: os primeiros tempos do Colégio Piracicabano. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano 12, n. 22, p. 125-140, jun. 2003.

CALADO, S. dos S.; FERREIRA, S. C. dos R. Análise de documentos: método de recolha e análise de dados. In: **Métodos de investigação científica**. Universidade de Lisboa, 2004/2005. Apontamentos de sala de aula. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

CAMBIACHI, O. **Medicina em Piracicaba** (contribuição à sua história). Piracicaba: Gráfica Degaspari, 1984.

CANDEIAS, N. Em nome da mulher. **Jornal da USP**, São Paulo, ano XV, n. 550, p. 1-5, 14-20 maio 2001. Disponível em: <www.usp.br/jorusp/arquivo/2001/jusp551/caderno/especial101.html>. Acesso em: 8 nov. 2008.

CARDOSO, C. F.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

CATHCART, B. **As mulheres se organizam para a missão**. Tradução: Zuleica MESQUITA, 2000. Mimeografado.

CERDEIRA, C. M. B. Os primórdios da inserção sociocultural da mulher brasileira. *Revista Eletrônica, Unibero*, mar. 2004, Disponível em: <http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Mar04_Artigos/Cleide%20B%20Cerdeira.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2009.

COSTA, M. O. **Marie Rennotte**: mulher e educação no século XIX. 2005 (Trabalho não publicado).

DAWSEY J. C.; DAWSEY, C. B.; DAWSEY, J. M. **Americans: imigrantes** do velho sul no Brasil. Piracicaba: Editora Unimep, 2005. 324 p.

DE LUCA, L.; DE LUCA, J. B. A. Marie Rennotte, pedagoga e médica: subsídios para um estudo histórico-biográfico e médico-social. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 703-725, maio-ago. 2003.

DIAS, M. O. L. da S. **Quotidiano e poder**: em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DIEHL, A. Limites e possibilidades do conhecimento histórico hoje. **Akrópolis**, Umuarama. v.11, n. 1, p. 3-8, jan./mar. 2003.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Tradução portuguesa com revisão científica de M. H. C. Coelho, I. M. Vaquinhas, L. Ventura e MOTA, G. Mota. Porto: Edições Afrontamento, 1991. v. 4 – O século XIX.

ELIAS, B. V. **Memória, encantamento e beleza**: Colégio Piracicabano, 125 anos. Piracicaba: Editora Unimep, 2006.

_____. **Vieram e ensinaram**: Colégio Piracicabano, 120 anos. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

EWBANK, T. **A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. v. I, II.

FALEIROS, E. T. S. A assistência à criança necessitada: um território de indefinições, acordos e desacordos entre o público e o privado. In: RIZZINI, I.; PILOTTI, F. **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro: Amais, 1995. p. 227-236.

FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FLORES, J. **Análisis de datos cualitativo**: aplicaciones a la investigación educativa. Barcelona: PPU, 1994.

FLORESTA, N. **Opúsculo humanitário**. Introdução e notas de Peggy Sharpe Valadares. São Paulo: Cortez, 1989.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: a decadência do patriarcado rural no Brasil. São Paulo: Nacional, 1936.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. Tradução de F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIORGIO, M. O modelo católico. In: In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente:** o século XIX. Porto: Afrontamentos, 1991. v. 4 – O século XIX. p. 198-237.

GODINEU, D. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: **História das mulheres no Ocidente.** Porto: Edições Afrontamento, 1991. v. 4 – O século XIX. p. 21-39.

GONDRA, J. **Artes de civilizar:** medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GUERRINI, L. **História de Piracicaba em quadrinhos.** Piracicaba: IHGP, 1970. v. 1, 2.

GUILHON, N. **Confederados em Santarém:** saga americana na Amazônia. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

HANDY, R. T. **A Christian América.** New York: Oxford University Press, 1971.

HEITZENRATER, R, P. **Wesley e o povo chamado metodista.** São Bernardo do Campo: Editeo, 1996.

HILSDORF, M. L. S. Tão longe, tão perto: as meninas do seminário. In: **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Volume II – Século XIX. São Paulo: Vozes, 2005. p. 52-67.

_____. Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. **Revista de Educação do COGEIME,** São Paulo, ano 11, n. 20, p. 93-98, 2002.

HOBBSAWM, J. E. **A era dos impérios:** 1875-1914. Tradução de S. M. Campus e Y. S. Toledo. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

HOOCK-DEMARLE, M. C. H. **Ler e escrever na Alemanha**. In: In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamentos, 1991. p.170-197.

HOORNAERT, E. **História da Igreja no Brasil: primeira época**. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1983.

HOWELL, M. K. **Women and kingdom**. Nashville, TN: Cokesburg Press, 1928.

JONES, J. M. K. **Soldado Descansa! Uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil**. São Paulo: Jarde, 1967.

JORDAN, P. D. **Immigrants, Methodists and a conservative gospel: 1865-1908**. In: The Methodist History, v. 17. North Carolina, 1979.

KENNEDY, J. L. **50 anos de methodismo no Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

KIDDER, D. P. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil**: Rio de Janeiro e Província de São Paulo. Brasília: Senado Federal, 2001.

_____. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do norte do Brasil**. São Paulo: Edusp. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

KIDDER, D. P.; FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros**: esboço histórico e descritivo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

KOGER, J. W. **Annual Report of the Brazil Mission Conference of the Methodist Episcopal Church, South**. Nashville, 1882.

KOGER, J. W. **Advocate of Missions**. Nashville, 1881.

KOSTER, H. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LONG, E. K. **Do meu velho baú metodista**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã – Igreja Metodista do Brasil, 1968.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

MARQUES, R. de C. Casamento, pudor e piedade na formação da mulher católica no século XIX. **Saúde, Sexo & Educação**: revista do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR), Rio de Janeiro, ano XIV, n. 37, p. 15-23, 2005.

MESQUIDA, P. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editeo; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

_____. Metodismo e educação no Brasil: formar elites e civilizar a nação. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano II, n. 2, p. 29-50, 1993.

MESQUIDA, P.; TAVARES, L. Mulheres missionárias metodistas e a educação no Brasil, de 1880 a 1920: a educação da elite republicana. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n.14, p. 65-78, jan./abr. 2005.

MESQUITA, Z. Martha Watts: uma educadora metodista na belle époque tropical. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano XI, n. 20, p. 99-106, jun. 2002.

_____. (Org.) **Evangelizar e civilizar**: cartas de Martha Watts, 1881-1908. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

_____. A proposta educacional metodista no Brasil: fase de implantação – 1876-1974. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano IV, n. 6, p. 91-134, jun. 1995.

_____. Educando a mulher para o século XX: o papel das escolas metodistas. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano III, n. 5, p. 141-150, dez. 1994.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

MOTT, M. L. Médicos e médicas em São Paulo e os livros de registro de fiscalização do exercício Profissional (1892 a 1932). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 13, p. 853-868, maio/jun. 2008.

_____. Gênero, medicina e filantropia: Maria Rennotte e as mulheres da nação. **Cadernos Pagu**. n. 24, p. 41-67, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100004>. Acesso em: 13 fev. 2009.

_____. De educadora a médica: trajetória de uma pioneira metodista. **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, ano VIII, n. 15, p. 115-126, 1999.

_____. **Benemerência e o papel das mulheres na construção da nação:** relendo a biografia de Maria Rennotte, [21-]. (Texto não publicado).

MULCAHY, J. Primórdios do ativismo feminino nos Estados Unidos e a violência de rua. **Impulso**, Piracicaba, v. 15, n. 37, p. 61-69, maio/ago. 2004.

NEWMAN, J. E. Board of Missions. **Journal Report**, Nashville, p. 96, 1876.

PEREIRA, N. C. Fragmentos e cacos de experiência: relações sociais de poder e gênero na teologia wesleyana. **Caminhando**: revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, São Bernardo do Campo, v. 8, n. 12, p. 188-200, 2º sem., 2003.

PERROT, M. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; São Paulo: Editora UNESP, 1997.

RAFAETA, E. C. **Luminoso farol: o Colégio Piracicabano e a educação feminina em fins do século XIX**. 2008. 201 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RANSOM, J. J. **Woman's Missionary Advocate**, v. II, n. 11, p. 2, May 1882.

_____. **Woman's Missionary Advocate**, v. III, n. 3, p. 9, Sept. 1882.

_____. **Woman's Foreign Missionary Society**, p. 31, Dec.1882.

_____. Board of Missions. **Journal Report**, Nashville, 1877. p. 109.

_____. Board of Missions. **Journal Report**, Nashville, 1876. p. 96.

REILY, D. A. **Ministérios femininos em perspectiva histórica**. São Paulo: Editeo, 1997.

_____. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

RENNOTTE, M. A Educação da Mulher. **Gazeta de Piracicaba**, Piracicaba, 23, 25, 30 ago 1882.

_____. Zoologia e mineralogia. **Gazeta de Piracicaba**, Piracicaba, 13 jan. 1883.

_____. Chimica. **Gazeta de Piracicaba**, Piracicaba, 11 out. 1887.

_____. A luta pela existência e a necessidade de associação para a luta. **A família**, São Paulo, 4 maio 1889a.

_____. Mulher e Liberdade. **A família**, São Paulo, 23 maio 1889b.

_____. **A Influência da educação da mulher sobre a medicina social**. Rio de Janeiro, 1895. 44 p. (Tese apresentada à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro para revalidar seu diploma obtido na *Women's Medical College of Pennsylvania*, Filadélfia (EUA) e exercer a profissão no Brasil).

RIBEIRO, A. I. M. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889**. 2. ed. Campinas: Unicamp/CMU, 1996.

_____. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

_____. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889.** 2. ed. Campinas: Unicamp/CMU, 2006.

RITZKAT, M. G. B. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte Autêntica, 2000. p. 269-290.

RIZZINI, I. **A criança e a lei no Brasil: revisitando a história (1822-2000).** Brasília, DF: UNICEF; Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 2000.

RIZZINI, I.; PILOTTI, F. (Org.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.** Rio de Janeiro: Cortez (parceria com CIESPI), 2009.

RODRIGUES, J. C. O futuro e a América. **O Novo Mundo**, São Paulo, c. 1, p. 83, 23 mar.1871.

_____. Idéias de religião. **O Novo Mundo**, New York, 23 out. 1873.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação (1930/1973).** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SALVADOR, J. G. **História do metodismo no Brasil.** São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982. v. I. – Dos primórdios até a Proclamação da República.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, É. V. (Org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, dez. 1990.

SILVA, E. M. Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. **Mandrágora**, São Bernardo do Campos (Umesp), ano XIV, n. 14, p. 25-27, 2008.

SIMEONE, M. I. A participação das mulheres no movimento metodista nascente. **Caminhando: revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista**, São Bernardo do Campo (Umesp), v. 8, n. 12, p. 55-65, 2º sem, 2003.

SIMONTON, A. G. Os meios próprios para plantar o reino de Jesus Christo no Brasil. **Imprensa Evangélica**, São Paulo, ano XVII, 25 jan. 1881.

SLEDZIEWSKI, É. Revolução francesa: a viragem. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamentos, 1991. p. 40-57.

SMITH, L. D. Algumas observações sobre o começo do trabalho metodista no Brasil. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 7-8, 23 abr. 1940. (Carta).

SODRÉ, N. W. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOUZA, A. C. de M. **O francês instrumental: a experiência da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Hemus, 1977.

SOUZA, A F. de P. **Almanack litterario de São Paulo**. São Paulo: Typographia da Província de São Paulo, 1878.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 401-432.

VECHIA, A., LORENZ, K. M. (Org.). **Programa de ensino da escola secundária brasileira 1850-1951**. Curitiba: Editora do Autor, 1998.

WESLEY, J.; WESLEY, C. **A Collections of Hymns for the Use of the People Called Methodists**. Edited by Franz Hildebrandt and Oliver A. Beckerlegge. Nashville: Abingdon Press, 1983. v. 7 (For the exact 1780 text to the the bicentennial edition of *The Works of John Wesley*).

OUTRAS FONTES DE PESQUISA

1) Organizações

- Acervo da Biblioteca do Museu Republicano (Itu – SP)
- Arquivo da Catedral Metodista Central de Piracicaba
- Arquivo da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (São Bernardo do Campo, São Paulo)

- Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Piracicaba
- Biblioteca da Universidade Metodista de Piracicaba
- Biblioteca da Universidade Metodista de São Paulo
- Centro de Estudos e Pesquisas sobre Metodismo e Educação (CEPEME), ligado à Universidade Metodista de Piracicaba
- Centro Cultural Martha Watts – Universidade Metodista de Piracicaba
- Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
- Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes (Piracicaba, São Paulo)

2) Fontes impressas e manuscritas

- CATHCART, Beth. *As mulheres se organizam para a missão*. Tradução Zuleica Mesquita. Texto não publicado.
- *Annual Report of the Board of Mission of the Methodist Episcopal Church*. Nashville, 1876-1888.
- *Expositor Cristão*. São Paulo: Imprensa Metodista. 1886-1889.
- *Gazeta de Piracicaba*. Piracicaba, 1882-1889.
- *A família*. São Paulo, 1889.
- *Imprensa Evangélica*. Rio de Janeiro e São Paulo. 1882-1884.
- *Journal of the General Conference of the Methodist Episcopal Church, South*, 1878.
- *Nashville Christian Advocate*, Nashville, 1869-1879.
- *O Novo Mundo* (Ed. José Carlos Rodrigues). New York, 1870-1879.
- *Woman's Missionary Advocate*, Nashville, 1880-1889.
- *Woman's Foreign Missionary Society*, Nashville, 1880-1889.
- *2º Tabelionato de Piracicaba*, Livros de Notas 32, fl. 27.

ANEXOS

Anexo A – Fôlder do Colégio Piracicabano

COLLEGIO PIRACICABANO

DIRIGIDO POR

MISS M. H. WATTS

21 LARGO DA MATRIZ 21

N'este estabelecimento de instrução primaria e secundaria recebe se meninas como internas e externas.

A directora pede aos senhores paes de familia o obsequio de dirigirem-se ao Collegio para ter as necessarias informações relativamente á horas de trabalho e á divisão das materias alli ensinadas :

LINGUAS

Portuguez, Francez, Latim, Inglez e Allemão. Arithmetica, Algebra, Geometria, Astronomia, Cosmographia, Geographia, Historia Universal, Historia Patria, Historia Sagrada, Litteratura, Sciencias Naturaes. Desenho, Musica, trabalhos de agulha.

CONDIÇÕES:

(POR TRIMESTRE)

Internas.	120\$000.
Meio-pensionistas	75\$000.
Externas (ensino primario)	15\$000.
Externas (ensino secundario)	30\$000.
Joa de entrada para internas	30\$000.
« « « « externas	10\$000.

A joia de entrada paga-se uma vez só.

A musica (piano) paga-se separadamente.

Anexo B – Texto sobre a Associação Literária de Piracicaba

Associação litteraria.—Noticia interessante, agradável, e de cousa nunca vista nesta cidade.

Existe no Collegio Piracicabano uma associação, denominada — «Sociedade Litteraria Piracicabana» — presidida pela distincta professora mlle. Rennotta, e composta de alumnas do mesmo collegio, d'entre as quaes foram eleitas a vice-presidente, a secretaria, a bibliothecaria, e a thesoureira.

Nunca homens exerceram taes cargos nesta terra; pois ha agora, e exercidos por meninas, conscias da importancia delles, e revestidas de toda a gravidade.

Esta sociedade celebrou ante-hontem a sua terceira sessão em uma das salas do collegio com assistencia de algumas mães e pais de familia—Dr. Philippe, tenente-coronel Antonio de Barros, A. T. de Oliveira e Souza, Candido Borges, dr. Moraes Barros, e outros.

Os trabalhos da sessão consistiram em declamações de poesias, e de escolhidos trechos de prosa, musica ao piano, e canções.

A presidente annunciou que estava esgotado o programma, «a ordem do dia da sessão», e convidou um dos assistentes a dizer algumas palavras de animação ás socias.

O interrompido...

Anexo C – Mulheres da Associação Literária de Piracicaba

Anexo D – Relato sobre a primeira reunião das missionárias da *Woman's Missionary Advocate* no Brasil

Primeira Reunião Anual das Missionárias da *Woman's Missionary Advocate* no Brasil

As quatro missionárias representando a Junta de Missões das Mulheres no Brasil – Miss M. H. Watts, Miss Mary W. Bruce, Miss Mattie B. Jones, e Miss Ella W. Gransbery – reuniram-se, com outros amigos, no salão do Colégio Piracicabano, na manhã de 26 de dezembro de 1888, para a sua primeira Reunião Anual.

Os atos devocionais foram conduzidos pelo Irmão M. Dickie, com leituras impressionantes do grande apóstolo missionário, e orações para santificação renovada e continuada.

Na condição de missionária mais antiga no campo, Martha Watts foi solicitada a assumir a presidência temporária, e a reunião foi organizada. O irmão H. C. Tucker foi escolhido para presidir as reuniões, e Miss Jones foi eleita como secretária.

Por motivos de conveniência a reunião foi transferida para uma das salas de aula, dando prosseguimento ao trabalho.

Com proposta, decidiu-se fazer reuniões diárias às 10 horas, e suspender através de proposta.

As seguintes resoluções foram apresentadas e aprovadas:

Resolve-se:

2) Que os missionários constituam uma Comissão do Todo para apresentarem relatório sobre Extensão do Trabalho.

Miss Watts foi nomeada para ser presidente da comissão.

Resolveu-se nomear uma Comissão do Todo para relatar sobre estimativas para o próximo ano. Miss Bruce, presidente.

Apresentou-se e aprovou-se proposta para que se nomeie comissão de uma pessoa para preparar e apresentar um texto tratado do sentido da reunião em relação à influência da Igreja Romana.

Havendo proposta, decidiu-se que a questão referente à admissão de determinadas classes de crianças seja discutida como um item de trabalho.

Não havendo mais questões a serem tratadas neste dia, aprovou-se proposta para encerrar a sessão e reunir-se no dia seguinte no horário estabelecido.

Segundo dia.

Abriu-se a segunda sessão na quinta-feira, 27 de dezembro, conforme o horário estabelecido, sob a presidência do Rev. H. C. Tucker.

Após os atos devocionais, conduzidos pelo diretor da reunião, as Minutas da sessão do primeiro dia foram lidas e aprovadas.

Segundo a pauta estabelecida no dia anterior, relatórios referentes ao trabalho do ano anterior foram apresentados e aprovados.

Respondendo ela questão de Extensão de Trabalho, Miss Watts, presidente da comissão, apresentou o seguinte relato que, após discussão, foi aprovado.

Extensão

Podendo estender o trabalho indefinidamente no campo e na cidade, a comissão decidiu solicitar mulheres e dinheiro para fins de se abrir um externato no Rio, em Botafogo, no salão usado para pregações, ou em suas proximidades, e uma escola para crianças de cor, além do Lar dos Meninos.

Para esse fim solicita-se uma senhora para assumir o Lar dos Meninos, outra para a escola em Botafogo, e uma professora para a Escola do Alto.

Em Piracicaba há necessidade de uma escola para crianças pobres, e uma escola para crianças de cor. Para essa finalidade solicitamos três professores – um para assumir o departamento colegiado do Colégio, um para ensinar música, e um para assumir o Jardim de Infância. Com estes três na escola, poderemos, com nossas forças no campo, conduzir as outras escolas.

A escola noturna para mulheres e meninas de fábricas deverá aguardar a conveniência da fábrica, pois os horários atualmente impossibilitam a abertura de tal escola.

O plano de trabalho proposto para Juiz de Fora não foi abandonado, mas a comissão considera que será melhor abrir primeiro o trabalho mais próximo, fortalecendo assim o trabalho existente, e novos missionários poderão, em nossa opinião, se tornar trabalhadores eficientes mais rapidamente se vierem antes aos nossos centros, M. H. Watts, Presidente.

Respondendo pelo relatório sobre Estimativas, Miss Bruce, presidente da comissão, o apresentou. Foi aprovado.

Apresentou-se e aprovou-se proposta de que a preparação de livros didáticos e professores para escolas no Brasil seja tema de discussão, e que a Mlle. Rennotte seja convidada a participar da discussão.

Terceiro dia – Sessão da Manhã

A terceira sessão foi aberta na sexta-feira, 28 de dezembro, no horário designado. Rev. H. C. Tucker presidindo. Atos devocionais foram conduzidos pelo Rev. M. Dickie. As minutas da sessão anterior foram lidas e aprovadas.

O texto a ser preparado pela Miss Bruce, tratando do sentido da reunião em relação à influência da Igreja Romana, foi lido e unanimemente aprovado com a seguinte resolução:

Resolve-se:

Que este texto seja registrado com a assinatura de cada membro da reunião, e que à Mrs. McGavock seja solicitado o envio de cópias do mesmo para todos os editores da Igreja, pedindo a sua publicação em suas colunas.

Romanismo no Brasil

Em vista da grande apatia visível em todo o corpo da Igreja evangélica em relação ao trabalho missionário nos domínios do papado, e de interesse que se manifesta aqui e ali na questão “Deve-se considerar a Igreja de Roma como aliada no trabalho evangélico?”, desejamos registrar, de modo claro e inequívoco, a nossa posição a relação a esta questão vital.

Declaramos nossa sincera convicção, após anos de observação, e experiência com o funcionamento prático e a influência do Romanismo, de que se trata do anticristo, devendo ser combatido a partir dos mesmos princípios e com a mesma determinação inflexível demonstrada no ataque às idolatrias de menor sutileza, mas não de maior realidade, que se encontram nas Índias e na China.

Do muito que poderíamos expor em apoio à nossa posição declarada, apresentamos o seguinte:

1. A Bíblia é aceita como norma de doutrina e regra de conduta a partir de qual deve-se medir a obediência. A Igreja de Roma, apesar de também afirmar que a Bíblia constitui o fundamento de sua fé, efetivamente impede ao seu povo o conhecimento de seu conteúdo.
2. Não se contentando apenas com os erros que naturalmente resultariam da ignorância absoluta da vontade revelada de Deus, ele mutila o Decálogo, omitindo o Segundo Mandamento de seu Catecismo, e dividindo o Décimo para completar o número.
3. Havendo deturpado as Escrituras e suprimido os Mandamentos, ele dedica-se ao ensino e prática da idolatria sem restrições, multiplicando imagens de coisas do céu. Como exemplo disso, vejam a imagem famosa de “Bom Jesus da Lapa”, adorada por seus devotos não como uma imagem da Deidade, mas como o próprio Deus. Vejam a imagem de Maria numa igreja da cidade de Santos, em cujo altar se inscreve a exortação “Venham, e adorem a Rainha dos Céus”. Vejam como o país inteiro se divide na fidelidade entre sua multidão de ídolos – uma imagem freqüentemente presidindo sobre uma parte de um rio e outra sobre outra parte, uma “Virgem” sendo invocada por uma classe – cujos altares são carregados de oferendas que muitas vezes são formas de suborno por indulgência no pecado.
4. Ele recusa a eficácia da expiação através de Cristo, e despreza o seu amor, passando de “um Mediador entre Deus e o homem” para a mediação de Maria e dos Santos, exaltando a Virgem como “mãe de Deus” e “Rainha dos Céus” acima do Salvador e do Santo Espírito. A extensão desta adoração entre padres e sua aceitação entre o povo chega ao ponto de afirmar-se publicamente que a Santa Trindade consiste de “Pai, Mãe, e Filho”, e a adoração aos Santos tem o apoio de autoridades tais como a do panfleto publicado pelo Bispo da Bahia, em que cita instâncias de Cornélio adorando

a Pedro (Atos 10, 25), e S. João prostrando-se diante do anjo (Ap. 22), tomando-se o cuidado de suprimir o contexto, “Vê, não faças isso... Adora a Deus!”

O próprio Mestre há declarado, “Serão conhecidos pelos seus frutos”. Vemos por todo lado os frutos do Romanismo – falsidade, vício, ignorância, superstição, idolatria, blasfêmia, e todo tipo de impureza, tanto entre os padres como entre o povo. Cremos que qualquer um destes erros seria suficiente para condenar de apostasia a Igreja que o defende, e que tudo isso e muito mais é de fato ensinado e praticado por Roma, a despeito da casuística refinada que ela possa acionar para refutar a acusação, e nos mantemos firmes em protesto a ela por haver se tornado um instrumento da escuridão para a propagação do erro, um ministério de iniquidade, e blasfemadora contra o Santo Espírito, e um dos inimigos mais sutis e perigosos à religião do mundo. M. W. Bruce – M. H. Watts – M. B. Jones – E. W. Granbery.

A questão de preparação de livros didáticos e de professores foi então apresentada, e depois de haver discutido devidamente o assunto a seguinte resolução foi proposta e aprovada:

Considerando que a necessidade de livros didáticos adequados em língua portuguesa apresenta-se reconhecidamente como um sério obstáculo à eficiência desejada em nosso trabalho educacional, e considerando que a conformidade curricular em todas as instituições protestantes muitas vantagens.

Resolve-se:

Que uma comissão do Todo seja nomeada, para fazer uma investigação detalhada sobre a questão dos livros didáticos e preparação de professores, e conferir com outras escolas evangélicas no Brasil a respeito do Curso de Estudo, e relatar o resultado de seus esforços na próxima Reunião Anual.

Passando ao próximo item da pauta, introduziu-se a questão da admissão de determinadas classes de crianças em nossas escolas. Como a questão levantou dificuldades específicas, devido não apenas ao status social, mas também moral do povo do brasileiro, a discussão foi prolongada.

Miss Granbery propôs a seguinte resolução, que foi aprovada.

Resolve-se:

Que esta reunião entende que há certas questões morais e sociais que impediriam a admissão de determinadas classes de crianças a uma escola de primeira classe, cujas classes poder-se-ia facilmente providenciar caso tivéssemos as mulheres e o dinheiro suficiente para tal.

Não havendo outros itens de pauta a serem tratados, discutiu-se a questão do local da próxima reunião, decidindo-se unanimemente por Juiz de Fora, Província de Minas Gerais.

O Presidente aproveitou a ocasião para expressar com grande simpatia e entusiasmo a sua satisfação com o progresso do trabalho educacional, e sua fé na eficácia da agência evangélica. Ele disse que a política do Romanismo é de provocar cegueira e degradação, sustentando-se através da ignorância do povo; e quando se estabelece uma escola ao lado de uma de nossas igrejas, ela se torna testemunha viva do fato de que nossa religião educa e eleva as pessoas, sem medo da luz intelectual.

Havendo proposta, a reunião encerrou-se, como de costume, com a benção.

Sessão da Tarde

Abriu-se a reunião com a oração do Presidente, e as minutas da sessão da manhã foram lidas e aprovadas.

As seguintes resoluções foram propostas, e aprovadas com unanimidade e entusiasmo:

Resolve-se:

Que enquanto um só corpo levantamos nosso voto para manifestar gratidão ao Irmão Tucker por sua paciência e bondade presidindo nossa reunião, e nos assistindo e aconselhando no trabalho. M. H. Watts.

Resolve-se:

Que oferecemos nossos agradecimentos sinceros a Miss Watts por sua hospitalidade nessa ocasião; também para o Irmão Dickie por sua presença e palavras de ânimo; e para os outros amigos que nos honraram com a sua presença e simpatia cristã em cada dia. Mary Bruce.

Não havendo mais itens de pauta, a proposta foi feita com a significativa relutância para o encerramento do trabalho; e após oração sincera do Irmão Tucker, e aprovação das Minutas, a primeira Reunião Anual de Representantes da Junta de Missões de Mulheres no Brasil foi encerrada. Mattie B. Jones – Secretária.

Por ser missionária mais antiga do Brasil e também por ter sido capaz de enfrentar com sucesso inúmeras situações adversas na implementação do Colégio Piracicabano, Martha Watts foi escolhida como responsável por uma comissão incumbida de planejar a expansão da obra educacional. E nesse papel ela formula um projeto extremamente ambicioso, relacionando a existência de espaços abertos para a extensão do trabalho educacional metodista, tanto na cidade de Piracicaba como no restante do país. No Rio de Janeiro, assinala, podem ser facilmente instaladas duas escolas, uma em Botafogo, ao lado da Igreja Metodista, e outra, para crianças negras. Em Piracicaba também há necessidade de ampliação do trabalho. Diz que são necessárias mais três escolas, uma para crianças pobres, outra para crianças negras e uma escola noturna para atender as empregadas da Fábrica de Tecidos, projeto que depende basicamente da conveniência da empresa.

A proposta de criar novas escolas em Piracicaba, visando alcançar públicos específicos, surgiu a partir de debates em torno da eventualidade do Colégio Piracicabano admitir alunos de determinadas classes sociais.

Depois de longas discussões a resolução proposta por Ella W. Granbery foi admitida como mais conveniente. Diz: “O Consenso desta reunião é que há determinadas questões sociais e morais que impediriam a admissão de certas classes sociais para uma escola de primeira categoria, como é o caso do Colégio Piracicabano”. Para essas crianças seriam providenciadas outras escolas. Sobre a cidade de Juiz de Fora assinala que ainda não é o momento adequado para a presença das mulheres. Acha que é necessário aguardar pelo fortalecimento do trabalho metodista na cidade. Crê que se a *Board* enviar mais três professoras, o grupo terá condições de administrar com competência os novos desafios.

Houve consenso a respeito das possibilidades de expansão do trabalho educacional metodista no Brasil e também não ocorreram maiores divergências a respeito dos obstáculos que o Catolicismo Romano continuaria colocando para impedir essa expansão. O *know-how* obtido nas vitoriosas experiências do Colégio Piracicabano e da Escola do Alto, isto sem contar os avanços conquistados pelas escolas presbiterianas, indicava que tais obstáculos poderiam ser superados, ainda mais agora com os sinais eminentes de instauração de um novo regime político. Os obstáculos mais difíceis, segundo constatação também unânime, estavam em outra direção e eram os seguintes: 1) material didático em português, 2) preparação dos professores, e 3) padronização de currículo entre todas as escolas evangélicas.

Especialmente convidada para ajudar na discussão, já que entre os anos 1886/7 esteve viajando aos Estados Unidos e à França com o objetivo de estudar novos métodos de ensino e trazer material didático para suas aulas de ciências, Maria Rennotte concordou com a idéia de se nomear uma comissão para tratar do assunto. Tal comissão ficaria de apresentar na próxima reunião as suas sugestões sobre os assuntos material didático e preparação de professores. E neste período, também ficaria encarregada de entrar em contato com outras escolas evangélicas para saber sobre as possibilidades de confecção de um currículo padronizado.

WOMAN'S MISSIONARY ADVOCATE. Nº 11, MAY, 1889. P. 4-6.

Anexo E – Noticiário: “Aula de chimica” (Gazeta de Piracicaba, de 14/10/1887)

GAZETA DE PIRACICABA				
ASSIGNATURAS PARA A CIDADE Anno... 143000 Semestre... 73000 Typographia o escriptorio—Rua do Commercio n. 37.	FOLHA DIARIA PROPRIETARIO E DIRECTOR—JOAQUIM BORGES DA CUNHA	ASSIGNATURAS PARA FÓR Anno... 103000 Semestre... Todos os pagamentos devem adiantadamente.		
ANNO VI	SEXTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1887	N.—6		
<p>Correio das salas</p> <p>fazem annos hoje:</p> <p>eximas. sras.:</p> <p>Antonia Ferraz Pinto. Maria Josephina Pinto de Antonia Ferraz de Arru- Carollu M. da Cunha. menino Josias, filho do sr. I. de Almeida Cunha.</p> <p>MEMORIAS NACIONAES</p> <p>Outubro—14</p> <p>—A republica do Para- gubere a alianca america- prada entre o imperio, a a oriental do Uruguay idos do Corrientes e En-</p> <p>nacionalisação</p> <p>o da representação na-</p>	<p>cuja idéas, sinão reuñem todos os requisitos necessarios a um paiz livre, revelam entretanto grande interesse pela prosperi- dade nacional, o que torna o il- lustre sena tor uma das asperan- ças dos brasileiros.</p> <p>Em sessão do senado, a 11 do corrente, apresentou elle o pro- jecto que abaixo reproduzimos adiantando que, em vista de conter medidas embora demora- damente favorecedoras da gran- de naturalisação, por isso mes- mo que importaria um grande passo em beneficio da patria, não será convertido em lei.</p> <p>Es o projecto:</p> <p>—</p> <p>«A assembléa geral resolve:</p> <p>Art. 1.º. Todo o estrangeiro quo tiver residencia effectiva no Brazil por mais de 3 annos será considerado cidadão brasileiro.</p> <p>Art. 2.º. Este prazo de residen- cia será reduzido a 2:</p> <p>§ 1.º. Se o estrangeiro casar com mulher brasileira.</p> <p>§ 2.º. Se servir no exercito ou marinha.</p>	<p>sua generalidade como em rela- ção com a das provincia ou mu- nicipios do imperio.</p> <p>Art. 3.º. Os direitos a eleitor ficam logo garantidos, uma vez satisfeitos os arts. 1.º e 2.º. Igual- mente quanto á elegibilidade nas eleições municipaes.</p> <p>Art. 4.º. A elegibilidade para deputados deve preceder o dis- posto no § 2.º do art. 10 da lei n. 3029 de 9 de Janeiro de 1881. O prazo para a elegibili- dade a senador do imperio será de 8 annos, bem como para a nomeação ao cargo de conselhei- ro de Estado.</p> <p>Paragrapho unico. Este pra- zo será contado da data da che- gada do estrangeiro ao Brazil e do reconhecimento de sua resi- dencia affectiva.</p> <p>Art. 5.º. Os senadores e de- putados nas condições do art. 4.º poderão ser ministros do Es- tado.</p> <p>Art. 6.º. Da data d'esta lei pa- ra o futuro os bens immoveis só poderão ser adquiridos por ci- dadãos brasileiros, salvo a hy- pothese do § 4.º art. 2.º, os havi- dos por verba testamentaria e os de companhias e sociedades commanditarias.</p> <p>Art. 7.º. Ficam exceptuados</p>	<p>trangeiras sem consentimento do governo brasileiro.</p> <p>§ 3.º. Os bancaroteiros frau- dulentos.</p> <p>§ 4.º. Os criminosos de morte e sujeitos a penas infamantes.</p> <p>Art. 9.º. A naturalisação per- dida só pode ser reacquirida por lei.</p> <p>Art. 10. Revogadas as dispo- sições em contrario.</p> <p>10 de Outubro de 1887.—Es- cragnolle Tannar»</p> <p style="text-align: center;">NOTICIARIO</p> <p>Aula de chimica—D: um annuncio que esta-nos publi- cando na secção propria d'esta folha, vê-se que no Collegio Pira- cicabano acaba de abrir-se uma aula de chimica, regida pela dis- tincta professora M. Rennotte.</p> <p>E' mais um grande esforço da direcção d'aquelle utilissimo es- tabelecimento, em prol da ins- trução da mocidade piracica- bana.</p> <p>Chamamos a attenção dos nossos leitores para esse notavel melhoramento introduzido no collegio.</p> <p>«Correio d'Oeste»—Os</p>	<p>O tal <i>Correio</i> nasceu que não recebemos o meio numero, o segu- nos ter á porta tratando sciramente, mas ao me- po choreamingando. In- Recebemo-o com lu- de, saudamo-lo, etc., sim zanga se comose que não desistimos de dar cabal resposta aos saforos.</p> <p>Verdade é que o entupir, como se diz e mas nem porisso dav ga... dizemos mal, se declarar de facto mo indica a devolu- nós que nunca o tín- mais gordo e nem talvez sinão nos vi- rar.</p> <p>Com o seu acto pr- ção do novo periodo do grosseira, tem m é raiyoa tanto qua ra não ver o ridicul ceder violento.</p> <p>Ahi tem os lectar do organo do pub presume defender publico e fazer satatamente a lu- lém.</p> <p>Nós é que não suspender-lhe a re</p>

Anexo F – Noticiário: “Aula de chimica” (*Gazeta de Piracicaba*, de 14/10/1887)

NOTICIARIO

Aula de chimica—De um annuncio que estamos publicando na secção propria d'esta folha, vê-se que no Collegio Piracicabano acaba de abrir-se uma aula de chimica, regida pela distincta professora M. Rennotte.

E' mais um grande esforço da direcção d'aquelle utilissimo estabelecimento, em prol da instrucção da mocidade piracicabana.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para esse notavel melhoramento introduzido no collegio.

Anexo G – Texto de Maria Rennotte sobre a importância da química (Gazeta de Piracicaba, de 11/10/1887)

<p align="center">Chimica</p> <p>Esta sciencia, outr'ora unicamente praticada nos escondrijos dos conventos, envolvida no segredo, tornando deste modo mysteriosos seus adeptos, não é mais hoje a arte de transmutar os metaes, não se intitula mais o —Eureka da Immortalidade—. Mais humilde em seus desejos, mais séria em seus intentos, a sciencia de hoje, pondo-nos em contacto immediato com a natureza, prova, com a balança na mão, o erro da doutrina antiga e proclama este principio fundamental : nada se perde, nada se cria.</p> <p>Applicada á medicina legal, a Toxicologia, fundamento da Pharmacologia a chimica sem procurar nem produzir «Padacée» oulixir vital, derrama sobre a humanidade seus beneficios de tal maneira, que é excusado realçar seu valor.</p>	<p>za as terras prisma, exp a riqueza d ças com as reiro revest fazendas de de encantad muitas vez motor, pro invisivel qu za da terra. sa carreira, telegraphic confins do ções por e que sejam, munismo d verdadeira povos. Quem m se descreve estudo da constantes mos dos n tos que ell merar os dão junto la nos dá estas mil versas ind</p>	<p>ca na antiga fun- nada al, a da sem céc» re a s de ado eti- ção, vem a o lar- oje, eus to- en- er- ario</p> <p>munismo das ideias, isto é, a verdadeira confraternisação dos povos.</p> <p>Quem me dera que eu pudesse descrever a importancia do estudo da chimica ; notar as constantes applicações que fazemos dos numerosos conhecimentos que elle nos fornece ; enumerar os phenomenos que se dão junto a nós, e dos quaes ella nos dá a explicação ; expôr estas mil e uma substancias diversas indispensaveis ás nossas necessidades, a nossos trabalhos e até mesmo á sustentação de nossa vida, e assim despertar o desejo de perscrutar os segredos cheios de encanto que nos rodeiam, que encontramos a cada passo.</p> <p>Piracicaba, 11 de Outubro de 1887.</p> <p align="right">M. RENNOTTE.</p>
--	---	---

Anexo H – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (Gazeta de Piracicaba, de 5/8/1882)

Anno 1.º. P. de S. Paulo Piracicaba, 5 de Agosto de 1882. Brazil— N. 21

GAZETA DE PIRACICABA

REDACTOR E PROPRIETARIO—VICTALIANO FERRAZ DO AMARAL.

PUBLICA-SE AS TERÇEIRAS, QUINTAS E SABBADOS, NÃO HAYENDO DIAS SANTIFICADOS

Assinaturas para a cidade Anno 1882 12:000

Assinaturas para fora Anno 14:000

Memorandum

AVISO

Regamos a todos os assignantes d'esta folha, tanto d'esta cidade como de fora, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia de suas assignaturas, visto estarmos procedendo a cobrança.

Os que mandaram pagar n'esta folha regamos e obsequio de mandarem satisfazer a importancia de seus debitos, visto que cecios paguimentos devem ser adiantados.

O Dentista—José Lobo Albréton, colloca dentes pelos systemas mais modernos, como seja: ouro, vulcanite, etc. etc.

Extrahe dentes, raizes e extorção de nervos dentarios.

Obturação a platina, ouro, osso artificial e etc.

Especialidade:—Baratesa e peripico.

Quando com antecedencia, a rua de S. Antonio n. 1, das 7 da manhã as 5 da tarde

O ABOGADO Dr. A. J. Fernandes de Oliveira, para os misteros da sua profissão, sempre encontrado em sua residência a rua da Boa Morte n.º 24—

Antonio Eduardo d'Oliveira, mudou seu armazem de secos

e molhados, da Rua... Jores para a do... junto a sellaria do sr. Antonio Pinto Coelho.

Aos Interessados

Joaquim Eugenio do Amaral Pinto, tendo comprado de J. Caldeira & Irmão a casa commercial denominada—Aos dois Irmãos—situada á rua dos Pescadores, largo do Theatro desta cidade, com todo o activo, pede aos devedores da referida casa e firma, venham pagar suas contas em prazo breve.

Piracicaba, 11 de Julho de 1882.

Joaquim Eugenio do Amaral Pinto.

CASA A VENDA

Vende-se a casa n.º 6 sita a rua da Boa-Morte.

Advocacia.—O bacharel Xaolipho A. Nardy de Vasconcellos, tem seu escriptorio no largo da matriz n.º 10. Encarrega-se de causas civis e commerciaes.

1—10

J. JOSE' DA SILVA tem o seu restaurant luxosamente montado, a rua Direita n.º 160. Nesse importante estabelecimento encontra-se comidasquentes ou frias a qualquer hora do dia e da noite;

Excelente sortimento de molhados de primeira qualidade; Um bom bilhar e jogo de bolas.

E' experimentar para crer.

Aviso ao Publico

Os abaixo assignados declaram que, por escriptura de 8 do corrente, venderam a Joaquim Eugenio do Amaral Pinto todo o activo do estabelecimento denominado—Aos dois Irmãos—situado a rua dos Pescadores, largo do Theatro desta cidade, pertencentes á sociedade que gyrava sob a firma de J. Caldeira & Irmão, e hem assim que dissolveram a mesma sociedade.

Piracicaba, 11 de Julho de 1882.

Jose Caldeira.
João Caldeira.

Gazeta de Piracicaba

Piracicaba, 5 de Agosto de 1882

Educação da mulher

Presente de uma das faculdades de Piracicaba e escreve com relação á Educação da mulher mas que, em geral, poucos tem apresentado ideias sans e aproveitaveis; não julgamos fora de proposito as doutrinas exaradas no artigo infra, que alguns, lemos em um jornal da côrte.

Para ellas chamamos a atterção dos chefes de familia, pois da realisação dessas idéas

depende o brilhante futuro de suas filhas.

Eis o artigo:

«Quantos erros se commettam a proposito da educação da mulher!

Descamos á observação pratica; roframo-nos desde a actual sociedade.

A maior parte das pessoas confunde a educação com a instrução.

E' um erro gravissimo. Ha homens instruidos que são muito mal educados; ha pelo contrario, muitos ignorantes que captivão pela sua boa educação.

Apell'amos para a experiencia diaria.

Entre um sabio sem formas sociaes e um ignorante humilde e cortez, é mil vezes preferivel o ignorante.

A educação é de mais importancia do que a instrução.

A primeira dirige-se principalmente ao coração; a segunda á intelligencia.

Educar a mulher, e instrui-la a depois

A escola das mães de familia é um dos pensamentos mais grandiosos que pôde conceber-se e realisar-se em beneficio da humanidade.

Porque, como disse um grande escriptor, educar um homem he formar um individuo, que não deixa nada atraz de si; educar uma mulher, é formar as gerações viadoras.

Hoje procede-se na educação por uma série de enganos.

A menina aprende a dissimu-

lar, e ensina mais tarde a mulher a enganar.

Aprende a affectar silencio, e esse germen de affectação produz logo o amargo fructo da mentira.

Aprende a estimar em muito seus dotes de formosura e sua condição de mulher, e essa sciencia perigosissima traz por legitimos corollarios a frivolidade e a inconsciencia.

Avisão-n'as que ha grandes riscos na sociedade, e como armas entregão-lhes uma collecção de novellas e cópia e phrases mais ou menos casticas e accitaveis.

Assim entrão de ordinario no grande mundo as que vão ser mães de familia e um dia hão de formar o coração de outros seres, talvez mais desgraçados que ellas proprias.

A nuvem da lisonja, que coração a menina, empua a atmosphera e turva a existencia da mulher.

A flor que lhe orna a cabeça, ou o adereço do collo, importa mais nos seus olhos que os pontos de estudo.

O celebre ecriptor, e com a educação da mulher deve començar a do homem.»

O homem, physico e maralmente, excede em força e vigor á mulher; e alli onde está o excesso da força, está tambem o risco da oppressão.

E' mais nobre, pois, mais delicado e mais justo que a he-

Anexo I – Texto de Maria Renotte sobre a educação da mulher (*Gazeta de Piracicaba*, de 23/8/1882)

Anno I. P. de S. Paulo. Piracicaba, 23 de Agosto de 1882. Brazil—N. 27.

GAZETA DE PIRACICABA

EDITOR E PROPRIETARIO—JOAQUIM BORGES DA CUNHA.

CONDICÕES
Anuncios a 100 reis por linha.
Repetições—50 reis.
Publicações a pedido—o que se contraccionava.

ASSIGNATURAS POR ANNO
Para a cidade, 10\$000
Para fóra, 12\$000

SEMESTRE
Para a cidade, 6\$000
Para fóra, 7\$000

PUBLICA-SE A'S QUARTAS, SEXTAS E DOMINGOS, NÃO HAVENDO DIAS SANTIFICADOS

Aviso

No empenho de corresponder á confiança que os srs. assignantes tem dispensado á esta empreza, resolvemos baixar o preço das assignaturas da *Gazeta* a 10\$000 por anno aos assignantes d'esta cidade e a 12\$000 para os de fóra, continuando a publicação a ser de tres vezes por semana — ás quartas feiras, sextas e domingos.

Aquelles dos srs. assignantes que fizeram pagamentos por um anno de ex-proprietario da folha, ficam com o direito de, quando pagarem suas assignaturas para o segundo anno, fazerem somente com a quantia de oito mil reis.

As assignaturas por anno serão contadas do dia em que o assignante inscrever-se, para vencer em igual data do anno seguinte.

Rogamos ás pessoas que quizerem assignar a folha o sinequin de dirigirem-se ao nosso escriptorio á rua do Alferes José Caetano n. 18, esquina da rua Direita.

Instrução

A educação da mulher.

Sob este titulo acabo de apresentar um assumpto tão frequentemente tratado, que receitaria cansar o leitor se não estivesse persuadida que a causa publica encontra sempre partidários.

Pôde-se com effeito mover profundamente um assumpto de interesse tão

capital, pôde-se estudar bastante um capitulo, uma causa cujos effeitos fazem-se sentir á vintoutras gerações?

O futuro das nações, disse Balzac, está todo entre as mãos das mães de família.

Esta verdade que têm querido explicar sábios cujo talento notorio sabia despertar o suffragio em seu favor, não recebeu ainda, infelizmente, todo o apoio que merece, todo o successo que se podia esperar, e ao qual ella tem direito.

E' que, é bem triste dizê-lo, a mulher é de alguma sorte tratada abaixo da sua dignidade, observada, em algumas relações, como um ser que nada pôde, para não dizer completamente nullo.

Esta injustiça inveterada desde o principio dos seculos, continuou a travéz dos tempos, e acreditou-se, e um bom numero acredita ainda, que a mulher de uma constituição fraca não pôde emprender um trabalho que exija força de concepção, e por consequente, em uma palavra, que na mulher a materia tem primazia sobre a intelligencia.

Apoiando-se sobre esse sophisma recusaram iniciar a mulher em todas as carreiras.

Manejar a agulha, occupar-se dos cuidados materiaes da casa, eis o que, até hoje, por assim dizer, tem sido a tarefa que lhe impuzeram: é esta a barreira posta á sua intelligencia; e retendo captiva a parte pensante, disseram-lhe: « tu não sahirás d'aqui! »

Entretanto, não obstante as cadeias de que se quiz sobrecarregar o pensamento da mulher, vemos essa faísca divina vencendo os obstaculos que se lhe oppunha, e, n'esses tempos obscuros em que o homem orgulhava-se de não saber assignar seu nome, vemol-a elevar-se á altura de poetas, taes como Marie de France, Marguerite de Valois e outras.

M^{te} RENOTTE.

(Continua)

OS DRAMAS DO VITRIOLO

O *Figaro* dá conta de um julgamento realisado ha dias em Paris e em que figura mais uma vez o vitriolo, liquido que n'outro tempo se limitava a representar o papel de termometro industrial, mas que, ha meia duzia de annos, entrou de repente em scena, fazendo parte já hoje de muitos dramas violentos cujo epilogo se tem passado sempre nos tribunales.

Contemos o drama:

Maria Colas Gy, moradora em Nully, é casada com um operario que unicamente entretinha relações amorosas com uma rapariga de appellido Villauime, residente em Paris.

Gy tinha quatro filhas. Um bello dia, sem que entre elle e sua mulher tivesse havido a menor allorcação, Gy sahio de casa e dirigio-se para Paris, abandonando a esposa e os filhos.

Uma carta do filho mais velho, um rapaz de 14 annos, empregado na *Gazeta de Nancy*, conta a partida de seu pai para Paris, do seguinte modo: Meu caro senhor. — Vou responder a carta em que me pergunta o que se passou quando meu pai partio para

Paris. Um domingo de tarde a mamã foi ver o papá á officina.

« Eram cinco horas. Conversaram muito amigavelmente. A despedida o papá disse á mamã que fizesse a ceia porque elle não se demorava. A mamã sabio.

« Folia a ceia começou á esperar. O papá não chegava. Foi procural-o á officina. Não eslava lá. Partira. Na officina encontrou um par de calças do papá. N'um dos bolsos havia uma carta onde se lia a terra para onde o papá fóra. Era para Paris.

« A mamã voltou para a casa chorando e disse-nos que o papá tinha ido para Paris. Nós principiamos todos a chorar, e ella disse-nos que ia escrever ao papá pedindo que voltasse.

« Escrevemos muitas cartas, mas nunca tivemos resposta.

« Por fim, a mamã resolveu ir á Paris. Eu não queria. Ella porém insistiu. Não nos disse o que tencionava fazer. Despediu-se de nós chorando.

« Disse-nos que voltaria em breve com o papá. Depois partiu.

« E' tudo quanto sei. — João Baptista Gy. »

Chegada á Paris, Maria Gy dirigio-se á casa de seu confiado, onde encontrou seu marido em companhia da amante.

Houve uma scena violenta entre as duas, scena que terminou atirando Maria Gy um frasco de vitriolo á cara da sua rival.

Maria Gy foi presa, o processo accusa-a de tentativa de assassinato premeditado.

O jury absolvou a accusada.

Neste julgamento produziu grande impressão a leitura de uma carta de João Baptista Gy, a criança de 14 annos, transformada em chefe de familia depois da prisão de sua mãe.

Anexo J – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (*Gazeta de Piracicaba*, de 25/8/1882)

Anno I. P. de S. Paulo. Piracicaba, 25 de Agosto de 1882. Brazil—N. 28.

GAZETA DE PIRACICABA

EDITOR E PROPRIETARIO—JOAQUIM BORGES DA CUNHA.

CONDICÕES
Anuncios a 100 reis por linha.
Repetições—50 reis.
Publicações a pedido—o que se convencionar.

Assinaturas por anno
Para a cidade. 10\$000
Para fóra. 12\$000

Semestre
Para a cidade. 6\$000
Para fóra. 7\$900

PUBLICA-SE A'S QUARTAS, SEXTAS E DOMINGOS, NÃO HAVENDO DIAS SANTIFICADOS

Educação da mulher.

(Continuação)

Outras, que não contentes de fazer valer seu talento, suscitaram o gosto pelas letras, tirando da apathia esses cavalheiros que teriam cahido talvez na ociosidade, depondo a espada de lucta.

Quem negará o ascendente de Clemence Isauré nos Jeux Floreux, embrayão da academia de França?

Seguindo o curso dos tempos, vemos sob cada reinado, mulheres que se medem á altura dos gigantes da sciencia. Não emprehenderei enunciar os nomes que illustram a galeria das mulheres celebres, não é esse o meu fim.

Entrelanto, manuseando os folhetos ornados dos nomes de Madame de Sevigné, cujas cartas nos servem ainda de modelo e de estylo epistolar; os de M^{me} Deshoullere que, pela suavi- dade de seus versos, arrancava, máo grado seu, a Luiz XIV, a caridade para seus filhinhos; de M^{me} de Staël de quem choramos o desterro e que amamos em Corinne; de M^{me} Guizot cuja leitura damos a nossos filhos, e de uma escriptora que, ainda ha pouco desapareceu do numero dos vivos, e cujos escriptos foram o assumpto de muitas controversias—quero fallar de George Sand; embora os seus livros não sejam proprios para a mocidade,

não podemos, ao ar de ler pressa de chegar a esse recusar-lhes nosso tributo de admiração.

A sociedade universal sendo a mais generosa das aspirações humanas, porque recusar á mulher os meios de tomar parte n'esta grande obra? Porque lhe restringir a esphera, obstruir, interceptar o vôo de seu pensamento? Eu não aconselho, decerto, que faças de vossas senhoras, de vossas filhas mulheres analogas ás ridicularisadas por Moliere na sua satyra immortal; não, eu não venho reclamar para a mulher senão a posição que lhe convém; senão o lugar que lhe é devido, senão a dignidade á qual ella tem direito: « a de agir ».

M^{me} RENNOTTE

(Continua)

O barão do Amazonas

O Brazil perdeu recentemente um de seus mais illustres filhos.

O inelyto barão do Amazonas, o intrepido vencedor do Riachuelo morreu deixando aos militares modernos exemplos de um combate naval, só mesmo em que o genio de um cabo de guerra, como era elle, podia salvar da derrota a sua esquadra.

Francisco Manoel Barroso, foi um dos mais illustros brasileiros, que abateu ante si o orgulho e a desmedida ambição do tyranno dictador S. Lopes.

Vendo o resultado de sua politica, que era pessima, Lopes, apesar do terror, que infundia em suas tropas, não pôde tornal-as victoriosas no combate do Riachuelo, pois que ahí os brasilei- ros tinham por commandante o barão do Amazonas!

Apesar de transformar os seus compatriotas em espiões e soldados por constrangimento, apesar da tyrannia, que fazia pesar sobre o Paraguay, recrutando a seus filhos e confiscando os bens de ricos e pobres, Lopes não pôde impedir que no combate que se travou no rio Paraná á 11 de Junho de 1865, os seus soldados fossem completamente engulidos pela onda de bravos, que sahia dos navios brasileiros!

Os Paraguayos combatiam, não pelo amor que tinham á sua causa, nem ao seu dictador, mas porque eram a isso constrangidos por Solano Lopes — *el Supremo*!

Porém, no ataque de Cerro Corá, Lopes espiou as suas faltas; talvez mesmo se arrependesse de suas violencias...

Era já tarde.

Com a metade do corpo enterrado nas aguas do Aquidaban Mingui o tyranno Lopes exhalou o seu ultimo suspiro, no proprio momento em que os soldados do general Camara, saltavam entusiasmados os primeiros gritos de victoria!

Lopes morreu deixando sua patria na maior obscuridade; empobrecida, coberta de lucto e ruinas; deixou-a vencida e abatida, por causa de sua ambição e pessima politica.

Sem pensar no futuro, Lopes no começo da guerra, esperava cobrir-se de gloria, e tinha (de tal modo era temerario) quasi a certeza de abater ao mesmo tempo o Brazil, a republica Argentina e o Uruguay. O dictador do Paraguay viu fugir todas as suas esperanças, principalmente na derrota que soffreu no rio Paraná á 11 de Junho de 1865.

N'esse combate naval os brasileiros ficaram victoriosos, pois entusiasmados pelo exemplo de seu chefe o barão do Amazonas, que com a sua voz aguda e clamorosa fortaleza os animos dos feridos, ao mesmo tempo que obrava prodigios de valor, os brasileiros esmagavam quantos tinham a ousadia de disputar-lhes a victoria, que já o Deus das batalhas tinha ao almirante Barroso destinado!

Das seis canhoneiras paraguayas e oito vapores só escaparam quatro d'estes.

O resto foi posto á pique.

Calcula-se em 2.000 os soldados inimigos que ahí pereceram! Depois d'esta assignalada victoria, ainda o barão do Amazonas, arrastou as bandeiras Paraguayas após seu carro do triumpho, em razão da vantagem com que combateu os inimigos nas passagens de Mercedes e de Gueras.

O Brazil não podia deixar de sahir vencedor da heroica lucta que sustentou com o Paraguay, tendo em suas fileiras de bravos, homens de genio e valor, taes como: barão do Amazonas, marquez do Herval, duque de Caxias, barão do Triumpho e tantos outros.

Em memoria dos feitos do bravo almirante Barroso, a camara municipal da Corte vai mandar erguer na praça *11 de Junho*, um monumento ao illustre militar.

Gloria ao inelyto vencedor do Riachuelo, que por intermedio de sua voz retumbante e de sua coragem inexcedivel soube communicar ao seu exercito de bravos o entusiasmo do que se achava possuido pela causa que o Brazil tao heroicamente defendia!

Campinas, 20 de Agosto de 1882.

OCTAVIO MENDES

Anexo K – Texto de Maria Rennotte sobre a educação da mulher (Gazeta de Piracicaba, de 30/8/1882)

Anno L. F. de S. Paulo. Piracicaba, 30 de Agosto de 1882. Brazil—N. 30.

GAZETA DE PIRACICABA

EDITOR E PROPRIETARIO—Joaquim Borges da Cunha.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS, SEXTAS E DOMINGOS, NÃO HAVENDO DIAS SANTIFICADOS.

<p>Assignaturas per anno Para a cidade \$2000 Para fora \$2500</p> <p>Semestre Para a cidade \$1000 Para fora \$1250</p>	<p>Condições Anuncios a 100 reis por linha. Retribuição—50 reis. Publicações a pedido—e que se communicarem.</p>
--	--

Instrução

Educação da mulher.

(Continuação)

Se consideramos o estado actual da mulher com sua situação anterior, reconheceremos que o XIX século é menos injusto da que os séculos passados; mas esta reintegração da mulher em seus direitos, por assim dizer, a que devemos attribuir a si, não a luzes mais geralmente espalhadas, á civilização que se aperfeiçoa de dia em dia, á nossa marcha no progresso, á apreciação mais real da mulher, esse ser (dillo) de segunda ordem e de grande papel que ella desempenha sob esta vasta scena que tem por testemunha a sociedade na qual e pela qual devemos viver. Porque a mulher de nossos dias caraminha-se cada vez mais para sua verdadeira posição, situa porque se viu e sentiu as consequências tristes da falta de instrução entre a mãe de familia.

Estudemos-lhe pois sob este ponto de vista.

O homem dotado de intelligencia para pensar, comparar, abstrahir, generalisar; de memoria para archivar sua propria experiencia e a dos outros, e de vontade para realizar, excitado ainda pelo espirito de conservação, esforça-se em apropriar ás suas necessidades os outros seres.

Não passa despercebido ao homem, por um de seus sentimentos intuitivos,

que seus esforços isolados não podem ser tão effrizes como reunidos aos de seus semelhantes. Elle procura portanto uma quasi reflexão do si mesmo e, se me permittem a expressão, dahi nasce a familia, forma-se a sociedade, e d'esse facto o homem esforça-se em fazer surgir a prosperidade.

Qual não deve ser pois o seu desculpando quando, em lugar de um auxiliar, elle tomou um fardo; com que pesar não deve elle chorar esse momento que escudeou sua liberdade a uma mulher estúpida que não pôde comprehendel-o; como elle deve maliciar o momento que esperou com uma impaciencia feble, se reconhece que procura o impossível para suas bellas esperanças. O que deve pensar o marido que se uniu a uma mulher cujo espirito inerte nada pôde prever, e por consequente nada pôde ajudar ou impedir, pois que nada pôde emprender ou realizar?

Infeliz! que nome deve elle dar a sua esposa?

Tomamos a palavra em seu lugar e dizemos:

«Essa mulher não é mais do que machina de reprodução.»

Mas ainda este engenho, (performe-me a expressão) leu um encargo, o de crear seus filhos; um dever o de desenvolver sua intelligencia; uma missão, a de dirigil-os para o bem.

Dizei-me como creará ella estes pobres pequenos seres, dos quaes certamente, ella não tem consciencia? Co-

mo esta referida mãe de familia tocará em seus filhos o gosto dos estudos fallam-lhe a razão: como abrirá ella ao futuro cidadão os thesouro da sciencia se ella propria não tem d'ellas a chave? É difficil de dar-se aquillo que não se possui, e a mulher ignorante não pôde passar á sua progeneratura o gosto do bello, do bom, do útil, se ella propria não sabe discernir o preferivel, o vantajoso.

A não ser a intervenção do pai que representa a actividade, ou grandes disposições da parte das filhas, veres juvenis condemnados a ficar nas trevas da ignorancia.

Esta mulher não pôde tao pouco considerar-se a justa metade do homem trabalhador e intelligente; ella deve, e se acha fóra de sua esfera na sociedade de seu marido, e como a ignorancia é sempre irmã da escravidão, ella, não se sentindo na altura d'aquelle que a escolheu, humilha-se e desce ao grão de escrava.

Tambem, que effluvo de pensamentos pôde existir entre dois seres de força intellectual tao differente?

Muitas vezes tambem que harmonia pôde haver entre dois espiritos tao pouco do accordo? Que corda, que cadeia invisivel pôde reter em sua casa um homem que não tem com quem conversar, trocar seus pensamentos? Pais e mães que sois muitas vezes injustos sobre o que toca á educação de vossas filhas, sabej que importa a sua felicidade e a de sua familia, por um joço,

quando nas lhas deves instrução ou fizerdes d'isto objecto de pouco progresso. Procuremos pois para a mulher os meios de instrução, facilitemos, em vez de obstruir, os caminhos abertos da sciencia; o homem reconheendo do sua mãe tudo o que ella tem de bom, então o pai de que elle for filho será o mais rico em grandes vultos e não haverá melhores mais.

Ainda uma vez farei trabalhar, impelli no estudo vossas filhas que é o melhor meio de fazer d'ellas, assim como o disse V. Hugo:

« O perfume da sociedade ».

M^{te} Rennotte.

QUANTAS COESAS SÃO REQUERIDAS PARA LEVANTAR A MÃO A CABEÇA.

PALRY.

Primeiro, um cylindro longo, duro e forte, para dar ao braço sua firmeza e tenaz; porém o qual, sendo rapido, o seu ser substancia inflexivel, pôde seminte doer as juntas.

Em segundo lugar, por consequente, juntas para este proposito, uma no hombro para levantar o braço, outra no cotovello para dobral-o; estas juntas constantemente se nutrem de uma murilugem molle para fazer as partes escoregarem-se facilmente umas nas outras, e se pegam juntamente por duas feições que as conservam em sua posição: logo depois, em terceiro lugar cordões e arames, isto é, músculos e tendões artificialmente inseridos para o proposito de puxar os ossos ás direções em que as juntas permittem moverem-se.

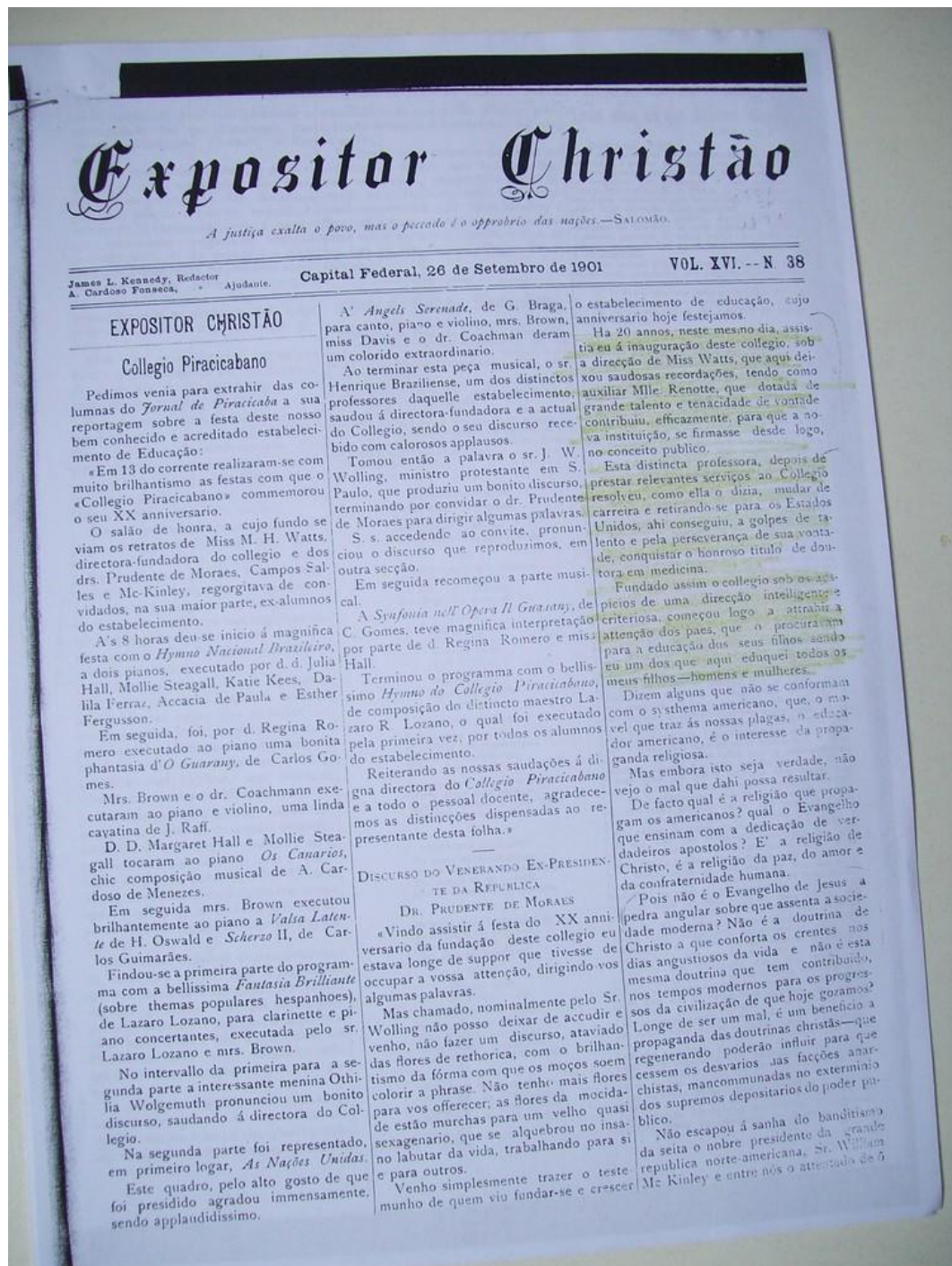
Folhetim 13

UMA PAIXÃO

— Não posso mais viver assim... —
 — Não se trata de viver assim... —
 — Não se trata de viver assim... —

— Não posso mais viver assim... —
 — Não se trata de viver assim... —
 — Não se trata de viver assim... —

ANEXO L – Periódico *Expositor Christão*, de 26/9/1901 – Comentários sobre a atuação de Maria Renotte



Expositor Christão

A justiça exalta o povo, mas o peccado é o opprobrio das nações.—SALOMÃO.

James L. Kennedy, Redactor
A. Cardoso Fonseca, Ajudante.

Capital Federal, 26 de Setembro de 1901

VOL. XVI. -- N. 38

EXPOSITOR CHRISTÃO

Collegio Piracicabano

Pedimos venia para extrahir das columnas do *Jornal de Piracicaba* a sua reportagem sobre a festa deste nosso bem conhecido e acreditado estabelecimento de Educação:

«Em 13 do corrente realizaram-se com muito brilhantismo as festas com que o «Collegio Piracicabano» commemorou o seu XX anniversario.

O salão de honra, a cujo fundo se viam os retratos de Miss M. H. Watts, directora-fundadora do collegio e dos drs. Prudente de Moraes, Campos Salles e Mc-Kinley, regorgitava de convidados, na sua maior parte, ex-alumnos do estabelecimento.

A's 8 horas deu-se inicio á magnifica festa com o *Hymno Nacional Brasileiro*, a dois pianos, executado por d. d. Julia Hall, Mollie Steagall, Katie Kees, Dalia Ferraz, Accacia de Paula e Esther Fergusson.

Em seguida, foi, por d. Regina Romero executado ao piano uma bonita phantasia d' *O Guarany*, de Carlos Gomes.

Mrs. Brown e o dr. Coachmann executaram ao piano e violino, uma linda cavatina de J. Raff.

D. D. Margaret Hall e Mollie Steagall tocaram ao piano *Os Canarios*, chic composição musical de A. Cardoso de Menezes.

Em seguida mrs. Brown executou brilhantemente ao piano a *Valsa Latente* de H. Oswald e *Scherzo II*, de Carlos Guimarães.

Findou-se a primeira parte do programma com a bellissima *Fantasia Brillante* (sobre themas populares hespanhoes), de Lazaro Lozano, para clarinette e piano concertantes, executada pelo sr. Lazaro Lozano e mrs. Brown.

No intervallo da primeira para a segunda parte a interessante menina Othilia Wolgemuth pronunciou um bonito discurso, saudando á directora do Collegio.

Na segunda parte foi representado, em primeiro logar, *As Nações Unidas*.

Este quadro, pelo alto gosto de que foi presidido agradou immensamente, sendo applaudidissimo.

A *Angels Serenade*, de G. Braga, para canto, piano e violino, mrs. Brown, miss Davis e o dr. Coachman deram um colorido extraordinario.

Ao terminar esta peça musical, o sr. Henrique Braziliense, um dos distinctos professores daquelle estabelecimento, saudou á directora-fundadora e a actual do Collegio, sendo o seu discurso recebido com calorosos applausos.

Tomou então a palavra o sr. J. W. Wolling, ministro protestante em S. Paulo, que produziu um bonito discurso, terminando por convidar o dr. Prudente de Moraes para dirigir algumas palavras.

S. s. accedendo ao convite, pronunciou o discurso que reproduzimos, em outra secção.

Em seguida recomeçou a parte musical.

A *Sinfonia nell'Opera Il Guarany*, de C. Gomes, teve magnifica interpretação por parte de d. Regina Romero e miss Hall.

Terminou o programma com o bellissimo *Hymno do Collegio Piracicabano*, de composição do distincto maestro Lazaro R. Lozano, o qual foi executado pela primeira vez, por todos os alumnos do estabelecimento.

Reiterando as nossas saudações á digna directora do *Collegio Piracicabano* e a todo o pessoal docente, agradecemos as distincções dispensadas ao representante desta folha.»

DISCURSO DO VENERANDO EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA

DR. PRUDENTE DE MORAES

«Vindo assistir á festa do XX anniversario da fundação deste collegio eu estava longe de suppor que tivesse de occupar a vossa attenção, dirigindo vos algumas palavras.

Mas chamado, nominalmente pelo Sr. Wolling não posso deixar de accudir e venho, não fazer um discurso, ataviado das flores de rethorica, com o brilhantismo da forma com que os moços soem colorir a phrase. Não tenho mais flores para vos offerecer; as flores da mocidade estão murchas para um velho quasi sexagenario, que se alquebrou no insano labutar da vida, trabalhando para si e para outros.

Venho simplesmente trazer o testemunho de quem viu fundar-se e crescer

o estabelecimento de educação, cujo anniversario hoje festejamos.

Ha 20 annos, neste mesmo dia, assistia eu á inauguração deste collegio, sob a direcção de Miss Watts, que aqui deixou saudosas recordações, tendo como auxiliar Mlle. Renotte, que dotada de grande talento e tenacidade de vontade contribuiu, efficazmente, para que a nova instituição, se firmasse desde logo, no conceito publico.

Esta distincta professora, depois de prestar relevantes serviços ao Collegio resolveu, como ella o dizia, mudar de carreira e retirando-se para os Estados Unidos, ahi conseguiu, a golpes de talento e pela perseverança de sua vontade, conquistar o honroso titulo de doutora em medicina.

Fundado assim o collegio sob os auspícios de uma direcção intelligente e criteriosa, começou logo a atrahir a attenção dos paes, que o procuraram para a educação dos seus filhos sendo eu um dos que aqui eduquei todos os meus filhos—homens e mulheres.

Dizem alguns que não se conformam com o systema americano, que, o mal que traz ás nossas plagas, o educador americano, é o interesse da propaganda religiosa.

Mas embora isto seja verdade, não vejo o mal que dali possa resultar.

De facto qual é a religião que propagam os americanos? Qual o Evangelho que ensinam com a dedicação de verdadeiros apóstolos? É a religião de Christo, é a religião da paz, do amor e da confraternidade humana.

Pois não é o Evangelho de Jesus a pedra angular sobre que assenta a sociedade moderna? Não é a doutrina de Christo a que conforta os crentes nos dias angustiosos da vida e não é esta mesma doutrina que tem contribuido, nos tempos modernos para os progressos da civilização de que hoje gozamos? Longe de ser um mal, é um beneficio a propaganda das doutrinas christãs—que regenerando poderão influir para que cessem os desvarios das facções anarchistas, mancomunadas no exterminio dos supremos depositarios do poder publico.

Não escapou á sanha do banditismo da seita o nobre presidente da grande republica norte americana, Sr. William Mc Kinley e entre nós o atrevido de d.

ANEXO N – Informação sobre a viagem de Martha Watts e Maria Rennotte aos Estados Unidos, com o objetivo de descanso e estudos (Gazeta de Piracicaba – 1886)



GAZETA DE PIRACICABA

Guilherme Carlos Lassance, actual mordomo da Serenissima Princesa Imperial, Barão de Parana e dr. Joaquim Xavier da Oliveira Pinheiro, este fallecido, ha alguns annos, e aquelle ha pouco, no Rio de Janeiro.

Este mesmo pessoal fez depois a demarcação da fronteira da Bolivia e parte d'elle, presidido pelo exm. Barão de Parana, fez tambem a demarcação da fronteira de Venezuela.

A vida do exm. sr. Visconde de Maracajú não tem periculado a elle, nem a sua exm. consorte, uma brasileira distincta por suas virtudes e excellentes qualidades, mas a vida, que a'elle tem um de seus valentes heróis.

A commissão de limites com o Estado Oriental, a campanha do Paraguay em que exerceu as funções de ajudante general do exercito, a commissão de limites com o Paraguay, a commissão de limites com a Bolivia, as presidencias de Mato-Grosso, do Amazonas e do Pará, formam a aureola brilhante, que circunda a sua fronte veneranda e illumina a sua vida publica.

Piracicaba, 17 de Março de 1886

Linha Itanao—Em nosso ultimo numero e sob esta epigraphe notamos a demora havida em chegar-nos uma encomenda de papel de impressão.

O sr. dr. Elias Fausto Farelho Jordão, digno inspector geral da linha Itanao, veio mostrar-nos a factura das cargas entre as quaes figurava o papel esperado, e d'essa factura vê-se que o mesmo papel foi despachado em S. Paulo no dia 1.º e só a 5 chegou a Jundiaby, vindo tora a esta cidade no dia 8.

Cabz portanto a estrada de ferro Iguazua a censura por demorar 5 dias no transporte de uma carga qualquer, de S. Paulo a Jundiaby.

Realmente, com tal velocidade, a estrada de ferro adianta muita coisa. Cinco dias de S. Paulo a Jundiaby, á vapor, já é andar!

Ao sr. dr. Elias Fausto agradecemos a attenção que teve para conosco, vindo d'nos mostrar-nos que a demora não foi devidida á linha ferrea sob sua gerencia.

Ata dos ladroes—Das 7 ás 9 horas da noite de 13 do corrente os ladroes penetraram por uma janella do fundo, na casa de negocio de molhos do sr. Joaquim Margal de Camargo Silles, á rua do Commercio, Estado isolada a casa, aproveitaram-se, roubando o dinheiro que encontraram e alguns generos no valor de trinta e tantos mil réis. Felizmente em dinheiro só haviam ficado uns cinco mil réis em cobre, que levaram.

Roubos como este e de maior importancia dão-se quasi todas as noites e até d'odia nesta cidade, e hontem se tem notificado.

O que é factó é que estamos em meio de ouza los ladroes que se consvram completamente impunes.

Revista Illustrada—Recebemos o n. 428, trazendo na frente o retrato do indoloso moço José Ribeiro Dantas Junior, ha pouco roubado ás letras pela morte.

Continuação, com muito espirito, da critica sobre a influencia do balão Julio Cesar em relação aos destinos do paiz e em outra pagina mais algumas criticas igualmente bem lembradas.

BALANCETE	
RECEITA	
110 socios a 60000	6600000
Rendimento do theatro	5115000
3 noites	2205000
Deve a sociedade	43915000
DESPESA	
Porta-estandarte, roupa para músicos, idem para arceos e pichadores, foguetes, carros, annuncijs, etc.	4715000
Arranjos do theatro e carros	5005000
2 bandes de musica	3105000
Recebedores	405000
2 carroços	705000
Rs. 43915000	
Deficit 2205000	
Piracicaba, 10 de Março de 1886.	
Eduardo de Paula Carneiro, Pedro Ferraz do Amaral.	

NOTICIARIO

Para os Estados Unidos—Partem amanhã, com destino aos Estados Unidos, as illustradas directora e professora do importante Collegio Piracicabano, Miss M. H. Watts e M.ª Rennotte, cuja amestrada penna por vezes tem illustrado as columnas desta folha.

As distinctas professoras, depois de prestarem grande serviço ás nossas jovens conterraneas, e mandando-as ao importante Collegio, vão passar algum tempo de descanso na patria da primizia, onde se demorarão cerca de um anno, aproveitando o ensejo de estudar os methodos de ensino ali seguidos, tanto em estabelecimentos particulares, como nas academias.

Em sua volta ao Brazil, pretendem fundar um collegio para certos do sexo masculino nesta cidade, estabelecimento no qual introduzirão todos os melhoramentos observados nos de igual genero, dos Estados Unidos.

Essa idéa merece os mais sinceros encômios.

Desjamos ás distinctas e sôbrias viageiras muito feliz e cordialmente agradecemos a sua honrosa visita de despedida.

Notas de viagem—Terminamos hoje a publicação dos artigos, que com aquella epigraphe escreveu o sr. dr. Joviano Regivaldo Alvim.

Ao encerrar essa publicação, podemos assegurar que agradou geralmente aos nossos leitores, o que é para nós motivo de contentamento e só se a igualmente a seu autor.

Faculdade de Direito—Fizeram acto e foram approvadas pleneamente os academicos da Faculdade do S. Paulo, srs. José Pinto de Almeida Cesar, 4.º anno, a 11 do corrente e Detavio Mendes, 1.º anno, no dia 12.

O primeiro o desta cidade, filho do sr. Ricardo Pinto de Almeida e o segundo de Campinas, filho do sr. Manoel Francisco Mendes.

Nossos parabens á ambos os academicos.

Consvro—A 13 do corrente casou-se nesta cidade o sr. Joaquim Margal de Camargo Silles com a exm. sra. D. Policiana Maria de Carvalho, filha do sr. Manoel Morato do Couto.

O acto celebrou-se na Matriz sendo testemuhas por parte do noivo o sr. João Mendes Pereira de Almeida e da noiva o sr. João Morato de Carvalho.

Aos noivos desejamos innumeras felicidades.

Collegio Piracicabano—Durante a ausencia temporaria do digno director da Collegio Piracicabano, sabemos que fica dirigindo essa estabelecimento a habil professora Miss Bruce, cuja capacidade para exercer tal cargo é reconhecida, tendo-se manifestado sempre durante o já bem largo periodo em que faz parte do corpo docente do Collegio.

Pode-se assegurar que com essa substituição temporaria, em nada será alterada a direcção do estabelecimento sendo certo que houve o maior cuidado na escolha da digna professora para occupar tão importante lugar.

Na cidade—Comunicamos:—Está nesta cidade o nosso jovem conterraneo sr. Paulo M. de Moraes Sampayo, que actualmente estuda preparatorios no Collegio Moretz-Solin, da capital.

Nova firma—Os srs. Julio Conceição e Manoel de Arruda Leme nos communicam que organizaram uma sociedade na praça de Santos, sob a firma de Julio Conceição & Arruda Leme, para o commercio de commissões de café e outros generos, tomando essa sociedade a seu cargo o activo e passivo das extinctas firmas de Julio Conceição & C.º e Arruda Leme & C.º.

Como as suas antecessoras, a nova firma é merecedora de plena confiança.

Mecenas—Ao sr. dr. Afredio Vidigal, juiz municipal e annexo, deste termo, concedeu o governo provincial um mez de licença.

Eservas sexagenarias—Pela collectoria desta cidade já foi entregue ao juiz de orphãos a lista dos escravos sexa-

genarios comprehendidos no favor da nova lei sobre o elemento servil.

Essa lista contém os nomes de 652 individuos, porém, ficou em tanto reduzida, visto que figuram nella nomes de escravos já fallecidos, tendo sido extractada em grande parte pela matricula de 1873.

O sr. juiz de orphãos em exercicio trata de cumprir a lei declarando livres os escravos que a isso tiverem direito.

Instrução primaria—O sr. Saveriano Borges Martins da Cunha, irmão do director desta folha, vindo residir nesta cidade, abriu no dia 18 do corrente á rua da Gloria n. 16, uma escola diurna e nocturna, para o ensino de primeiras letras, recebendo tambem discipulos de matriculas secundarias, tanto para o ensino em sua casa como em casas particulares.

Para o annuncio que publicamos chamamos a attenção dos srs. pais de familia, certos de que a habilitação, longa pratica e dedicação daquelle professor, são garantias de aproveitamento para os alumnos que lhe forem confiados.

Entrega de diploma—No dia 13 foi entregue no Rio Claro, o diploma de deputado geral por este districto ao sr. Visconde do Pinhal.

Na noite d'esse dia alguns liberaes e conservadores angariaram concurrencia e festejaram o facto nesta cidade, reunidos-se com uma banda de musica no kiosque do Salto, onde saltaram muitos foguetes e serviram-se de quantidade de cerveja.

Em seguida subiram para a cidade com a musica e foguetes pela frente e percorreram diversas ruas, saudando a varios liberaes e conservadores em suas casas, depois do que, foram ao restaurant Gottlob, arrematando ali a festa com uma ceia que prolongou-se até á madrugada.

Correu em boa ordem essa manifestação politica.

Companhia Lecadora—Para conhecimento dos socios, publicamos abaixo o balancete da receita e despezas feitas com os festejos carnavalescos este anno.

Ha um deficit do 2205000 que foi pago pelos directores, deixando, apesar d'isso, as festas de allumina mediu dos nossos desejos, por falta de apoio da parte da população, pois de 110

SECCAO LIVRE

Exposiçao sul americana de Berlim

A commissão nomeada pela camara municipal d'esta cidade faz publico que nos mezes de Maio a Julho do corrente anno realizar-se-ha em a cidade de Berlim, capital da Alemanha, uma exposiçao de productos da America do Sul, e especialmente do Brazil, promovida pela sociedade central de Geographia Commercial de Berlim; e sendo da maior conveniencia que este extenso, fertile e prospero municipio se faça representar n'essa exposiçao, afim de tornar-se conhecido e de atrahir immigrants, que venham enriquecer a excellente colonia alemã, já aqui existente, convidamos a que remittam productos, de qualquer especie, naturaes, da lavoura, ou da industria, para aquella exposiçao, entregando-a a qualquer dos abaixo assignados, que se incumbirão de remessa, a qual será feita livre de fretes e de impostos de exportação.

Piracicaba, Março de 1886.
Carlos Nehring,
Luiz Queiroz,
M. de Moraes Barros.

Dois Ultimos

—Olá! Vianna! como vaes?...
—Mal! muito mal! não como ha tres dias!
—E qual o motivo?... Estás doente?...
—Não!.. felizmente!.. porém o paladar da cosinheira não me agrada!
—Cosinheira mal?!.. Tens um magnifico remedio, vaes ao Saldão Javanaz, e pedes um bife á bahiana... um? tres... por que garanto-te que cometas todos elles facilmente... são excellentes.
—Sim... então vou a correr!..
—Até logo!
—Até logo!..

Sociedade carnavalesca

Para conhecimento dos socios, publicamos abaixo o balancete da receita e despezas feitas com os festejos carnavalescos este anno.

Ha um deficit do 2205000 que foi pago pelos directores, deixando, apesar d'isso, as festas de allumina mediu dos nossos desejos, por falta de apoio da parte da população, pois de 110

ANUNCIOS

Casa do Gavião

Nesta casa acima compram-se Estanques já servidos e em aguardente, sendo de muito boa qualidade e bom uso, quasi novos, a serem examinados, por preços commodos.

5-1

BOM NEGOCIO

Vende-se por preço barato uma casa á rua da Gloria, com 16 palmos de frente e 19 de fundo, sendo que neste a largura é de 40 palmos.

Tambem vende-se todo o accessorio de um salão de barbeiro, e comprehendendo mobilia, espeleto, e outros objectos, tudo por preço m'dico.

Vendo-se igualmente uns carros e uma pipa para vender agua, com todas as pertences, um bom cavallo para puxar a e uns arceos completos para montaria.

Quem pretender, dirija-se ao proprietario, Franklin José de Carvalho, em frente á cadeia.

9-1

SOLICITADUR

O abaixo assignado encarregado de causas civis, criminaes, obranças, inventarijs, matriculas do escrivães, etc. etc. No mesmo scriptorio encontra-se empregos de habilit para o bom desempenho dos servicos de sua praxia, podendo ser precuado a qualquer hora.

Piracicaba 5 de Março de 1886.
João Augusto do Amaral Gargel.

FUSTÃO

Branco e de côres, chitas cretones, á chegar brevemente á

LOJA DO SOL

ROMANCES BARATOS

Emcava 10-9

G. Couto & Comp.

S. SECRETO DE PIRACICABA

Terá lugar no dia 29 do corrente a 3.ª perda annual.

Os srs socios não terão ingresso sem o competente cartão, assim como as pessoas que forem com dadas.

Piracicaba, 10 do Março de 1886.

O 1.º secretario
F. França.

3-2

ANEXO O - Comentário sobre o auxílio de Prudente de Moraes à Maria Renotte em seus estudos de medicina (Gazeta de Piracicaba, de 19/7/1905)

GAZETA DE PIRACICABA DIARIO IMPARCIAL TELEPHONE N. 71 RUA PRUDENTE DE MORAES, 44 Director - E. BOLDICHT LETUGA

ANNO XXIV

PIRACICABA, Quarta-feira 19 de Julho de 1905

NUM. 3676

ASSIGNATURAS Para trimestre, adiantado... 38000 Para seis meses... 72000 Anual... 128000

A boiada

O campo estende-se por grande parte, cobrindo de verde as montanhas por uma ou outra fazenda assentada no declive de uma colina.

Alta eira a casa do fazendeiro contempla ao cair a tarde, o gado pastoreando que vem chegando do campo, agora entregue aos cuidados das mães e das "perdiças".

Vem chegando o gado levado pelas cantigas dos vaqueiros que o rebanho no grande e espaçoso curral da fazenda, onde recebe pela última vez o sal espalhado nos cochos e erguéis sobre forquilha.

Após o dia, sob a madrugada ainda escura, os vaqueiros preparados para longa viagem e a saem a porteira que rasga o campo a camba nostálgica.

Os vaqueiros cantam para alegrar a si e o gado que se torna somnolento e cantilena.

As publicações que devem enviar pelo correio, forem registradas e assinadas pelo interessado, como o visto da autoridade local, para evitar se abusos.

A situação da Rússia O almirante Wiresun, chefe do estado maior da armada, em Petersburgo, mandou o batalhão desmontar os boatos propagados dizendo que se haviam rebelados os marinheiros da esquadra do contratorpedeiro "Marina II", que faz parte da divisão do Mar Negro.

Terremoto no Rio Os sismógrafos de observatório do Rio amanhecem para breve um terremoto naquela capital.

Por serem mandados diminuir as cargas de dinamite empregadas no Morro do Casulo.

Ladrões de animais

Abixo transcrevemos o apelo que os posseiros estimados do Município de S. Manuel, dirigem à imprensa, no sentido de exterminar as hordas de animais que enfastam quasi todos os municípios do interior do Estado.

Somos solidários com o justo apelo dos colegas e a elle prestaremos todo o nosso apoio, empregando os maiores esforços para ver si assim terá um parafuso o latrocínio de animais que em a sociedade diariamente, as folhas desta terra registam.

É o apello: Os continuos roubos de animais que em quasi todos os municípios do Estado, e tambem no nosso, se tem feito, nos levam ao empobrecimento dos proprietários e jornalistas interessados na defesa da ordem publica e das garantias a propriedade, a fazer a toda a imprensa do interior o seguinte apello:

Ór. Toda imprensa do interior, uma secção sob o titulo Ladrões de animais na qual se jun publicados todos os sinais de cada animal. Essas noticias serão transcritas por todos os jornais do interior. As victimas fornecerão as informações e as publicações serão gratuitas, cabendo aos interessados a remessa do jornal à autoridade em cujo lugar se registar os acharem os senhores roubados, com as informações precisas.

Por nossa parte, pedindo aos nossos colegas do interior a transcrição destas linhas, por nós desde já gratuitamente a disposição dos interessados as nossas columnas.

As publicações que devem enviar pelo correio, forem registradas e assinadas pelo interessado, como o visto da autoridade local, para evitar se abusos.

A situação da Rússia O almirante Wiresun, chefe do estado maior da armada, em Petersburgo, mandou o batalhão desmontar os boatos propagados dizendo que se haviam rebelados os marinheiros da esquadra do contratorpedeiro "Marina II", que faz parte da divisão do Mar Negro.

Terremoto no Rio Os sismógrafos de observatório do Rio amanhecem para breve um terremoto naquela capital.

Por serem mandados diminuir as cargas de dinamite empregadas no Morro do Casulo.

IRMãs DE CARIDADE

Quando S. Vicente de Paula ora ministro da Luiz IV, aprouve-lhe-se um dia, no palácio real com duas irmãs de caridade.

Uma das jovens era extremamente formosa e o monarca em breve reconheceu que não podia ser insensível aos seus encantos.

Colocado junto d'ella, a sua não tão extraordinarios progressos dominando o por completo.

Então, no momento em que se sentiu mais arrebatado, querendo rapta-la, Luiz IV levantou-se precipitadamente, pegou num guardanapo e cobrou com elle a cabeça da dozeza exclamando: —Vicente, de hoje para o futuro é preciso que occultes o rosto das tuas filhas.

Desde então as irmãs de caridade adoptaram uma touca imitando a forma com ficou coberto o guardanapo.

Dr. Maria Renotte O nosso collega, Dr. Papariz, de S. Paulo, inseriu a seguinte noticia em relação a dr. Maria Renotte que, com prazer, transcrevemos: "Completaram-se ante-hontem 16 annos que a dr. Maria Renotte seguiu para os Estados Unidos da America do Norte, a fim de dedicar-se aos estudos de medicina."

Foi o prantado Dr. Prudente de Moraes, então governador do S. Paulo, quem auxilian a distincta senhora no seu nobre intento, como se sabe corado de feliz exito.

Protegida mostrou-se digna de protecção e reconhecida, pois quando se lucion nesta capital a subscrição para erguer-se o monumento que existe em Piracicaba, em homenagem a elle, a senhora foi a primeira a assinar para aquelle fim foi a dr. Maria Renotte que subscriviu 500 mil réis."

Novos colonias Brevemente será dado começo a construcção das casas do núcleo colonial "Jorge Tiburcia", em Curitiba, a cargo do engenheiro Rodolpho Hoffmann. Além desses serviços, de já ainda ser começado por todo o mez o trabalho da mudança do curso do rio Curitiba, indispensavel para o saneamento do local, pe a execução dos trabalhos alli existentes.

Esse e o estabelecimento de um novo Instituto Agronomico similar ao de Campinas e que se projecta fundar em Foz de Iguaçu, em outros tantos títulos de benemerencia a que faz jus o illustre sr. reitor da Agricultura do nosso contraindo, dr. Carlos Buelche.

As machinas da Suoerrio

Não é a primeira vez que o traine desta companhia parou por longo tempo antes de chegarem à estação, impedindo o transito na rua 15 de Novembro.

Ainda este hontem pelas 7 1/2 horas da noite, assim aconteceu não sendo pela acessibilidade de receber agua, pois a machina estava quasi á entrada da rua e portanto muito longe do reservatorio.

Não sabendo a quem pedir providencias remetemos o vto assignado, que a tal proposito nos veio a mão ao digno gerente da Suoerrio, o illustrado Kock.

Luz electrica

A Camara Municipal de S. Manuel firmou com o sr. dr. Francisco A. de Souza, Quiróz Netto contrato para a illuminaçao electrica e fornecimento de força motriz a aquella cidade.

A Camara do Capivary, consta, vai tambem em breve abrir concorrência publica para illuminaçao electrica da cidade.

Por sentença de ante-hontem do dr. juiz de Direito da 1.ª vara em Campinas, continuam em embargo as obras da nova empreza de luz electrica da aquella cidade.

Piracicaba Lira

O sr. coronel Paulo Ozorimbo, administrador dos correios do Estado, declarou, em offício ao nosso apreciado collega "Eminentissimo" da mesma cidade que, lhe dá o nome, que já pedida ser creada a linha de correio em treje de aquella cidade a ser por falta de verba para custeio.

Sr. ex. prometteu, adremitto, e atender a reclamação do Linet, não se creia que o proximo exercicio honre margem.

Os successos de Novembro

Sob a presidencia do sr. marchall Silva Barão, a conselho de guerra a que respondem os officiaes implicados nos successos de novembro.

Por um interrogatorio do sr. general Olaypiti da Silveira senente-coronel Luiz Sodré e major Ezequiel dos Reis.

Jantar Intimo

Postejado á vespera do casamento que se deu hoje de sua genitoria filha extra, sr. d. Amelia Pinto com o estimado moço sr. José Pereira Pinto, em sua residência, um magnifico jantar intimo a convite de seus amigos.

A mesa, em forma de T, estava ricamente ornamentada com jarras de flores naturaes. Occupou o lugar de honra o joven e distinguido par, sr. Carlos de Moraes, de suas orações, famílias e convidados.

O cardapio, variado e caprichoso, compunha-se de iguarias delicadas e que regaram vinhos finissimos. Ao champagne, levantando-se, o dr. Alfredo Cardoso iniciou a serie dos brindes, com uma brilhante allusão aos noivos. Outros brindes e secundários cordalissimos.

Após o jantar seguir-se a musica executada no piano pela galante menina Olgueira, de 7 annos de idade filha do sr. col. A. B. Ferraz Netto. Original e com deusas grancias interessantes que juntam a delicadeza das feições a graça do todo no dizer, no cantar—porque ella tambem canta acompanhando-se no piano,—uma orquestra esquisitissima.

Dahi os applausos ruidosos que sempre recebe cada vez que, num salão ou num salão intimo se faz ouvir.

Ja no extincio "Club Piracicabano", por "imprudencia" vamos teve a nossa sociedade omissão de a aplaudir, e hontem, após o jantar em casa do sr. dr. Pereira Pinto, a galante Olgueira teve mais uma occasião de ver quanto lhe sabe a nossa sociedade apreciar os doctos raros.

A esta com que aquelle sr. celebrou a vespera do casamento de sua extra filha foi deusa cujas impressões perduram por longo tempo.

O nosso café

Partirá hoje, da capital do Estado, para Londres, onde vai fixar residencia, o dr. Alvaro Joaquim de Oliveira, que estabeleceu naquelle capital uma fabrica de café brasileiro, por processo de sua invenção, tendo já introduzido este sistema no Japão.

O sr. dr. Alvaro de Oliveira é lente jubilado da Escola Polytechnica de sciencias importantes commissões do governo e entre estas a de director geral dos Telegraphos.

Indio oelto

A 23 de junho chegaram a Coritiba, andando a pe de sobre o Rio das Unhas, um Thonath 5 indios, Guarany, de grande tribu commandada pelo cacique Jijajuh.

Esse indio sabe ler e escrever e tem se quezado sobre a sua passagem pela Villa de Thomath, e autor de um vocabulario guarany portuguez publicado no "Almanac do Paraná" de 1890.

ATRAVEZ DA IMPRENSA

O sr. Carlos Amora, ex alumnado da Escola do Brasil, inventou mais um dirigivel, cujo modelo mostrou á imprensa. Compõe-se elle de uma roda de bicycleta, sobre a qual do qual fica o envolucro em forma de charuto. A barquinha, que é ligada á bicycleta por uma rodinha, terá um motorcyle a gasolina. A roda serve para diminuir a impetuosidade do ar. O sr. Carlos Amora pretende ir ao palacio em S. Paulo, a fim de pedir o apoio do sr. presidente do Estado.

Falleceu em Porto Alegre, o conceituado jornalista e escriptor Fernando Pimentel, irmão de Herculano portuguez Alberto Pimentel.

No proximo dia 27 é esperado de Caxambu o sr. dr. Campos Salles, ex presidente da Republica.

Entre outras manifestações que se preparam para receber o sr. dr. Campos Salles, o sr. dr. Campos Salles, ex presidente da Republica.

A Camara de Capivary vai publicar o sr. dr. Campos Salles, ex presidente da Republica.

Dis o "Diario Populár" que noticia recebida ante-hontem, de Belio Horizonte, diz que o partido republicano mineiro, por seus directores, indicará brevemente a sr. dr. Campos Salles, ex presidente da Republica.

Está assignado o decreto de allusão do Brasil ao Conventio Interamericano contra o trafico de mulheres brancas.

Depois de ter conferenciado com diversos chefes mineiros, seguiu de Belio Horizonte para o Rio de Janeiro, no dia 14 do corrente, o senador João Pinheiro que trouxe para o Galleto o desengano quanto a candidatura Bernardino de Campos. Minas repelle a nefasta candidatura para votar no conselheiro Afonso Penna.

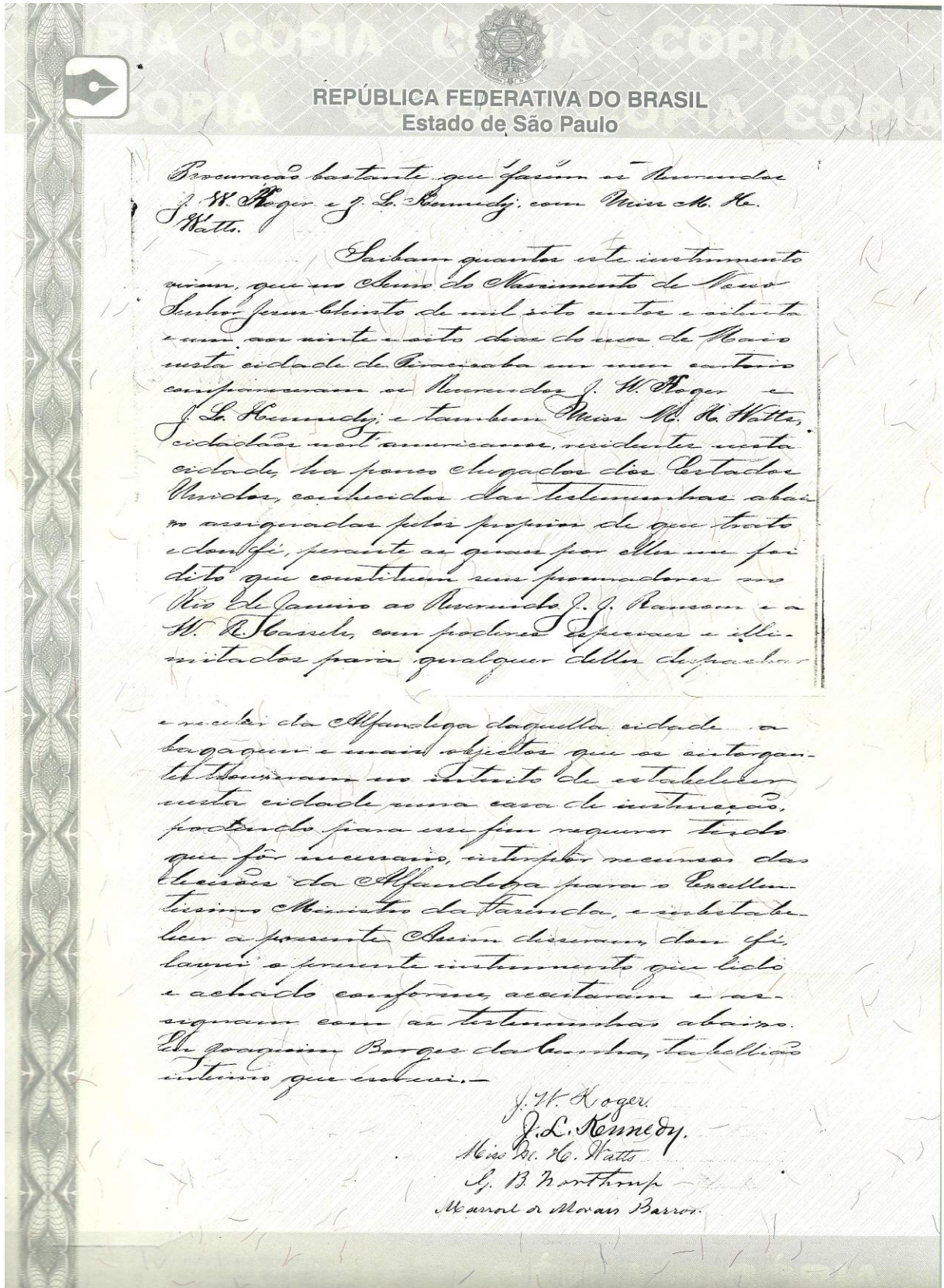
G jornal "El Mercurio" de Santiago do Chili, estudando a situação naval de todos os países da America do Sul, declara fundado em argumentos, que em breve o Brasil terá a primeira esquadra, a Argentina, a segunda, o Peru e terceira o Chile a quarta.

Essa folha fez ainda considerações á marinha da guerra brasileira.

LIQUIDAÇÃO FINAL - experimente quem quizer fazer verdadeiras pechinchas. Loja AS DUAS AMERICAS - Rua do Comercio 121 - esquina da rua São José.

ANEXO Q – Procuração de Martha Watts (Livro 32, páginas 027/027, v. 1881) – 2º.

Tabelionato de Piracicaba

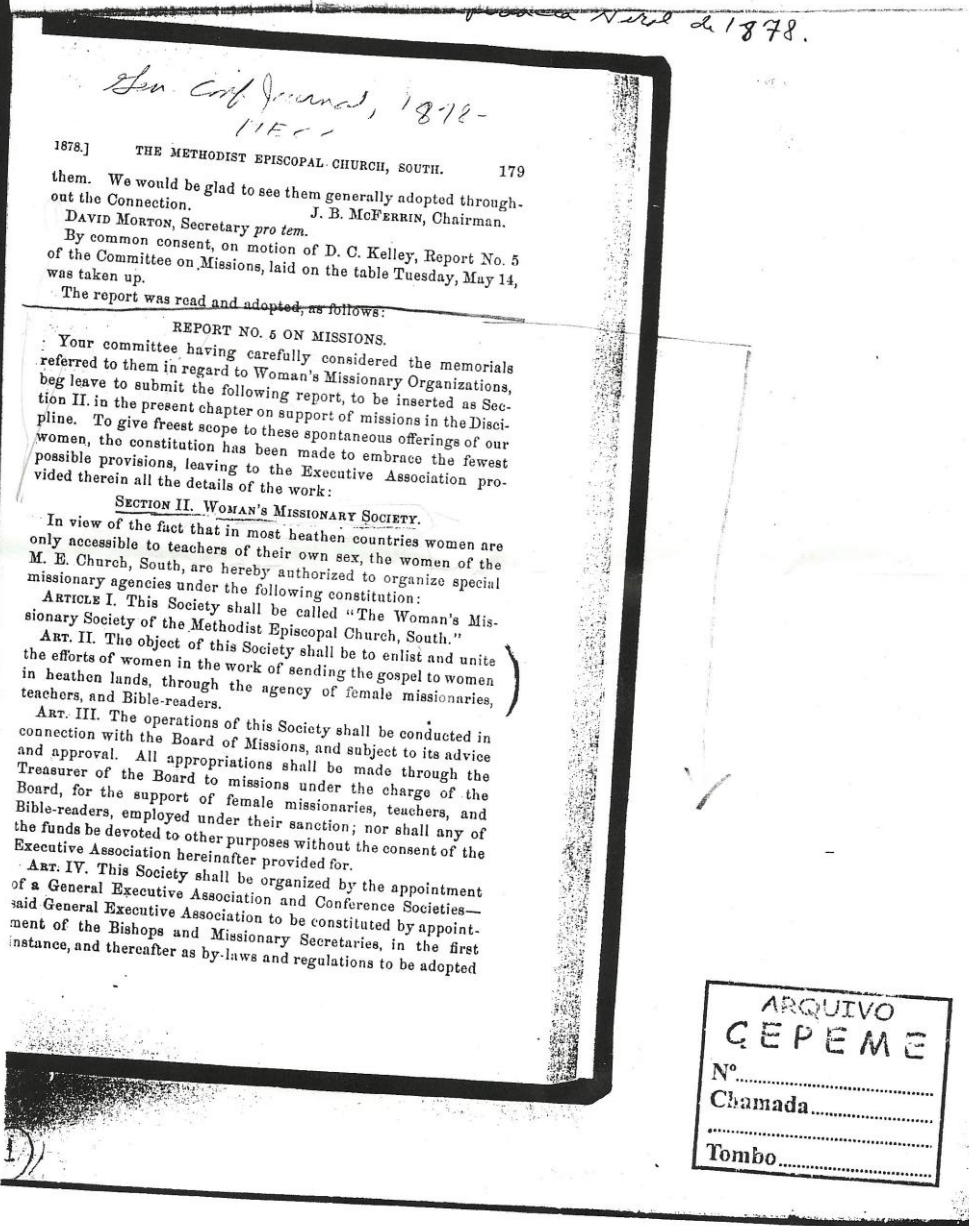


ANEXO R – Apresentação do rol de membros da Igreja Metodista Central de Piracicaba (Folha 1) e Maria Rennotte recebida como membro da Igreja Metodista Central de Piracicaba no ano de 1883 (Folha 2)

MINISTRO OFICIANTE	Exclusão		Mudança de Nome	Observações
	Modo	Data		
<p>Rol permanente da Igreja de Piracicaba</p> <p>Os nomes de n.º 1, ao n.º 1860 foram copiados do livro de rol, que foi organizado pelo rev. Guaracy Silveira, quando exerceu o pastoreado na Igreja M. de Piracicaba.</p> <p>Antônio Racitto Piracicaba, 1 de Janeiro de 19...</p>				

NOME POR EXTENSO	Sexo	Data do Nascimento	Nacionalidade	Recepção	
				Modo	Data
Francisca C. Rogue				Transferência	11. 9. 1881
M. G. Watts				Transferência	11. 9. 1881
William Godfrey				Transferência	11. 9. 1881
E. L. Smith				Transferência	11. 9. 1881
Saura Smith				Transferência	11. 9. 1881
Suzabeth G. Smith				Transferência	11. 9. 1881
George W. Smith				Transferência	2. 10. 1881
Emma Keagall				Profissão	30. 7. 1882
Anna Maiorca				Profissão	21. 1. 1883
Kochior Korahenbüll				Profissão	21. 1. 1883
Maria Blumer				Profissão	21. 1. 1883
Jacob Blumer				Profissão	21. 1. 1883
Pedro Blumer				Profis.	21. 1. 1883
Fiora M. Blumer de Toledo				Profissão	21. 1. 1883
Catharina Petersen				Profissão	21. 1. 1883
Osvald Xauer				Profissão	21. 1. 1883
Henrique Mahm				Profissão	21. 1. 1883
Suiza Mahn dos Santos				Profissão	21. 1. 1883
Margarida Mahm				Profissão	21. 1. 1883
Barbara Blumer				Profissão	25. 2. 1883
Fanchet Andros				Profissão	25. 2. 1883
Bertha Korahenbüll				Profissão	16. 4. 1883
Vitoria Prestredge				Profissão	16. 4. 1883
Mary Prestredge				Profissão	16. 4. 1883
Maria Bennoite				Profissão	16. 4. 1883
Joaquim A. Baptista Prestes				Profissão	16. 4. 1883
João Paulo de Almeida				Profissão	9. 3. 1884
Domingos da Costa Poriz				Profissão	9. 3. 1884
Maria Viçoso de Moraes				Profissão	9. 3. 1884
Rita do Amaral Campos				Profissão	16. 3. 1884

ANEXO S – Cópias do Estatuto da *Woman's Missionary Society*, aprovado em 1878. Fonte: *Journal of The General Conference of The Methodist Episcopal Church, South*. Arquivo Cepeme/Unimep (Folhas 1 e 2)



by the Association shall provide; and Conference Societies to constituted in accordance with provisions of such by-laws regulations.

ART. V. The funds of the Society shall in all cases be deriv from private efforts, and in no case from public collections duri regular Church-service.

D. C. Kelley gave notice that a meeting of women, visitors a residents, will be held in the First Church, Atlanta, to-morrow 10 o'clock, to organize under the constitution.

J. E. Evans, chairman of the Committee on Revisal, present Report No. 19 of that committee, which was read.

W. G. Veal moved the following substitute for the third item Amend the Discipline in regard to Financial Board, item Chapter IX., Section 5, page 160. Be changed by striking "close of annual session," and inserting "second day of annual session."

This substitute did not prevail.

The report was adopted, as follows:

REPORT NO. 19 ON REVISAL.

The Committee on Revisal submit Report No. 19:

1. They have had under consideration a paper signed J. Dye and A. R. Winfield, and report that the subject-matter this paper has been already reported on by your committee, it needs no farther notice.

2. We recommend non-concurrence in the memorial of Memphis Conference, requiring the Presiding Elder to furnis list of the members of the District Conference.

3. Your committee recommend that you do not concur i paper signed A. M. Chrietzberg and O. A. Darby, recommendi change in the Discipline touching the Joint Board of Financ

4. They also recommend non-concurrence in the paper of S. Johnson and H. P. Walker, touching the record of the J Board of Finance.

5. No action is necessary on the paper of C. F. Harvey and Roberts, as the subject-matter has already been reported on your committee.

6. We recommend non-concurrence in the paper of T. S. W and S. Black, which proposes to strike out Ans. 3, Ques. 1, 12, Chap. III., page 98, of the Discipline.

Respectfully submitted.

J. E. EVANS, Chairma

F. M. KENNEDY, Secretary.

↑
180
↑
including

2)

Anexo T – Imagem de Anna Maria de Moraes Barros

Anexo U – Dedicatória constante da tese de Maria Rennotte

Sinceras amigas do Povo são Ellas, pois uma cuida de am-
parar as mais desgraçadas ; a outra de educar as crianças.

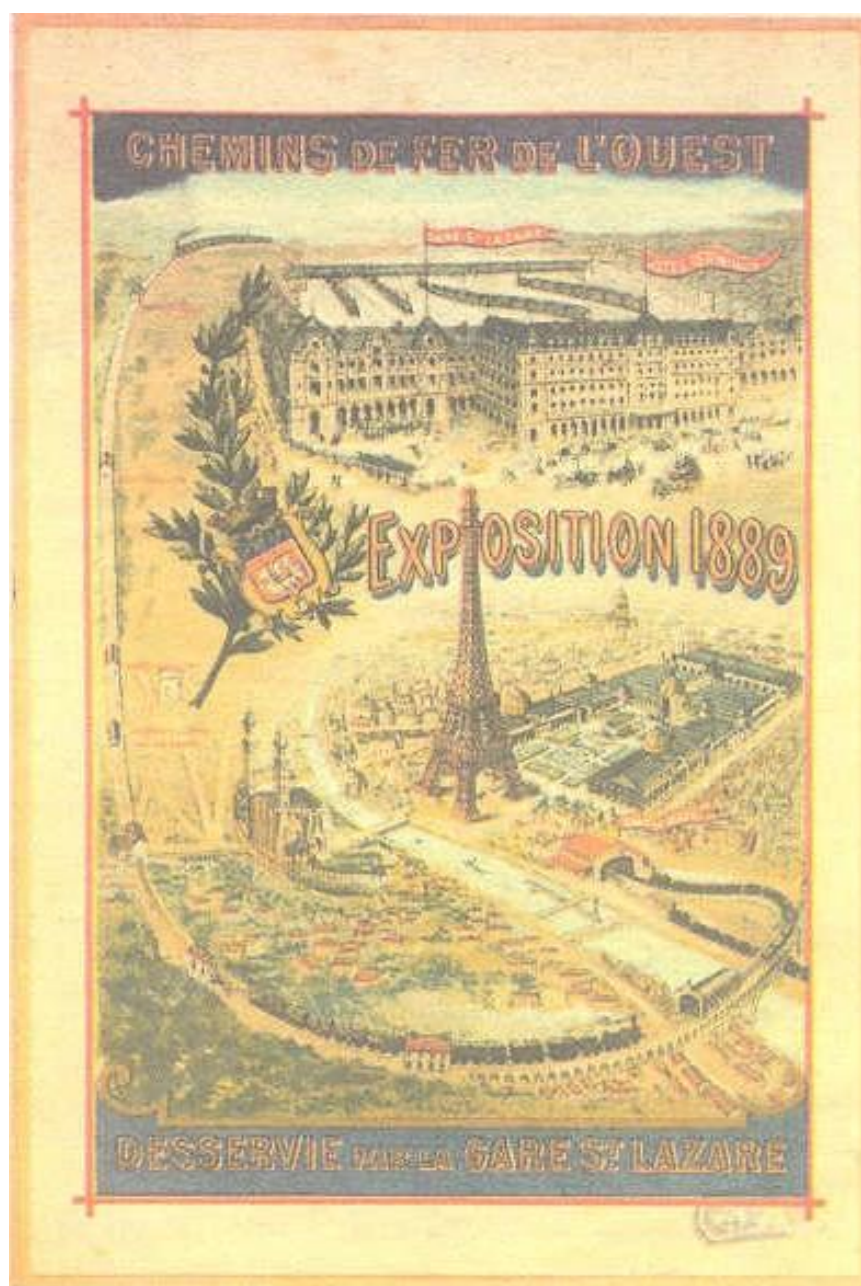
A vous

M. H. Watts

et

A. M. de Moraes Burchard

une autre amie du Peuple dédie son modeste ouvrage.

Anexo V – Fôlder da Exposição Universal, em Paris

Anexo W – Imagem de Maria Rennotte

Anexo X – Imagens de Maria Rennotte – fases



